



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

Riscos e Perigos: um estudo sobre os conflitos cotidianos dos agenciadores do tráfico de drogas ilícitas

João Pedro de Santiago Neto

Fortaleza
2014

JOÃO PEDRO DE SANTIAGO NETO

Riscos e Perigos: um estudo sobre os conflitos cotidianos dos agenciadores do tráfico de drogas ilícitas

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Glória Maria dos Santos Diógenes

Fortaleza, 26 de Setembro de 2014

Orientador Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes

Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. César Barreira

Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior

Universidade Federal do Ceará

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S226r Santiago Neto, João Pedro de.
Riscos e Perigos : um estudo sobre os conflitos cotidianos dos agenciadores do tráfico de drogas ilícitas / João Pedro de Santiago Neto. – 2014.
132 f.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2014.
Orientação: Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes .
1. Drogas - abuso - aspectos sociais. 2. Tráfico de drogas - Fortaleza. 3. Jovens - uso de drogas - Fortaleza. I. Título.

CDD 301

RESUMO

Esta dissertação tem como intuito desenvolver uma análise sobre o fenômeno do tráfico de drogas a partir da compreensão etnográfica sobre as significações das situações vivenciadas por indivíduos que praticam o comércio de /crack/, maconha e cocaína em Fortaleza, Ceará. Pretende-se analisar as informações obtidas durante oito meses de /interação/ com jovens envolvidos em diversas práticas /desviantes/ (Becker, 2008). Baseado nos registros etnográficos sobre o cotidiano de ruas, praças, becos e terrenos periféricos da cidade busca-se entender as lógicas que permeiam os conflitos inerentes à dinâmica do comércio de drogas. Para isso, serão apresentadas situações que ajudam a compreender os pontos de vista dos praticantes do comércio varejista de drogas. Ressalta-se os relatos de traficantes sobre os ganhos, ameaças e dilemas vivenciados no contexto de práticas socialmente condenáveis. Os dados etnográficos expressam e traduzem as maneiras como se relacionam diferentes lógicas de atuação na paisagem do tráfico. Neste sentido, serão apresentadas algumas das estratégias do tráfico, como acobertamento de investidas e negociações com a polícia, que tiveram como objetivo o drible das medidas punitivas e o fortalecimento das práticas /desviantes/.

Palavras-chave: jovens, perigos, estratégias, tráfico.

ABSTRACT

This dissertation is to develop an objective analysis of the phenomenon of drug trafficking from the ethnographic understanding of the meanings of situations experienced by individuals who practice the trade / crack /, marijuana and cocaine in Fortaleza, Ceará. We intend to analyze the information obtained during eight months of / interaction / with youth involved in various practices / deviant / (Becker, 2008). Based on ethnographic records on everyday streets, squares, alleys and peripheral land the city we seek to understand the logic that permeate the inherent dynamics of the drug trade conflicts. For this, situations that help to understand the views of practitioners of retail drug will be presented. It is noteworthy reports of traffickers on gains, threats and dilemmas experienced in the context of socially reprehensible practices. The ethnographic data express and reflect the ways they relate different logics of action in the landscape of trafficking. In this sense, we present some of the strategies of trafficking, such as assaults and cover-up of negotiations with the police, which were aimed at the dribble of punitive measures and strengthening / deviant / practices.

Keywords: young, dangers, strategies trafficking.

SUMÁRIO

Introdução.....	06
1. Dilemas sobre o Tráfico	
1.1 Interfaces teóricas sobre a ilegalidade	16
1.2 Envolvimento dos jovens comerciantes.....	22
2. Metodologia	
2.1 Percursos metodológicos.....	32
2.2 Contextualizando lugares.....	49
2.3 Uso de materiais de registos.....	61
2.4 Diálogos e narrativas: análise dos discursos.....	62
2.5 Dilemas éticos.....	67
3. Desvios e estratégias: cotidiano de perigos do tráfico	
3.1 Envolvimentos, interesses e percepções.....	71
3.2 Aprendizados e técnicas para gerir o tráfico e manusear a droga.....	84
3.3 “Nas entocas”: esconde o “flagrante”.....	89
3.4 Traficante e o seu consumo de drogas.....	96
4. Territorialidades e disputas	
4.1.Contextualizando: tráfico e outros crimes	99
4.2 Roubar “nas áreas”.....	103
4.3 Ligações e fugas: pessoas com “furos”	104

5. Estratégias e combates: O traficante e os inimigos

5.1 Ameaças e defesas	112
5.2 O traficante e a população: Os “cabanas” e a circulação de informações.....	114
5.3 O traficante e a polícia	117
5.4 O traficante e o cliente.....	119
Considerações finais.....	120
Bibliografia.....	128

Introdução

O presente trabalho visa contribuir com o entendimento sobre os conflitos relacionadas ao tráfico de drogas a partir da lógica de seus participantes. Tal estudo está centrado no cotidiano do comércio de drogas ilícitas em quatro pontos de uma região de Fortaleza escolhidas conforme critérios específicos que serão explicitados de maneira detalhada no decorrer do texto. Além destes locais, serão trazidos dados complementares referentes às observações diretas de outros espaços onde o tráfico também se realiza, com o intuito de traçar contrapontos analíticos entre as áreas estudadas.

Tomando como pano de fundo a prática de jovens que estão na linha de frente do tráfico, aqueles em contato direto com os clientes, busca-se compreender como se constroem as *redes de significados* que giram em torno dos conflitos inerentes ao comércio de *crack*, maconha e cocaína (Geertz, 1989). Sendo assim, busca-se entender como as relações sociais lidam com a ilegalidade. Quais as implicações cotidianas que repercutem na vida desses jovens? De que forma eles lidam com as ameaças dos dispositivos formais da legalidade, como a polícia, e informais, como vizinhos e conhecidos que agem sobre possíveis delações.

Priorizou-se como enfoque principal, aquelas práticas em que o uso da força através da violência extrajudicial mostrou ser um fator decisivo na intermediação dos conflitos envolvendo o tráfico. Destacou-se também as ações repressivas como extorsões, torturas, discriminação e homicídios em que as motivações tivessem como pano de fundo as regras deste comércio clandestino. Sendo assim, buscou-se entender como a compreensão de aspectos dos cânones legais influencia nas estratégias de venda. Tal como a dificuldade de diferenciação entre usuários e traficantes, baseado na quantidade portada das substâncias ilícitas nos momentos de abordagens policiais.

Durante a pesquisa percebeu-se que muitos jovens traficantes utilizavam armas de fogo para interferir em diversos conflitos, principalmente naqueles que tinham ligações diretas com as regras internas do comércio de psicotrópicos. A cobrança de dívidas mediadas através de armas de fogo e do uso da violência era uma das práticas comuns. Além desses conflitos, havia diversos outros, por exemplo as disputas por território de atuação ou os deslizes cometidos por traficantes que não estavam atuando de acordo com as expectativas. Segundo Barreira,

O tráfico de drogas agora surge como o grande responsável pelo aumento dos homicídios e pela insegurança reinante, em especial, nos cenários urbanos. [...] Esse tráfico carrega graves problemas no cenário urbano. [...] Um deles está no fato de os jovens passarem a ser “braços armados” de grandes traficantes nas resoluções ou enfrentamentos dos conflitos sociais principalmente em litígios de cobranças de dívidas (BARREIRA, 2013, p. 226).

Neste sentido, o autor fornece pistas para entendermos como os jovens envolvidos com o tráfico de drogas influenciam na dinâmica dos homicídios em boa parte dos conflitos em cenários urbanos.

No Brasil a comercialização de substâncias como o *crack*, maconha e cocaína tem se estabelecido no contexto de várias regiões de maneira efetiva, tornando-se acessível a um vasto público de consumidores¹. Por sua vez, o Estado brasileiro através de prerrogativas legais, estabeleceu regras que proibiam a transação destas mercadorias através de um processo que *criminalizou* a conduta de indivíduos que estivessem com a posse dessas substâncias para o consumo, comércio ou produção. Sendo assim, o porte de tais mercadorias foi criminalizado, fazendo com que os operadores de tais mercados passassem por um processo de *incriminação* que teve como consequência uma série de estratégias para enquadrar determinados sujeitos a um *tipo social* que caracteriza um traficante, aplicando diversas medidas de acusação (Misse, 2003).

Neste sentido, podemos observar que no decorrer da história de repressão estatal ao crime, a visibilidade que é dada ao combate ao tráfico de entorpecentes no Brasil mostrou-se bastante oscilante em relação às exigências de punição e controle, pois diversos fatores sociais influenciaram de maneira significativa na maneira de coibir o tráfico. Por exemplo, a promulgação da lei 11.343/ 2006 em substituição à lei 3.368/76 propôs a tentativa de maior diferenciação entre traficante e consumidor, enrijecendo as penalidades ao comerciante e despenalizando as medidas aos usuários. Ou seja, o sujeito traficante passou a ser identificado como um alvo mais ameaçador em relação à política de drogas.

¹ Segundo a pesquisa encomendada pela Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (Senad) à Fiocruz, os usuários regulares de crack e/ou de formas similares de cocaína fumada (pasta-base, merla e oxi) somam 370 mil pessoas nas 26 capitais brasileiras e no Distrito Federal. Considerada uma população oculta e de difícil acesso, ela representa 35% do total de consumidores de drogas ilícitas, com exceção da maconha, nesses municípios, estimado em 1 milhão de brasileiros. A constatação está no estudo *Estimativa do número de usuários de crack e/ou similares nas capitais do país*, divulgada pelos ministérios da Justiça e da Saúde. A metodologia usada na pesquisa é inédita no Brasil, pois foi a única até o momento capaz de estimar de forma mais precisa essa populações de difícil acesso.

Entretanto, não foi apenas a promulgação da lei que determinou a intensidade da perseguição a certos indivíduos, pois se percebeu que alguns eventos entrelaçados faziam com que ora a repressão aumentasse, ora diminuísse. A presença e atuação da polícia nos pontos de comercialização foram indicadores significantes que demonstram a intensidade dessa repressão.

De acordo com as observações sobre as abordagens policiais e prisões efetuadas em diferentes períodos, percebeu-se que, no decorrer dos dois meses que antecederam a Copa das Confederações, a Secretaria de Segurança do Estado do Ceará, investiu de maneira incisiva no combate ao tráfico². Várias rotas de transação da droga foram bloqueadas através de apreensões e prisões, ocasionando mudanças radicais na dinâmica do comércio, especialmente no que consiste à elevação do preço das substâncias. Com a forte presença da polícia nas ruas, enquanto os números de apreensão de drogas aumentavam, tornou-se perceptível também o aumento dos casos de assaltos e homicídios entre jovens da periferia.

Essa presença mais frequente da polícia nas ruas era motivo de muitos comentários. Vários interlocutores ressaltavam que as áreas estavam “embaçadas³”, afirmando que a polícia estava “marcando colado⁴”. Nesses períodos de forte atuação da polícia sobre o tráfico, várias narrativas sobre abordagens surgiam, despertando um clima de ansiedade entre aqueles que frequentavam os locais estudados. Alertava-se para que os jovens estivessem sempre atentos (“de olho no mundo”), pois deveriam tomar cuidados para não serem pegos com “flagrantes⁵” de drogas pelas corporações

² Neste site, a reportagem do dia 17/03/2014 enfatiza a maneira como a polícia civil estava agindo sobre o tráfico, apreendendo um total de 98 kg de drogas e efetuando 50 prisões durante a operação: <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2014/03/17/noticiafortaleza,3221555/operacao-prende-44-pessoas-por-trafico-de-drogas-no-ceara.shtml>.

³ O sentido desse termo nativo pode ter várias conotações. Quando utilizado para se referir a determinada área como neste caso, significa que as ameaças de punição estão mais recorrentes e a utilização do espaço leva em consideração o medo das conseqüências que colocam em risco a integridade física e psicológica dos frequentadores.

⁴ Perseguido de maneira incisiva.

⁵ No decorrer, será empregado o termo “flagrante” para se referir ao *crack*, maconha, cocaína e algumas vezes às armas de fogo. Pois tal termo foi (re) traduzido da linguagem do direito e incorporado por policiais e aqueles que estão no mundo do crime como uma gíria nativa.

policiais⁶.

Várias viaturas bastante equipadas nas ruas, distribuídas em diversas corporações, algumas mais truculentas do que outras, faziam suas abordagens e atuavam com o intuito de combater a criminalidade. Equipes do Raio (Ronda de Ações Intensivas e Ostensivas), Cotam (Comando Tático Motorizado), FTA (Força Tática de Apoio), Ronda do Quarteirão e da Coin (Coordenadoria Integrada de Inteligência) circulavam pelos bairros com o intuito de “reprimir” algumas práticas que eram comuns aos sujeitos pesquisados. Da mesma maneira ocorreu durante o mês de dezembro, enquanto a polícia trabalhava intensivamente para combater o tráfico, muitos jovens buscavam ansiosamente possibilidade de lucro para aproveitarem as festas de fim de ano.

No campo das Ciências Sociais, vários estudiosos⁷ que pesquisaram a dinâmica de mercados ilegais ilustraram como recurso à violência aparece de maneira recorrente como elemento regulador dessas relações de mercados, especialmente na dinâmica do tráfico de drogas. Da mesma maneira, o contexto do mercado de substâncias como *crack*, maconha e cocaína mostrou ser fortemente influenciado por uma sociabilidade operacionalizada pela propulsão do uso da violência no decorrer das transações.

A utilização da arma de fogo mostrou ser um instrumento significativo para os comerciantes de drogas, pois tais artefatos representavam uma ameaça necessária para impor respeito e medo contra aqueles que não cumprirem com as exigências mercadológicas exigidas pelos traficantes local. Luis Antonio Machado aponta que uma nova forma de *sociabilidade violenta* começa a emergir a partir da década de 1970, especialmente no que consiste nas especificidades de operacionalização dos mercados ilegais de drogas por parte de organizações criminosas. Neste sentido o autor aponta que:

As organizações criminosas atuais, embora sejam empreendimentos econômicos altamente lucrativos não são empresas, no sentido de serem

⁶ Durante um dos períodos de intensificação da ação policial, foi possível presenciar cinco abordagens de corporações distintas na mesma noite de trabalho de campo. Assim como houve períodos em que passei 17 dias sem presenciar nenhum desses contatos diretos entre policiais e o público estudado.

⁷ Dentre estes estudiosos podemos citar os trabalhos de TELLES, 2010; RUI, 2013; NAVARRO, 2006; BARBOSA 1998.

compostas de uma hierarquia orientada para fins coletivos. Elas também estão baseadas internamente nos mesmos princípios de subjugação pela força, constituindo-se em uma espécie de amálgama de interesses estritamente individuais, com um sistema hierárquico e códigos de conduta que podem ser sintetizado pela metáfora “paz armada”: todos obedecem porque e enquanto sabem serem mais fracos, a desobediência implicando necessariamente retaliação física (MACHADO, 1999, p. 76 - 77).

Tendo em vista que, devido ao caráter proibitivo as instâncias estatais não possuem o monopólio de regulamentação e administração interna de tal mercado, cabe ao Estado agir de maneira repressiva através de apreensões e prisões. Sendo assim, os conflitos mercadológicos, como cobranças de dívidas e disputas por domínios de áreas de atuação, passam a ser mediados pelo Estado apenas depois que determinado crime tem se concretizado.

Durante a pesquisa foi possível constatar casos de ameaças, agressões e homicídios em que, a interferência da mediação de instâncias estatal foi barrada. Os códigos de condutas⁸ influenciados pelas leis mercadológicas do tráfico na maioria das vezes impediam a interferência direta do estado através de órgãos como a polícia e os núcleos de mediação de conflitos.

Por exemplo, é comum casos de vizinhos que delatam grupos que praticam o tráfico. Quando isto ocorre com frequência com o mesmo delator e ele é identificado, os próprios traficantes tomam algumas medidas que vai desde ameaças a agressões ou até assassinatos. Um desses tipos de casos que teve forte repercussão na mídia aconteceu em um bairro de Fortaleza no dia 15/02/2014⁹. Um comerciante de 51 anos após fazer várias denúncias sobre um grupo de traficantes que atuava em uma esquina próximo ao seu mercadinho teve seu corpo incendiado. Tal crime que teve imagens registradas por câmeras foi um caso que demonstra um pouco a maneira como são acionados os dispositivos de proteção e segurança. Após o acontecido a polícia conseguiu capturar dois rapazes que cometeram o crime.

Repensando o papel do Estado frente ao fenômeno do tráfico, Michel Misse nos fornece pistas sobre como podemos compreender as negociações envolvendo a dinâmica do varejo ao ressaltar que:

⁸ Mais a frente será ressaltado com maiores detalhes como se manifestam esses códigos de condutas.

⁹Tal caso foi divulgado pelo jornal G1 divulgado na página <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2014/02/homem-incendiado-por-vinganca-no-ce-morre-apos-cinco-dias-em-hospital.html>

O comércio de entorpecentes como em qualquer mercado ilícito, não pode haver regulação legal dos interesses nem resolução (estatal) dos conflitos. Estratégias aquisitivas ilegais ou criminosas são investidas nesse mercado com vistas a oferecerem proteção, sejam partidas dos próprios controladores do varejo, sejam produzidas, sob a forma de extorsão, pelos agentes encarregados da repressão legal (MISSE, 1997, p. 110).

A polícia que é o órgão competente encarregado de manter a ordem através da aplicação da lei desempenha um papel contraditório no contato direto com os agenciadores do tráfico. Notou-se que a atuação desses agentes em busca de flagrantes de determinada quantidade de droga para prender traficantes, faz com que tais personagens acabem se envolvendo no jogo de negociações, tornando as leis mais maleáveis. Sendo assim, percebeu-se que os policiais possuem um papel decisivo sobre a maneira como será aplicada a lei, livrando uns e atuando outros como traficantes.

Diante das ambigüidades circunstanciais que permeiam cada situação, as indefinições e contradições sobre o que é legal e o que é ilegal, torna tais ações negociáveis entre policiais e traficantes. Constataram-se vários casos de abordagens em que policiais atuaram conforme as prescrições da lei, respeitando os direitos dos jovens abordados. Mas houve várias situações em que as violações dos direitos tornaram-se presentes de maneira significativa.

Os casos de policiais que se envolveram em atividades ilícitas, principalmente de corrupção e extorsão vêm sendo discutidos na mídia, jornais e em vários trabalhos. Em virtude de o tráfico ser um comércio bastante lucrativo, a associação de policiais que livram flagrantes de prisão em troca de dinheiro, ou recebem propina para que não interfiram no comércio local foi algo percebido de maneira significativa em campo ao presenciar ou escutar relatos de pessoas que passaram por estas negociações.

Em sua pesquisa, Guaracy Mingardi nos ajuda a entender como se configura os métodos de combate ao crime utilizado pela polícia, ao enfatizar a dificuldade de se combater a corrupção entrelaçada às práticas da própria instituição. Observando que a violência policial é um ponto importante para entender à dinâmica dentro da polícia civil, o autor ressalta que:

Acompanhando as ideias das organizações que lutam pelos direitos humanos, a maioria daqueles que escrevem sobre os assuntos policiais elegeu a violência como problema essencial a ser enfrentado. É uma atitude errônea, pois a violência cometida por policiais nada mais é do que um sintoma da verdadeira doença, a corrupção. Algumas análises chegam a separar completamente as duas atitudes, considerando-as problemas diferentes, a

serem tratadas com remédios diferentes (...). Na prática o que está ocorrendo, segundo relato de ex-colegas, é que os novatos estão sendo absorvidos pelos policiais experientes, e adotando os mesmos métodos ilegais de trabalho (MINGARD, 2005, p. 137).

Por estar em um contexto de práticas criminalizadas, o tráfico de drogas apresenta, como pano de fundo regulador das relações, uma diversidade de riscos de prisões, agressões e mortes para aqueles que estão de alguma maneira envolvidos, seja como agenciador ou cliente. As ameaças físicas e psicológicas alteram de maneira significativa as configurações das trocas e alianças estabelecidas durante as negociações, pois as estratégias de manutenção da lucratividade do comércio exigem medidas rígidas e de fortes repercussões.

As negociações entre policiais / traficantes / vizinhança/ clientes e traficantes alteram as maneiras como as alianças são concretizadas e rompidas, despertando certa diferenciação entre “amigos” e “inimigos”. Pois os contatos e as parcerias mostraram serem fundamentais para se compreender como se estabeleciam os diversos contratos econômicos e sociais. Neste sentido, constatou-se que o fortalecimento e maleabilidade das transações dependiam de como decorriam as trocas, podendo haver distanciamentos e aproximações causados por prisões, agressões ou assassinatos. Ao discutir o papel que as trocas desempenham nas sociedades, é importante repensar a clareza da teoria articulada por Marcel Mauss quando ressalta que

Os bens trocados – produtos ou objectos, pessoas, conhecimentos e tecnologias – são constituídos em dádivas. Por definição a dádiva transporta algo da essência espiritual daquele que a oferece, compelindo o receptor a sua aceitação; a sua afectivação implica uma apropriação mágica e religiosa sobre aquele, constringendo-o, por sua vez, a retribuição da dádiva (Mauss, 2003).

Durante as entrevistas, percebeu-se que os conflitos entre os jovens envolvidos no varejo da droga, surgiam de maneira imprevista, motivadas por diversos fatores, dentre eles o desejo de conquista de dinheiro e respeito. Por sua vez as alianças mostraram-se essenciais para compreender como a prática da violência se configura como mecanismo de controle que regula os conflitos influenciados pela dinâmica do tráfico. Barbosa (1998) em sua obra “Um abraço para os amigos: um estudo sobre o tráfico de drogas”, ressalta a importância que as alianças estendidas através de amigos e redes familiares desempenham para a organização específica do tráfico no Rio de Janeiro. Embora a realidade do tráfico de Fortaleza apresente divergências em relação à organização do Rio, a maneira imprevisível e volátil como o crime se organiza possui

várias semelhanças. Segundo o autor:

A amizade, aliança, é o que está na base dos comandos. Ela foi a responsável pelo seu surgimento. Por sua consolidação. E é justamente por ser este o seu fundamento que os comandos não se apresentam em quanto forma cristalizada. A própria dinâmica do tráfico origina dissensos, passados de um lado para o outro, rupturas internas. Poderá chegar um tempo em que surjam novas marcações e novas alianças venham dissolver as antigas, levando consigo antigos símbolos. Afinal, a linguagem é um espelho da guerra (BARRBOSA, 1998, p. 143).

Neste sentido buscou-se entender como a imprevisibilidade do surgimento de fatores como a atuação direta da polícia ou a rivalidade da competição com outros traficantes, intensificam os perigos e riscos vivenciados pelos jovens responsáveis pela dinâmica do comércio de drogas.

Sendo assim, será discutido como estes agenciadores do varejo driblam as consequências encaradas como negativas, como casos de prisões, agressões ou prejuízos em mercadoria e dinheiro. Para isso, será importante descrever como o contato direto entre esses indivíduos nos locais estudados interferem no estabelecimento de alianças que, por sua vez são essenciais para compreensão de como são resolvidos ou intensificados os conflitos reguladores que permeiam o tráfico local.

Dentre os inúmeros motivos que impulsionaram atitudes de discórdia e violência entre os jovens entrevistados, constatou-se que o envolvimento na atividade do tráfico era um fator decisivo na intensificação desses conflitos. As regulamentações das transações desse mercado eram permeadas por várias disputas que se configuravam em cenas de violência, principalmente contra os operadores do varejo¹⁰. Sendo assim será discutido como tais territórios de atuação do tráfico são agenciados por práticas que mesclam pertencimentos e conflitos entre os grupos denominados de gangues, galeras, facções, comandos, enxames e bandos.

Tendo em vista que o enfoque desta pesquisa seja os conflitos motivados pelas leis internas de regulamentação do tráfico de drogas entre os comerciantes em determinados lugares, Glória Diógenes nos ajuda a compreender a dimensão *territorial*

¹⁰ Utilizo essa terminologia para designar aqueles jovens que se consideram os “pivetes” que fazem os “adiantos” nas ruas. Vendem droga no mercado varejista, comercializando em pequenas quantidades. Eles estavam nas localidades estudadas esperando a chegada de clientes que geralmente compravam de cinco, dez, vinte reais de mercadoria fragmentadas.

nas disputas entre gangues de jovens da periferia de Fortaleza. Em seu trabalho “Cartografias da Cultura e da Violência – Gangues, Galeras e o Movimento Hip-hop”, destacou como os jovens percebem a violência no contexto de pertencimentos a determinados espaços da cidade que se configuram como campos de guerra. Assim como em seu estudo, no presente trabalho também foi possível constatar que o pertencimento a determinados espaços de convivência garante o fortalecimento de alianças e inimizades, demarcadas através de questões *territoriais*. Nesta passagem a autora deixa claro que:

No caso dos jovens moradores dos bairros de periferia, *território*, embora tenha o referente geográfico como componente simbólico de registro de um “lugar” social, ele bem pode representar zonas de recomposição e de identificação entre indivíduos e os espaços vividos (...). O território atua como uma construção cultural sendo a violência o seu veículo de expressão mais impactante. O território tem a prerrogativa de definir marcas delimitadoras de áreas de domínio que atuam, fundamentalmente, como passaporte de passagens dos jovens “proscritos” para o palco dos espetáculos iluminados da cultura de massa (DIÓGENES, 1998, p. 27).

No caso do presente estudo, as dimensões e delimitações territoriais eram simbolizadas pelos traficantes através dos confrontos e proteções cultivadas em cada região. Os trajetos fronteiriços, onde o tráfico atuava, eram traçados de acordo com as ameaças e possibilidades de embates. Observou-se que os jovens almejavam a união e fortalecimento das suas amizades para imporem respeito ao grupo e ao território que freqüentavam, mesmo tendo que utilizar da retaliação física para alcançar esse fim.

Neste sentido, o intuito será analisar como decorre a atividade do tráfico em alguns pontos observados, enfatizando-se os dilemas operacionalizados por jovens responsáveis pela distribuição no varejo em determinados pontos de atuação. Para isso, buscou-se entender como esses jovens desenvolvem estratégias de defesa que tem como intuito prevenir suas integridades e garantir a eficiência do comércio.

Baseado na análise etnográfica e tendo como pano de fundo a interação em campo¹¹, buscou-se entender o fenômeno do tráfico enquanto uma prática *desviante* que

¹¹ Como elucidaremos mais a frente, esta interação em campo foi baseado em observações diretas, dialogando com os interlocutores enquanto estavam nos locais estudados. A realização dessa pesquisa teve como embasamento a troca de conhecimento que era estabelecida no processo de entrevistas, anotações e conversações. De antemão resalto que conviver com esse público, envolveu relações de amizade que possibilitaram o contato necessário que permitiu o acesso ao grupo estudado. Muitas vezes, pedir uma entrevista individual sobre determinado assunto ligado ao tráfico envolvia uma série de

se configura a partir de um *contexto situacional* em que a relação direta entre *desviante* e *acusador* torna-se ponto-chave para compreensão do fenômeno da violência estudado (Becker, 2008). Um dos aspectos essenciais para o entendimento dos conflitos em questão seria compreender como a aplicação de regras repercute na maneira de agir dos jovens que estão no tráfico. Sendo assim, compartilho com os argumentos de Howard Becker, quando enfatiza que o *desvio* é a consequência da aplicação de uma regra a determinado ato:

Os grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui desvio e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como marginais e desviantes. Deste ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outras pessoas de regras e sanções a um “transgressor”. O desviante é alguém a quem aquele rótulo foi aplicado com sucesso (BECKER, 1977, p. 60).

Alguns conflitos vivenciados pelos jovens que estão no tráfico como a aplicação da lei pelos policiais, a quebra de códigos de honra entre amigos e inimigos, as trapaças durante negociações foram aspectos que soaram de maneira significativa para entender como se configuram os *desvios* comportamentais e quais as consequências reais da aplicação destas regras.

dilemas que transpassavam questões éticas, pessoais e de confiança. A interpretação cultivada sobre papel que minha presença representava, era construído e variado de acordo com as situações.

1. Dilemas sobre o tráfico

1.1 Interfaces teóricas sobre a ilegalidade

Alguns questionamentos foram surgindo no decorrer da pesquisa e que serviram como parâmetros para formulação deste objeto. Dentre eles, pode-se destacar: A partir das interações em campo, como se constroem as representações que definem o comércio de *crack*, maconha e cocaína enquanto crime prescrito pela Constituição Brasileira? Por que as relações do tráfico são apontadas como causadoras de violência, vitimando milhares de jovens? Quais os métodos punitivos que os agenciadores estão sujeitos? Quais os principais fatores que influenciam nas estratégias de comercialização? Como são vivenciados os perigos que colocam em risco a integridade física dos jovens envolvidos?

Tais perguntas são abrangentes e complexas, sendo impossível um trabalho dissertativo que satisfaça tais indagações de maneira elucidativa. Mas elas podem contribuir ao alimentar a reflexão sobre os diferentes prismas como o fenômeno pode ser observado. Sendo assim, tentando ser simples, busquei aperfeiçoar esta análise sobre como tais jovens vivenciam os perigos advindos do envolvimento no tráfico, enquanto estão praticando tal atividade e enfrentando conflitos.

Tento em vista que houve um processo histórico que tornou o tráfico de *crack*, maconha e cocaína como sendo um crime passível de punição através de diversas medidas proibicionistas¹², busca-se entender quais os aspectos relacionais que estão em jogo no modo de comercializar nesses lugares estudados. A partir da observação direta em campo, percebeu-se que a possibilidade de punição e as estratégias desempenhadas por quem está na atividade são aspectos que podem revelar um pouco sobre a natureza do fenômeno do tráfico que, por sua vez possui regras de convivência e punições específicas.

Sendo assim, diante deste contexto de práticas clandestinas e conflitos gerenciadores, pretendeu-se compreender as relações cotidianas que condicionam o “ser

¹² Neste sentido, concordo com a ideia de Thiago Rodrigues, quando ressalta que “o proibicionismo, antes de ser uma doutrina legal para tratar a “questão das drogas” é uma prática moral e política que defende que o Estado deve, por meio de leis próprias, proibir determinadas substâncias e reprimir seu consumo e comercialização” (RODRIGUES, 2008, p. 91).

jovem traficante do varejo” em alguns pontos de Fortaleza. Jovens estes que se reúnem com frequência em determinadas locais com o intuito de obter lucro através do contato direto com sua clientela. Ou seja, eles interagem em determinados horários e espaços, para desempenharem práticas clandestinas permeadas de múltiplos sentidos e que mobilizam ações e estratégias diversas. Sendo assim, pretende-se analisar quais as consequências desta maneira de ocupar e fazer o uso dos espaços, realizando o comércio de drogas.

Tomando-se como enfoque as situações envolvendo o tráfico de *crack*, maconha e cocaína, pretende-se abordar o tráfico enquanto um fenômeno construído socialmente através de relações *face a face*, onde os envolvidos buscam manipular impressões sobre seus *selves*, ao mesmo tempo em que estão imersos em um jogo de poderes que determina as consequências das ações (Goffman, 2005). Sendo assim, pretende-se compreender como os desentendimentos durante as relações repercutem em ações de confrontos, perigos e tragédias.

A partir da ótica dos próprios interlocutores, buscou-se questionar como eles entendem suas práticas e a daqueles que visam penalizá-los, enfatizando-se a maneira como ocorrem os confrontos e como os encaram. Levando-se em consideração que o envolvimento com o tráfico coloca esses jovens em situações comumente consideradas marginalizadas e com fortes possibilidades de penalizações, será identificado como se manifestam as consequências concretas desta relação de aplicação das regras proibitivas prescritas ao tráfico.

Diante da complexidade da lei e do que pode ser considerado desvio, Howard Becker nos ajuda a pensar a natureza do delito, quando destaca que para que possamos compreendê-lo é necessário entender como se configura a situação relacional que o desviante desempenha com outros atores que aplicam a regra. Nesta passagem ele enfatiza um pouco como

o desvio é uma consequência das reações de outros ao ato de uma pessoa, os estudiosos do desvio não podem supor que estão lidando com uma categoria homogênea quando estudam pessoas rotuladas de desviantes. Isto é, não podem supor que essas pessoas cometeram realmente um ato desviante ou infringiram uma regra, porque o processo de rotulação pode não ser infalível; algumas pessoas podem ser rotuladas de desviante sem ter de fato infringido uma regra (BECKER, 2009, p.22).

Para isso, tomando-se como pano de fundo as relações quotidianas observadas, serão enfatizadas as estratégias que estes jovens desempenham com o intuito de driblar ações coercitivas que prejudicam o andamento da atividade e apresentam alguns riscos. Sendo assim, ao descrever as maneiras como tais traficantes agem em cada situação específica estudada, pretende-se compreender como as experiências diárias são vivenciadas através de aprendizagens que se manifestam através das práticas “condenáveis”.

Durante o texto será enfatizado o cotidiano como sendo parte da realidade em que os jovens interagem em suas rotinas e desprendimentos. Entendendo o cotidiano a partir de suas múltiplas singularidades e regularidades, buscou-se analisar as interações como sendo passível de uma compreensão sociológica. Sendo assim, nesta relação entre teoria e campo, concordo com a reflexão de José Machado Pais quando este ressalta que o cotidiano não pode ser encarado de maneira separada da realidade social. Segundo o autor:

A vida quotidiana não se constitui num objeto unificado por qualquer sistema conceitual e teórico coerente e próprio, embora seja um termo que se tem imposto, orientando reivindicações, atitude, discursos. Por outro lado o cotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica na medida em que é revelador, por excelência de determinados processos do funcionamento e da transformação da sociedade e dos conflitos que a atravessam (PAIS, 2003, p. 72).

Embora o enfoque seja relativo às experiências quotidianas vivenciadas pelos traficantes¹³ de drogas, outros sujeitos que não comercializam também são cotejados nessa análise de maneira secundária. A influência e a opinião daqueles que conviveram com estes jovens mostrou-se também significativa, atuando como pano de fundo para fundamentação desta análise. Tais personagens, como usuários, donos de bares,

¹³ Embora vários jovens se considerem como traficante e se autodenominem com essa expressão, busquei evitar tal categorização, devido à infinidade de estereótipos depreciativos que tal categoria remete e pelo fato de restringir a complexidade hierárquica entre diversos níveis que a atividade representa. Mas ao utilizá-lo me refiro à condição penal que o sujeito traficante está submetido. Compartilho com a ideia de Carolina Grillo, quando ressalta que a utilização do termo ‘traficante’ deve considerar a atribuição e normatização de uma classificação penal, mesmo quando muitos dos indivíduos envolvidos nesse tráfico não tenham passado por processos legais de incriminação ou sequer sejam assim acusados pelas demais pessoas com as quais se relacionam. A autora ressalta que “O uso dessa categoria se justifica pelo possível enquadramento das práticas desses atores no que constitui o crime de tráfico de entorpecentes e pela ampla consciência que eles têm de que devem encobrir suas atividades para não sofrerem as sanções prescritas em lei”. (GRILLO, 2008, p. 4)

policiais e familiares de traficantes serão ressaltados, pois emergem nas paisagens observadas, atravessando assim os territórios das análises aqui estudadas

Diante da complexidade do fenômeno do tráfico, não pretendo dar explicações sobre a dinâmica de diferentes crimes e muito menos da configuração geral do tráfico no Ceará. Todavia, tem-se o intuito de contribuir com os estudos da violência ao trazer à tona determinadas especificidades do fenômeno do tráfico de drogas local observado em campo, apontando os conflitos que ocorreram nos espaços estudados e as correlações causais entre as ações.

Tendo em vista que cada espaço possui singularidades, serão ressaltadas semelhanças e diferenças sobre o modo de operacionalização do comércio, apontando os mecanismos de controle e as estratégias utilizadas em cada região. Sendo assim, para entender quais as especificidades das correlações que estão em jogo, será necessário refletir sobre a maneira como as atividades adentram o terreno policial e jurídico, enfatizando-se os aspectos espaciais, raciais, de gênero e de classe que surgem em cada situação de maneira entrecruzada e específica. Becker em seu estudo sobre práticas desviantes nos alerta sobre a importância sobre as relações sociais que são operacionalizadas durante as situações para se entender o desvio. Ele ressalta que:

Se tomamos como objeto de nossa atenção o comportamento que vem a ser rotulado como desviante, devemos reconhecer que não podemos saber se um determinado ato será categorizado como desviante até que ocorra a resposta de outros. O desvio não é uma qualidade que exista no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aqueles que respondem a ela (BECKER, 1977, p. 64).

Será analisado como as situações vão sendo permeadas por jogos de poder, envolvendo comportamentos que ora se ajustam às normas, ora se desviam, produzindo mecanismos de repressão que tentam adequar certas práticas e *desviantes* às exigências *morais e convencionais* (Becker, 2009). Neste sentido, busca-se compreender como se configura o processo de acusação, onde as práticas consideradas ilícitas são acionadas e ressaltadas em cada interação, fazendo com que tais personagens sejam comumente rotulados de vagabundos, pilantras, pirangueiros, marginais, traficantes e outros termos depreciativos.

Buscando compreender como decorre a troca de conhecimento nestes locais, tentou-se discutir como tais espaços garantem o aprendizado sobre técnicas corporais de manuseio e comércio da droga. Por exemplo, verificou-se que havia maior respeito

sobre o discurso daqueles que se mostravam mais experientes em virtude de seu longo ou intenso contato com a criminalidade. Pois o *capital simbólico* entorno do *campo de disputa* gerado pelo mercado da droga e de outros tipos de crimes ganha notoriedade e respeito aos demais (Bourdieu, 1994). Além de suas palavras terem grande credibilidade, tais discursos possuem relativa eficácia para o aprendizado de quem está iniciando neste tipo de comércio.

Foi possível observar durante as rodas de conversas que os mais novos, muitas vezes ainda crianças com menos de 13 anos, observavam com certa admiração o “ensinamento” daqueles traficantes que haviam passado por muitas situações minuciosas proporcionadas pelo contato com o tráfico e outros crimes. A admiração por estas figuras e suas histórias era repassada com certo glamour entre os meninos que ouviam com atenção os fatos narrados.

Algumas dessas figuras que são “consideradas¹⁴” através de suas histórias de contato com o crime, tornam-se figuras admiradas e temidas. A circulação desse tipo de “fama” contribui para que estes atores sejam respeitados em seu campo de atuação, ao mesmo tempo em que tornam-se mais visados pela polícia. Sendo assim, seus discursos possuem *valor simbólico* mais reconhecidos de acordo com a lógica do grupo, pelo fato de que a experiência e a habilidade em termos da ilegalidade serem encaradas como motivo de *honra* e *status*, garantindo-lhes uma posição privilegiada. Neste trecho, Bourdieu nos ajuda a refletir sobre o jogo de poder, tendo por base a circulação de signos no mercado lingüístico:

O valor social dos produtos lingüísticos advém de sua relação com o mercado, isto é, na e pela relação objetiva de concorrência que os opõem a todos os outros produtos e na qual se determina seu valor distintivo: o valor social está ligado à variação, ao desvio distintivo, à posição de variante considerada no sistema de variantes. Entretanto, em consequência da relação que une o sistema das diferenças lingüísticas ao sistema das diferenças econômicas e sociais, os produtos de certas competências trazem um lucro de distinção somente na medida em que não se trate de um universo relativista de diferenças capazes de se relativizarem mutuamente, mas de um universo hierarquizado de desvios em relação a uma forma de discurso reconhecida como legítima (BOURDIEU, 1994, p.168).

Neste sentido, buscou-se entender como decorria a *socialização* entre indivíduos que comercializam *crack*, maconha e cocaína de acordo com suas relações hierárquica.

¹⁴ Nesta passagem tal termo possui a mesma conotação que respeitados. Mais à frente será discutido com maiores detalhes o que contribui para que o indivíduo torne-se um “sujeito considerado”.

Mesmo conhecedor de que se trata de um comércio prescrito como proibido em lei nacional, ainda assim desempenham o tráfico com suas maneiras individuais de criar estratégias de ações.

Ressalto de antemão que os lugares selecionados para esta análise são pontos específicos que fazem parte do contexto de dois bairros e que foram escolhidos por se tratarem de espaços onde se pratica o tráfico de drogas. Sendo assim, devido ao seu caráter de uso para práticas proibidas, tais espaços apresenta características negativas que garante a depreciação tanto do local, como das pessoas envolvidas. Esses fatores têm forte repercussão nesta análise, pois a maneira como estes lugares e pessoas são representados por diversos atores no contexto do bairro, ilustra um pouco quais motivações estão em jogo no decorrer da dinâmica do tráfico local.

Além do tráfico de drogas, aconteceram algumas cenas de prisões, assassinatos, extorsões que contribuíam para que tais espaços fossem vistos de maneira depreciada por aqueles que se consideram cidadãos honestos que agem de acordo com a lei. Neste sentido, percebeu-se que os jovens mantinham certa posição de inferioridade em relação aos moradores que se consideravam honestos, fazendo com que fossem alvos de uma série de estratégias de combates e controles sobre suas práticas nos locais. Semelhante à percepção de Norbert Elias sobre a configuração de poder em Wiston Parva, notou-se havia certo desequilíbrio relacional entre os moradores do bairro estudados. Apesar de serem estudos diferentes, concordo com autor, quando este ressalta que

Os grupos mais poderosos, vêem-se como pessoas “melhores”, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros. Mais ainda, os indivíduos “superiores” podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos carentes de virtudes – julgando-se humanamente inferiores (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 20).

Neste sentido, notou-se que os garotos comerciantes de drogas eram encarados como indivíduos inferiores e que tais espaços eram consideradas áreas propícias ao desenvolvimento de práticas criminosas. Dialogando com alguns moradores que condenam tais reuniões de jovens, verificou-se que eles acreditavam que tais aglomerações deveriam ser reprimidas, pois tinham em mente que tais meninos deveriam estar inseridos em instituições realizando algum trabalho digno. Nestes diálogos pôde-se perceber que os moradores sabiam da existência do tráfico nos locais, pois foi comum a associação dos espaços à prática do tráfico e consumo de drogas.

De acordo com a análise sobre as entrevistas, constatou-se que os jovens se importavam com as opiniões e as atitudes depreciativas despertadas por moradores encarados como “caretas”, “chatos”, “sujeiras”¹⁵, pois acreditavam que tais mecanismos de controle poderiam representar ameaças que deveriam ser consideradas diante da maneira de se praticar o tráfico nos locais.

Durante boa parte das abordagens policiais aqui analisadas, notou-se que os jovens eram *assujeitados* através de práticas de controle expressas em gestos e resistências (Foucault, 1995). A população e a polícia através de discursos de ordem, enfatizavam a importância das “batidas” policiais para impedirem a perpetuação do tráfico e consumo de drogas nos lugares estudados. Motivados por uma moralidade do “bem”, os agentes da lei atendiam uma demanda por controle e ordem sobre tais praticantes.

Apesar da imprecisão das informações sobre casos de denúncias, percebeu-se que a população (moradores ou não da região) possui papel fundamental sobre a atuação da polícia. Durante as abordagens muitos policiais destacavam que só estavam atuando devido à demanda da população através de denúncias. Após as abordagens, alguns enfatizavam que não queriam a presença dos jovens nos locais e que se caso soubesse (possivelmente através de ligações anônimas) que os mesmos desenvolvessem práticas relacionadas ao consumo e tráfico, teriam que lidar com consequências desagradáveis. Temática esta que será discutida com maiores detalhes mais a frente.

1.2 Envolvimento dos jovens comerciantes

O público do qual estudei é formado em sua maioria por jovens com idades entre 13 e 28 anos de idade que praticam o tráfico de drogas no varejo, mantendo contato direto com a clientela. Estes jovens que se autodenominam como “pivetes”¹⁶, e que

¹⁵ Embora estivessem em uma relação de poder desigual, assim como os interlocutores eram adjetivados de “vagabundos” e “marginais” por moradores que condenavam tais práticas, eles também utilizavam de alguns termos como os “caretas”, “cabanas”, “cruzeteiros”, “sujeiras” para se referir aos que representavam ameaças. Ver o significado das expressões no glossário.

¹⁶ Maneira como se chama um jovem que possui origens na periferia de Fortaleza. O termo “pivete” pode ser abreviado para “vet” e geralmente ele se refere garotos com idade entre 12 e 35 anos de idade.

desempenham a função de “adiantar¹⁷” drogas para sua clientela, tornaram-se peça-chaves para o entendimento da dinâmica do tráfico que será analisada. No decorrer do texto será discutido como estes “pivetes” adiantam as substâncias nos locais selecionados para a pesquisa.

A quantidade exata de pessoas que estava na atividade variava, devido à alta rotatividade de indivíduos que permaneciam nas áreas estudadas. Mas tem-se por média cerca de quatro vendedores em cada um dos quatro pontos estudados. Neste sentido, a permanência de determinado sujeito no local era imprevisível, pois muitas vezes alguns tinham que ser substituídos de maneira permanente ou não. Esta oscilação variava devido a uma série de fatores, como a ausência devido ao uso do tempo em outra atividade, detenção, mortes ou alguns tipos de ameaças vivenciadas nos locais.

Durante algumas passagens do texto serão ressaltados alguns personagens que participaram da pesquisa através de um período breve de contato em campo. Por exemplo, um jovem que designarei com o nome fictício¹⁸ de Pretim esteve presente nos locais observados em apenas cerca de sete encontros. Chegou rapidamente de outra região, por motivos de desavenças em seu local de moradia. Após permanecer por um mês residindo com outros traficantes em um barraco, próximo ao ponto estudado, teve que fugir novamente, pois executou o membro de um grupo de traficantes rivais ao que estava atuando.

Outro ponto significativo que alterava a rotatividade e permanência de determinados jovens no ambiente de pesquisa refere-se aos casos de encarceramento. A maior parte deles teve passagens por instituições judiciárias e problemas em conflitos armados com indivíduos ou grupos rivais, resultando em migrações ou morte. O envolvimento desses sujeitos em práticas ilegais proporcionava um modo de vida imprevisível, permeado por cenas de violência específicas do trabalho no tráfico.

¹⁷ É comum o termo adiantar ser empregado para se referir à função do jovem que está traficando. O sentido do termo “adiantar” no ciclo do tráfico local, quer dizer vender, repassar, fornecer a droga que está no comércio. Por exemplo, muitas vezes quando se pergunta quem está no “adianto”, fica subentendido que tal indagação se refere ao garoto que está vendendo (adiantando) a substância.

¹⁸ Durante o texto surgirão vários personagens que foram referenciados com nomes fictícios. Neste sentido, no capítulo 2 serão discutidos quais parâmetros metodológicos influenciaram nessa escolha de indicar, não apenas os interlocutores, mas também os lugares, através de codinomes. No tópico 2.5, intitulado “dilemas éticos”, pretende-se ressaltar os motivos que fizeram com que se buscasse preservar a identidade para não colocarem em risco a integridade dos interlocutores.

Estes jovens possuem baixa escolaridade. Nenhum deles havia concluído o Ensino Médio. Embora a maioria soubesse ler, três se mostraram analfabetos. Era notável a aversão à didática do sistema escolar vigente, pois quase todos concordavam que a sala de aula era um lugar insuportável, difícil de manter a concentração exigida. Muitos diziam que, quando “estudavam”, uma das atrações principais para ida à escola era a merenda comumente fornecida durante o intervalo das aulas.

Juntamente com a descrença individual na capacidade de satisfazer as exigências da disciplina escolar, também se percebeu que tais jovens não acreditavam que conseguiriam sucesso profissional, pois sentiam dificuldades em alcançar os certificados exigidos. Porém, apesar desta “desmotivação”, diziam que a escola era algo positivo e que possui sua importância na comunidade. No geral a culpa era atribuída ao próprio aluno sob alegação de que isso ocorria por não gostarem de estudar.

Apesar de existir diversos fatores correlacionados que contribuem para o engajamento de jovens neste tipo de comércio altamente arriscado, alguns pontos podem ser destacados para se tentar ampliar a reflexão sobre tal fenômeno. Michel Misse (1997) nos ajuda nesse diálogo, quando discute sobre alguns problemas econômico-sociais que fez parte do contexto brasileiro e que acredito poder dizer que ainda fazem parte com sua maneira específica de acontecer. O autor ressalta algumas variantes como escolaridade e trabalho para entender como a o comércio de drogas se consolida nesse cenário. O autor enfatiza que:

A crescente disjunção entre escola e mercado de trabalho, os baixos salários há três décadas convivendo com um estímulo ao consumo antes nunca visto e a crise de autoridade na família fazem do comércio de drogas e de mercadorias políticas não apenas um negócio atraente, mas um estilo de vida sedutor, ainda que efêmero (MISSE, 1997, p. 114).

Argumentando sobre a possibilidade de trabalho remunerado de carteira assinada, a maioria estava ciente de que seus diplomas e certificados não permitiam um emprego que garantisse uma remuneração atraente que os agradassem. Em relação aos ganhos monetários proporcionados pelo comércio, todos os entrevistados disseram que, embora não valesse muito a pena, devido aos riscos, conseguiam obter um dinheiro razoável.

Nos relatos de pesquisa, os riscos de prisão e outras desavenças, assim como a capacidade de proporcionar dinheiro eram enfatizados de maneira significativa como

dois contrapontos, geralmente colocadas como dois pesos cambiantes (dois tipos de opiniões que se confrontam). Alguns passavam certo período sem traficar por conta de algum trauma, como prisões, tentativas de homicídios, perseguições de inimigos, mas depois de algum tempo, consideravam ter perdido medo, optando pelo retorno ao tráfico. Outros só buscam traficar, quando diziam estar sem dinheiro e com dívidas. Alguns realizam bicos, substituindo alguns vendedores e complementando sua renda. Neste sentido, Michel Misse contribui com sua análise ao elucidar que o comércio de drogas é, conjunturalmente, criminalizado como o aborto, o jogo e o contrabando, mas que

A diferença principal fica por conta da alta taxa de lucratividade e baixa especialização exigida dos varejistas e, por conseguinte, do alto risco de concorrência envolvido nas transações deste mercado (MISSE, 1997, p. 110).

Durante as entrevistas realizadas em campo foi ressaltado de maneira recorrente que o trabalho honesto conforme prescritos pela Constituição, embora soasse como algo positivo que deveria ser louvado, era uma opção que não se fazia, por falta de recompensa justa e por conta dos esforços exigidos. Alguns diziam que caso tivessem acesso a um emprego digno, que pagasse de maneira satisfatória e não exigisse esforços extenuantes, poderia considerar a possibilidade de abandonar a atividade do tráfico.

Neste trecho, um rapaz que denominarei como Delsin, 20 anos, desempenha a atividade do tráfico com certa exclusividade. O garoto enfatiza um pouco como o trabalho é encarado por ele e por muitos que praticam o tráfico:

O cara querendo trabalhar, não falta emprego, porque qualquer serviço honesto ta valendo, é valorizado pelos outros e não falta quem ofereça. Mas o problema é que além de pagarem pouco, ainda querem mandar e desmandar no sujeito¹⁹. Por exemplo, eu mando logo pra aquele lugar, quando um patrão quer pagar alto²⁰ pro cara. Então, por enquanto tô só traficando mesmo. Sabe né? Trabalho autônomo, dinheiro vem mais fácil e não tem essa de cumprir horário fixo que toma até os finais de semana do cara (DELSIN, 23/05/2012).

¹⁹ Neste sentido, os termos “mandar” e “desmandar” se refere ao modo como a autoridade do patrão possui a capacidade de controlar de maneira arbitrária o comportamento de determinado sujeito. Esta capacidade não foi ressaltada de maneira unânime pelos entrevistados, pois três deles relataram que tiveram apreço por alguns patrões. Alguns enfatizaram arrependimento por optarem serem demitidos em empregos em que tinham bons supervisores.

²⁰ Pagar alto não tem relação direta com o mercado monetário. Tal termo serve para designar uma ação onde alguém se coloca em uma posição hierárquica superior para humilhar outra pessoa em um diálogo.

Muitos haviam trabalhado em empregos fixos como entregador de supermercado, auxiliar de servente na construção civil, vendedor de lanches, porteiro, entre outros. Alguns ainda realizavam alguns bicos, mas a maioria dedicava-se às atividades ilegais para obter lucro. Porém, a maior parte dos entrevistados, além de se dedicar ao tráfico, continuava desempenhando atividades informais em diversas trocas e serviços, como os ressaltados acima.

É importante ressaltar também que alguns deles desempenhavam atividades secundárias como garantia de remuneração extra acoplada e estratégias de reconhecimento público. Por exemplo, durante as abordagens, no geral, quando um policial pergunta em que trabalham é quase uma exigência dizerem que possuem especialidades em algum ramo de atuação profissional. Nem que seja para dizerem que, por enquanto estão desempregados, mas que estão à procura de emprego. Não é muito interessante para quem está no tráfico justificar seus lucros, dizendo que não desempenham alguma profissão reconhecida legalmente como um trabalho honesto.

Tendo em vista que a motivação que desperta práticas consideradas *desviantes* deve ser entendida como estando relacionadas a um emaranhado de correlações que se apresentam de maneira complexa e específica, não pretendo relacionar o tráfico a fórmulas de explicações prontas que prescrevem causas e efeitos engessados. Becker faz uma crítica à produção acadêmica na década 1980 sobre análise de crimes. Pois, segundo ao autor que as pilhas de pesquisa que haviam sido feitas mostravam que o crime se relacionava estreitamente com a pobreza, lares desfeitos e todos os indícios convencionais da então chamada “patologia social” (Becker, 1994, p. 154).

Sendo assim, compartilho com suas ideias quando ele enfatiza que o crime não está diretamente relacionado à pobreza, pois a complexidade desta análise impede uma associação como esta. Neste sentido, Becker enfatiza que existe uma super representação dos crimes cometidos por aqueles considerados pobres, enquanto os crimes de colarinho branco são bem mais camuflados e muitas vezes sequer punidos, nem divulgados.

Tendo em vista que os fatores que condicionaram as motivações da permanência na atividade são bastante complexos, não pretendo colocar os comerciantes em posição de vítimas da falta de oportunidades ou culpá-los pela falta de capacidade como indicador de insucesso profissional. Pois o emaranhado de circunstâncias, que

emergiram nos relatos, mostrou que a permanência na comercialização era motivado por causas individuais e sociais que se entrelaçavam no decorrer das situações vivenciadas por cada um em seus históricos de vida.

Durante as entrevistas, indagava aos interlocutores sobre os motivos que teriam os levados a traficar e fui percebendo que apesar de existir uma resposta que tente contemplar vários fatores, ainda assim criavam problematizações que se tornavam complexas e multivariadas aquelas respostas. David Garland ao discutir sobre as condições estruturais das políticas de controle do crime nos EUA e Grã-Bretanha, reflete sobre a mudança na maneira como a legislação encara o criminoso e seu delito

O crime foi redramatizado. A imagem aceita própria da época do bem-estar, do delinqüente como um sujeito necessitado, desfavorecido, agora desapareceu. Em vez disto, as imagens modificadas para acompanhar a nova legislação tendem a ser esboços estereotipados de jovens rebeldes, de predadores perigosos e de criminosos incuravelmente reincidentes (GARLAND, 2008, p. 54).

Embora a maioria dos entrevistados se constitua de pessoas que não possuem alto poder aquisitivo que garanta acesso a serviços básicos de saúde, educação e lazer, não pretendo dizer que a pobreza está intimamente ligada ao tráfico. Pois, ao contrário da super representação de indivíduos da periferia em programas policiais, o tráfico não é exclusividade desse segmento.

Em regiões nobres da cidade o tráfico encontra uma demanda bastante atraente para investidores que não se percebem como praticante de crimes, e que desempenham a atividade de maneira sigilosa, levando em consideração a dificuldade de acesso a informações por parte da polícia. O excelente trabalho de Carolina Grilo (2008) mostrou que o caráter de classe, assim como os aspectos raciais, possuem fortes influencias sobre a visibilidade que é dada a determinado tipo de crime. Sendo assim, entende-se que, embora boa parte do dinheiro que entra na periferia para os jovens envolvidos em práticas desviantes seja através do tráfico de cocaína, *crack* e maconha, em condomínios e residência de classe média tais práticas também se mostra como significativa fonte de renda para aqueles envolvidos.

Um dos entrevistados que será chamado de Arcanjo, disse ter deixado de ser traficante, mas que ainda desempenha tal atividade quando necessita de dinheiro. O garoto ressaltou que:

A droga é muita traiçoeira, depois que você se envolve com ela as coisas vão acontecendo sem nós nem perceber direito (...). Geralmente você começa consumindo, mas quando vê que ela dá dinheiro, você pensa no outro lado da moeda e, quando você vai ver do nada aparece a oportunidade de você adiantar²¹ uma mercadoria aqui, outra acolá (...) quando você menos espera, você já formou uma clientela, sem nem perceber que você virou um traficante (...) Dinheiro no bolso é sempre bom, quem é que não gosta? Com dinheiro você tem mulheres, drogas de qualidade, amigos, uma alimentação roxada²². (Arcanjo, 10/01/ 2014).

Já esta opinião diverge um pouco da maneira como um dos vendedores de 27 referenciado como Frieza começou a traficar até chegar a traficar no lugar denominado como Praça da Matina²³. Desde criança era um menino franzino que devido ao tamanho de sua cabeça sofria *bullying*, mas certo dia, cansado de ser zombado por amigos e desconhecidos decidiu tomar uma atitude diferente. Ao invés de ficar calado ou tentar revidar a toa, decidiu tomar uma decisão mais drástica.

A vítima foi um homem de mais ou menos trinta anos que todos os dias costumava chamar o garoto de diversos apelidos referenciando ao tamanho de sua cabeça. Frieza tinha, apenas 13 anos, ao cruzar com o referido homem, e mesmo continuando zombando, assim o fez pela ultima vez. Após o insulto o menino foi em casa e pegou um facão para poder tomar a decisão. Quando o homem tentou proceder com os mesmo insultos, o garoto soltou um golpe de facão no meio de sua cabeça. Depois desse dia, o garoto passou a se envolver em práticas delituosas e a ser cada vez mais temido e respeitado no tráfico de drogas.

Depois desse episódio, Frieza se aproximou de pessoas envolvidas com o crime e se disponibilizou a realizar pequenos assaltos e a traficar junto aos mais velhos. Como não tinha mãe, nem pai, decidiu deixar depender dos favores de seus tios para se dedicar a ganhar dinheiro com atividades criminais. Sendo assim, foi preso algumas vezes, passando temporadas no presídio.

²¹ *Adianto* é um termo nativo comumente utilizado no contexto das ruas e das drogas em Fortaleza que indica progressão nas atividades que se realiza com sucesso. Por exemplo, quando se faz um *adianto*, fica subentendido que aquele que se propôs a vender ou conseguir determinada quantidade de droga obteve êxito em sua ação, conseguindo realizá-la de maneira satisfatória. Ou seja, ele conseguiu fazer o *adianto*, pois conseguiu o que queria.

²² Termo nativo que serve para adjetivar algo que é muito bom. “Tá roxada” é como se dissesse “tá tudo bem”.

²³ No capítulo 2 serão destacados alguns atributos que descrevem detalhes sobre a dinâmica dos espaços e as paisagens que caracterizam cada espaço enfatizado.

Outro caso elucidativo foi o caso do jovem referenciado como Chileno, 17 anos que levava uma vida tranquila sem complicações com a lei. Ele ressaltou que

Passei por alguns problemas de saúde no ano retrasado (em 2012) que fez com que eu tivesse que usar uma bolsa pra fazer as necessidades fisiológicas (...). Levei dois tiro na saída do forró, por causa que eu estava do lado de um camarada que estava “jurado de morte”. O cara morreu e eu fui baleado com um tiro que acertou nas minhas costas (...) Aí né, depois que saí do hospital passei um tempo guardado dentro de casa. Daí né, impregnado de tanto ficar em casa, passei a dar um rolé no bairro pra tentar descontraír, por que eu tava naquela deprê²⁴(...). Daí né pivete, um dia eu tava lá no Beco do Rato trocando umas ideias com a galera e de repente o filho da puta do raio chegaram de uma hora pra outra pra fazer uma abordagem (...) quando chegaram até mim eu disse que tinha usava uma bolsa por causa do meu problema e tal (...) daí né um deles já deu logo o toque que lugar de doente era dentro de casa (...) disse que não tinha problema em andar com a bolsa pelo bairro. Foi aí que o mais vibrador²⁵ tomou as dores pela minha resposta e disse que não queria saber de nada e que se eu falasse demais iria fazer a cirurgia e arrancar a bolsa ali mesmo, porque lugar de doente era dentro de casa. Aí né, o cara respeita, mas não é respeitado (...). E aquilo mexeu com minha mente. Daí pivete fiquei com raiva e comecei a vender droga (CHILENO, 10/02/2014).

Embora o dinheiro tenha sido destacado como um item relevante, quando se argumentava sobre as motivações, os entrevistados pareciam indecisos diante da complexidade de motivações que o levaram a traficar. Apesar de o dinheiro emergir como um meio de satisfazer desejos por bens materiais e imateriais, as motivações para a entrada e permanência no tráfico como se pode ver, dependia de fatores individuais.

E é sobre essa complexa rede, de entradas, saídas, de aproximações entre as esferas da rua, da família e da vizinhança, de vinganças e revides que iremos nos debruçar ao longo dessa dissertação. Para isso, será importante ressaltar como os aspectos proibicionistas manifestados através das vivências diárias e conflitos cotidianos interferem na maneira como o tráfico se configura nos espaços estudados. Entender como se processou essa análise dos dados através desse trabalho etnográfico,

²⁴ Com sintomas de depressão. Baixa auto-estima.

²⁵ “Vibrador” é um termo nativo que se refere ao policial que entusiasmado que é o mais descontrolado emocionalmente da equipe. Aquele que se ofende fácil e que costuma retrucar com violência.

remete a maneira como as experiências e sensações foram vivenciadas no decorrer da pesquisa. Com isso, no próximo capítulo pretendo esmiuçar sobre os aspectos metodológicos que esta pesquisa apresentou.

2. Metodologia

2.1 Percursos metodológicos

Neste tópico, pretendo trazer algumas reflexões que foram surgindo no decorrer do trabalho de campo e do diálogo com as teorias. Para isso, tentando seguir uma ordem cronológica de exposição deste processo de pesquisa, buscarei enfatizar alguns pontos que se mostraram significantes para condução dos contatos até chegar ao presente objeto. Pois, acredito que um pequeno esboço sobre os trajetos traçados durante a pesquisa possa esclarecer um pouco quais os dilemas que estavam em jogo durante o contato com estes jovens comerciantes de drogas.

Antes de iniciar a discussão sobre o percurso da pesquisa, gostaria de enfatizar que os lugares que retomo como enfoque central faz parte da região pertencente ao bairro onde moro e que venho pesquisando desde 2009. Já as outras localidades surgirão como dados complementares no texto através de contrapontos, meus contatos foram de maneira rápida. Somente em uma delas, que está localizado em uma região do litoral cearense que permaneci pesquisando durante 45 dias de estadia em uma residência, em que experimentei a breve sensação de se tornar um pesquisador-morador de uma comunidade de pescadores.

Repensando os dilemas de diferenciar a rotina de convívio diário com familiares e vizinhos, daquela motivada pelo trabalho de campo, tornou-se uma tarefa bastante complicada. Muitas vezes a pesquisa influenciava e era influenciada pelas relações de vizinhança, de parentesco e de amizade no ambiente onde resido. Por conta disso, ressalto de antemão que o tempo de convívio nos espaços de pesquisa foi decisivo, tanto por influenciar os dilemas da pesquisa e o processo de objetivação dos dados, como por.

Pesquisar na região onde resido desde que nasci trouxe uma série de reflexões sobre distanciamento e aproximação que, por sua vez, determinaram a maneira como procedi diante das situações analisadas. Pesquisar durante algumas horas por semana em determinadas áreas implica em correr algum risco de natureza diferente daqueles implicados em um local de onde se é morador.

O intenso período de campo, qual seja convivendo diariamente com pessoas envolvidas em práticas delituosas, proporcionou-me uma série de questionamento sobre as relações de lealdade e confiança no papel ambíguo que o pesquisador desempenha

tanto no contexto das vizinhanças na região estudada, como no contexto mais específico dos grupos de usuários e comerciantes de drogas. O tempo de convivência direta com os moradores e os grupos de jovens estudados foi primordial para o andamento da pesquisa. O autor de ‘Sociedade de Esquina’, William Foote Whyte, descreveu sua relação com o seu objeto de estudo, enfatizando a dimensão do tempo de moradia como uma ferramenta metodológica fundamental para o entendimento da pesquisa, relatando que:

Quando o pesquisador está instalado numa universidade, indo ao campo apenas por poucas horas de cada vez, pode manter sua vida social separada da atividade de campo. Lidar com seus diferentes papéis não é tão complicado. Contudo, se viver por um longo período na comunidade que é seu objeto de estudo, sua vida pessoal estará inextricavelmente associada a sua pesquisa. Assim, uma explicação real de como a pesquisa foi feita necessariamente envolve um relato bastante pessoal do modo como o pesquisador viveu durante o tempo de realização do estudo (WHYTE, 2005, p. 283).

Iniciei uma pesquisa etnográfica com usuários de *crack* que freqüentavam uma praça durante as madrugadas em um bairro de Fortaleza, entre 2008 e 2011²⁶. Passei a freqüentar este lugar com o intuito de observar como se configuravam as interações em torno do consumo de *crack*. Sendo assim, foi possível entender um pouco como se desenrolavam as estratégias e mecanismos de controle que giravam em torno do cotidiano deste ambiente ‘marginalizado’ de consumo e tráfico de drogas.

Embora tal contexto não soasse como algo familiar relativo ao meu modo de ver o mundo, estes três anos de pesquisa possibilitaram o acesso a diversos atores que conviviam com a clandestinidade do comércio e consumo de drogas. Apesar dos primeiros contatos serem de mais difícil acesso, devido à desconfiança que permeia tal ambiente, consegui realizar contatos baseados em relação de confiança que garantiram a realização de um texto monográfico. Ao passar a freqüentar de maneira assídua a praça, foi possível criar certa familiaridade com as maneiras de agir dos interlocutores. Observou-se como as expressões dos gestos e gírias eram dotadas de sentidos que deveriam ser compreendidos para a realização da pesquisa. Era importante conhecer essas maneiras específicas de se relacionar para compreender a realidade estudada e ser compreendido.

²⁶ Ver em: SANTIAGO, J. P. *Fronteiras de Pedra: controle, exclusão e sociabilidade nas madrugadas da praça*. Monografia, 2011. Neste trabalho foi discutido como as relações sociais envolvendo a busca pela satisfação do desejo de consumo de crack são permeadas por conflitos e práticas de controle no cotidiano de uma praça.

Após concluir a monografia, meu projeto de mestrado estava direcionado ao entendimento da dinâmica da mesma praça sob um novo prisma. Embora houvesse alta rotatividade de atores, o ambiente seria o mesmo e a maior parte dos interlocutores eu já conhecia. Sendo assim, fui motivado pela curiosidade de buscar entender a dinâmica das drogas em outros espaços, através do contato com novos interlocutores.

Então parti na direção de novos horizontes imaginativos em outras áreas que se constituíam como cenário de tráfico e consumo de drogas ilícitas. Em ambientes freqüentados por indivíduos que em sua maioria se apresentavam como desconhecidos. Enfim, permeei outros locais do bairro que ainda não haviam sido analisados na dissertação para conseguir estabelecer outros contatos e entender um pouco mais como decorria a dinâmica no espaço mais amplo da região.

Após dois meses de aula do mestrado, percebi que a praça poderia ser um excelente observatório, mas, que existiam novos horizontes a serem explorados. Mesmo coletando informações na praça, imaginei como agiam outros traficantes e consumidores que freqüentam outros espaços da região que não foram contemplados, por não estarem presentes no ponto específico que é a praça. Becker nos ajuda a pensar sobre a questão da amostragem, ressaltando a possibilidade de coletar outras informações em outros lugares. O autor ressalta que:

Finalmente, o pesquisador pode se localizar nas áreas ou lugares onde os desviantes em que está interessado se reúnem habitual ou ocasionalmente, e depois simplesmente observá-los ou aproveitar a oportunidade para interagir com eles e coletar informações de modo mais direto e objetivo. Esta estratégia em alguns sentidos resolve o problema da amostragem de modo bem simples. Se encararmos como sendo o universo todos aqueles que praticam a atividade coletiva sob observação, aqueles que não aparecerem para serem abordados por definição não pertencem ao grupo a ser estudado; os problemas surgem apenas ao considerarmos se existem outros lugares que poderiam ter sido observados, e ao avaliarmos como a atividade observada se encaixa em algum padrão de atividades correlatas (BECKER, 2009, p. 160).

Seja andando a pé, de bicicleta ou de carro, me desloquei em diferentes horários em busca de estabelecer novos contatos em outras áreas onde eu era visto muitas vezes por alguns como estrangeiro. Mas é importante ressaltar que, apesar do estranhamento e desconfiança, geralmente havia algum nexos de aproximação que possibilitava o estabelecimento de uma amizade amistosa entre eu e os, até então, desconhecidos. Alguns elos eram enfatizados durante as conversas com o intuito de garantir a

aproximação. Torcer um time em comum poderia facilitar a conversa e amizade²⁷. Mostrar respeito e conhecimento sobre pichação em um diálogo com um pichador era uma vantagem que provavelmente facilitaria o diálogo²⁸. Praticar um esporte em comum já era um ponto que facilitava a aproximação.

Muitas vezes o processo era um pouco mais delicado, exigindo certo tempo para garantir a confiança necessária para realização da pesquisa. Diante de pessoas desconhecidas, buscava ter um pouco de cautela ao dizer de onde eu era e quem eu conhecia, pois assim poderia tomar para si conflitos desnecessários. Caso eu dissesse que conhecia algum inimigo do desconhecido, provavelmente iria acontecer uma sensação de aversão, pois ele poderia considerar que amigo de inimigo, também é inimigo.

Durante o processo de aproximação e convivência com jovens pertencentes a diferentes galeras, pude perceber certo grau de tensão que se manifestava através de certas resistências e empatia no decorrer do processo de socialização. Tendo em vista que este processo de distanciamento e proximidade se desenvolve a partir de formas de socialização específicas, podemos fazer um paralelo com a ideia de estrangeiro desenvolvida por Simmel, quando este ressalta que:

A unificação de proximidade e distância envolvida em toda relação humana organizasse, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulada de maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação (SIMMEL, 1983, p.183).

²⁷ Durante certo tempo participei da torcida organizado do time do Ceará Esporte Clube. Esta participação contribuiu bastante, pois o conhecimento adquirido sobre gangues, confrontos policiais durante este tempo puderam ser resgatados. Durante as conversas conseguia dicutir com certa fluidez sobre assuntos que acontecem com frequência com indivíduos envolvidos em torcidas organizadas.

²⁸ Apesar de não pichar, durante a minha trajetória conheci muitos pichadores que me ensinaram algumas regras da pichação e a identificar alguns símbolos. Conseguir identificar os espaços pichados pelos interlocutores; demonstrar conhecimento sobre o surgimento de determinados grupos; facilitou a aproximação e, muitas vezes garantiu a fluidez dos diálogos. Enfim, o conhecimento sobre as regras de funcionamento da pichação que se cultivava entre os pichadores foi um dos critérios aproximativos que repercutiram na manutenção dos contatos e estratégias de pesquisa.

Após observar algumas atitudes “desagradáveis” cometidas por pessoas que não eram “das áreas²⁹”, aprendi que dizer que se veio de um território identificado como inimigo ou que se conhece pessoas indesejadas neste ambiente, supostamente poderá ocasionar alguns problemas que dificulta a aproximação aos ali presentes. Por conta disso, buscava está inteirado sobre os conflitos existentes nos locais e de quais crimes as pessoas eram envolvidas.

Novamente, irei ressaltar que o tempo de convivência, proporcionou maior confiança entre eu e os interlocutores. A cada ida a campo poderia tornar minha presença mais aceitável e evitar certos constrangimentos que poderiam ocasionar conflitos que um recém-chegado poderá enfrentar. Aos poucos foram se quebrando as fronteiras advindas dos primeiros estranhamentos e cada vez mais as alianças foram se estabelecendo com maior grau de solidez.

Sozinho ou acompanhado passei a freqüentar alguns espaços tidos como estigmatizados pela maioria da população do bairro, por ser áreas freqüentadas por “vagabundos”. Estes “percursos” proporcionaram o contato direto com pessoas que estavam envolvidos com a criminalidade não só do tráfico de drogas, mas também de diversos outros tipos de crimes como assaltos, sequestros e pistolagem³⁰. Sabia que estava permeando ambientes bastante hostis, onde os riscos iminentes destes contextos apresentavam uma série de perigos.

Mesmo assim, prossegui desenvolvendo estratégias de aproximação e controlando o medo em transitar e conviver nessas cenas consideradas “fios descascados”. Este é um termo nativo que, semelhante à conotação de um fio de energia descascado, designa locais onde o perigo é intensificado, devido à forte possibilidade de ameaças de cenas de violência. Tais locais freqüentados por jovens que praticam o tráfico de drogas e que geralmente participaram de outros tipos de crime, mostrou ser

²⁹ Mais a frente será discutido com mais detalhes o que é “ser das áreas” e quem é o ‘das áreas’ em localidades onde se pratica o tráfico. Mas de antemão ressalto que “ser das áreas” é uma condição que se refere ao pertencimento a determinado espaços de convivência.

³⁰ César Barreira ao discutir sobre as novas configurações das práticas dos matadores de aluguel no âmbito das relações conflituosas ressalta que: “No universo simbólico dos crimes de mando, são configurado dois aspectos: o desaparecimento dos “grandes matadores”, conhecidos pelas “proezas” e dezenas de crimes cometidos, e, atualmente, a proliferação de pistoleiros”. A multiplicação de “profissionais” confirma o discurso dos órgãos de segurança, afirmando que “hoje qualquer piranguero é pistoleiro” (BARREIRA, 2013, p. 225). Mais a frente será problematizada a categoria ‘piranguero’.

um ponto de encontro de compartilhamento de ideias, ao mesmo tempo em que representava um antro de perigo iminente.

De acordo com as observações dos fatos presenciados, foi possível constatar que tais reuniões representavam várias ameaças, tanto por parte de outros jovens envolvidos em crimes, como por parte de moradores do bairro e da polícia. São vários fatores que contribuem para que os locais sejam áreas consideradas delicadas no sentido de sofrer fortes pressões de controle formais e informais, emergindo estratégias e combates entre os diversos atores.

A possibilidade de invasões de policiais tentando combater o comércio; a interferência das famílias com seus métodos de fofoca; o surgimento de inimigos a qualquer hora atirando; a atuação de pessoas que buscam reparar algum dano através da vingança esteve presente de maneira significativa em todo percurso do campo.

Por conta destas possibilidades de cenas de conflitos foi possível despertar indagações essenciais para entender a maneira como os jovens se comportavam nesses ambientes marginalizados. Cesár Barreira, em seu artigo *Violência Difusa, Medo e Insegurança: a marca recente da crueldade ajuda-nos a refletir sobre o assunto*, quando discute como o medo está presente de maneira incisiva nas relações contemporâneas e como ele tende a nortear medidas comportamentais em lugares tidos como perigosos. Concordo com ideia do autor, quando ressalta que:

A violência difusa e a sensação e insegurança que marcam profundamente as relações sociais na contemporaneidade portam novas práticas de sociabilidade, bem como outros cenários urbanos. As sociabilidades, atualmente, em grande parte são conduzidas e delimitadas pelo medo e pela sensação de insegurança prevalente. A violência está adestrando os comportamentos sociais, delimitando o que é possível e impossível, o permitido e o negado, o proibido e o aceito socialmente. As classificações morais dos lugares perigosos são cada vez mais crivadas de cuidados e proibições, intensivamente constituídas e baseadas em preconceitos, estigmas e estereótipos (BARREIRA, 2013, p. 235-236).

Dois policiais que cederam entrevistas alegaram que a busca por dispersar os garotos através de batidas policiais eram medidas que não era ineficiente. Um deles disse que muitas vezes fazia um “serviço de enxugar o gelo”, pois os jovens não obedeciam de maneira permanente, voltando a frequentar os espaços assim que podiam. Já a maioria dos moradores que cruzam por estes locais concordavam com a ideia de que esses lugares deveriam ser esvaziados, pois acreditavam que eram locais propícios para “fazerem coisas erradas”.

Como foi observado nos relatos, até mesmo os próprios frequentadores encaravam tais locais como um “pavio de pólvora” que a qualquer momento poderia explodir, trazendo consequências negativas para quem estivesse presente. Existia ‘certa’ percepção entre quase todos de que estavam desempenhando uma prática proibida que é o tráfico e que, por conta disso estavam fortemente expostos aos riscos de prisões, violência física e psicológica.

Esta expansão de contatos na região onde residio foi interessante no sentido de ser possível sentir que há certo distanciamento entre grupos que traficam em áreas próximas. Mesmo com pouca distancia espacial, o sentimento de pertença a cada local frequentado é um fator que decisivo que determina suas alianças e amizades. Ser traficante que recebe a droga de fulano pertence a grupo distinto daquele que recebe droga de outro fulano e que vende em outro lugar, promovendo certa delimitação dos espaços de atuação.

Estes grupos ora se aliam ora se desvinculam, desavenças de um lado, aliança de outro. Sendo assim, observei que as idas às áreas um pouco distantes, com pessoas que não eram tão familiares dependeu da maneira como a empatia era estabelecida. Residir a três quadras de distancia de onde um grupo se reúne não quer dizer que você faça parte desse grupo e que pode ser aceito de maneira aberta e empática.

Tendo em vista que a imersão em campo dependeu da minha aproximação como pesquisador aos interlocutores, as maneiras de se apresentar e de explicar a pesquisa dependeu do outro modo de interação e troca de saberes que foram se estabelecendo no decorrer das situações. A maneira de apresentar-se dependia dos diversos pontos de referências resgatados a partir de aprendizados obtidos no passado, tanto por parte dos interlocutores, como por minha parte. Por isso, mostrar conhecimento sobre os códigos de condutas e não agir de maneira inconveniente, preservou minha integridade e facilitou o estabelecimento de alianças. Melucci ajuda-nos refletir sobre a influência do passado durante os eventos de investigação quando ressalta que:

O excesso de possibilidades e de mensagens ampliam nossa experiência cognitiva e afetiva, numa medida sem paralelo com qualquer cultura precedente da humanidade. Faltam os pontos de referência que permitam aos indivíduos e aos grupos, no passado construir a continuidade de suas existências. Cada vez mais remota torna-se a oportunidade de responder com segurança à pergunta “quem sou eu?": nossa presença necessita de pontos de apoio e nossa própria experiência pessoal às vezes vacila. A busca de uma morada para o eu transforma-se numa vivência obrigatória, e o indivíduo

deve construir e reconstruir a própria casa diante das prementes mutações dos eventos e das relações (MELUCCI, 2004, p. 15).

Durante os primeiros meses de mestrado trabalhei como pesquisador-recrutador da Pesquisa Nacional sobre o Perfil dos Usuários de crack do Brasil³¹, onde a minha missão era chegar até as cenas mapeadas como locais freqüentados por usuários e convencê-los a participar da pesquisa. Após o recrutamento os usuários participavam de um questionário e tinha a opção de fazer alguns exames. Além disso, meu papel consistia em observar e descrever tais espaços localizados em alguns pontos de bairros de Fortaleza e Região metropolitana. Além de dialogar com os usuários de crack, fazíamos contatos com algumas pessoas da comunidade e registrávamos as condições estruturais dos ambientes em cadernos de campo.

Nesta pesquisa foi possível trabalhar durante cerca de oito meses de atuação em campo, dialogando com consumidores e comerciantes de *crack* e outras drogas, deslocando-se em vários locais que eram desconhecidos para mim. Durante o primeiro semestre de mestrado foi possível colher vários dados que se concretizaram em vários cadernos de campo. Aqui no escopo dessa dissertação trago apenas alguns dados secundários de maneira passageira, pois necessitaria de uma sistematização mais complexa caso desejasse analisá-los de maneira mais precisa e detalhada.

Nos ambientes pesquisados, geralmente tínhamos contatos com pessoas ligadas diretamente ao tráfico. Sendo assim, foi possível perceber a reação destes sujeitos traficantes diante da nossa conduta de pesquisa e por meio dos símbolos com os quais nos identificávamos. A curiosidade de conhecer outras realidades sobre o tráfico de drogas começou a aflorar durante esse período de pesquisa e por meio dos símbolos possível observar o grau de medo e os riscos que esse tipo de comércio clandestino apresentava. Tanto a clientela, como os vendedores estavam expostos aos imprevistos de serem vítimas de atos violentos por parte de diversos atores.

Por estarem diariamente praticando diariamente o tráfico, os “pivetes” buscavam desenvolver estratégia para driblarem as ações punitivas e minimizarem os danos proporcionados pelo envolvimento na atividade. Ficavam atentos para não sofrerem ataques surpresas, levando-os a morte ou possíveis sequelas físicas. Andavam armados

³¹ Pesquisa encomendada pela Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (Senad) à Fiocruz que buscava uma “Estimativa do número de usuários de crack e/ou similares nas capitais do país”.

para se prevenirem dos inimigos. Escondiam as substâncias com cautela para não serem presos. Não confiavam em estranhos para não serem enganados facilmente por policiais.

A maneira de apresentar-se a alguém desconhecido, até mesmo em locais familiares depende de uma série de identificações que são carregados de informações constantemente observadas e interpretadas. Apresentar-se a alguém desconhecido em seu local de pertença perante seus pares é bastante diferente do que apresentar-se a alguém desconhecido em áreas estranhas. A relação entre as pessoas e os lugares freqüentados possui forte significância na tensão existente entre os de fora do *pedaço* e os de dentro. Magnanani ajuda-nos a compreender como se procede esta maneira de relacionar-se, ao discutir sobre os percursos de jovens que utilizam determinados espaços com o intuito de manter contato com pessoas que não costuma manter vínculos aproximativos com freqüência. O autor enfatiza que

peças de *pedaços* diferentes, ou alguém em um *pedaço* que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade estão sempre latentes, pois todo lugar fora do *pedaço* é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo (MAGNANI, 2000, p.139).

Nessas áreas freqüentadas por pessoas que desempenham atividades clandestinas o clima de desconfiança diante de desconhecidos é bastante intenso. Existem vários riscos em adentrar regiões onde existe a prática do tráfico. Por conta disso, percebi que era necessário ter cautela e chegar com humildade e com estratégias convincentes. Leonardo Sá nos ajuda a refletir sobre os dilemas aproximação em seu estudo sobre os conflitos envolvendo jovens do Serviluz. O autor destaca a importância em chegar com humildade e saber respeitar as regras de convivência locais, ao ressaltar que

No campo, é preciso saber chegar e saber sair. Saber chegar com humildade. Saber entrar na comunidade de modo respeitoso. Saber agir com conhecimento ao entrar para se sair bem. Saber sair, mantendo as portas abertas para uma próxima visita e o posterior estreitamento dos laços. Existe uma etiqueta a ser considerada. Não é por que as pessoas são pobres, materialmente falando, que elas não têm sentimentos de nobreza e dignidade própria na camada 'nós' das pessoas. Qualquer pessoa é bem-vinda desde que saiba respeitar o fato de estar entrando na *quebrada* dos outros (SÁ, 2010, p. 75).

Observou-se que os pontos de apoio de argumentação dependiam da maneira como os diálogos eram conduzidos. Geralmente se resgatavam informações referentes ao local de onde eu vinha; ambientes que eu freqüentava; as amizades que eu mantinha e as atividades com as quais tinha envolvimento, principalmente a de pesquisador. Pois, na maioria das vezes, quando estava estabelecendo contatos novos, tais referenciais

relacionados à minha pessoa eram questionados, e quando esclarecidos atuavam como alicerces para evitar mal entendidos.

Constatou-se que para permear ambientes pouco familiares necessitava-se de bastante cautela, pois nesse contexto de realidade das ruas, como citou um dos interlocutores “*se vacilar, a galera passa o rodo ou bota para sair vuado. Por isso, tem que se chegar de pianinho*³²”. A maneira de chegar ou de se expressar deve ser calculada para que não haja mal entendidos e/ou desavenças, pois uma simples palavra ou gesto desmedido pode ser encarado como ofensa. Por exemplo, certo dia um homem desconhecido em busca de informação chegou a um dos locais pesquisados e cumprimentou aqueles que estavam ali presente, dizendo “bom dia moçada”. Os jovens logo retrucaram dizendo que não estava vendo nenhuma moça para chamá-los de ‘moçada’. Percebendo a saudação mal formulada, o homem retirou-se rapidamente.

Tendo em vista que pequenas expressões e palavras poderiam trazer repercussões desagradáveis, costumava ficar atento ao que poderia ser dito e ao que não poderia para evitar certos incômodos. Para isso, buscava fazer perguntas que não soasse como uma acusação que necessitasse de justificativas. Sendo assim, uma das técnicas uma das técnicas utilizadas consistia em buscar indagar sobre como as coisas aconteceram, ao invés de perguntar o porquê dos acontecimentos. Esta ideia transmitida por Becker, proporciona uma excelente reflexão sobre a significância de se perguntar o porquê ao invés de como algo veio acontecer:

Quando se pergunta por quê, na verdade se está pedindo uma justificativa, e é isso que se receberá, dada as convenções de nossa fala comum, uma justificativa, uma explicação, uma seleção a partir do vocabulário atualmente disponível de motivos. Muitas vezes queremos exatamente isso, mas não deveríamos confundi-lo com um relato de como certa coisa veio a ocorrer (BECKER, 2009, p. 163-164).

Neste sentido observou-se que, mesmo se falando de acontecimentos de terceiros, geralmente é considerado uma ofensa perguntar diretamente quem realmente matou alguém ou quem roubou o que. Algumas temáticas “proibidas”, em que se evita falar para não transmitir tensões, pode escapulir e causar mal-entendidos. Pois garantir o

³² Voz de um interlocutor que enfatiza que o contexto no qual está inserido, deve-se ter a cautela (chegar de pianinho) para não se cometer gafes (vacilar) porque a quebra de conduta pode resultar em violência física (quando se passa o rodo) ou ser obrigado a se retirar (botar para sair vuado).

sigilo de determinadas informações serve como mecanismo de defesa para encobrir às práticas desviantes. E tal quebra de sigilo pode trazer consequências desagradáveis.

Neste sentido, aprendeu-se que: Não se pode falar do planejamento de algum crime fora do ciclo de participantes e cúmplices para não colocar em risco tal plano. Não é permitido comentar publicamente onde determinada droga está escondida para que ela não seja cobiçada e encontrada. Não é permitido falar do comércio de drogas na presença de moradores que não são condizentes com a prática.

Depois de certo tempo, ao escutar inúmeras notícias dizendo que o tráfico de drogas estava ocasionando vários crimes cometidos por jovens nas comunidades praieiras, decidi estudar como o comércio de drogas estava se consolidando de maneira massiva em uma dessas comunidades. Para isso, foi realizada pesquisa em jornais e pela internet, juntamente com vistas em várias comunidades do litoral leste do Ceará para escolher qual seria a mais adequada.

A comunidade distrital que foi escolhida por suas características específicas possui cerca de 1.600 habitantes que em sua maioria está envolvida em atividades como a pesca, artesanato e turismo. Embora seus moradores vivam em um ritmo de atividades que divergem em vários pontos do modo de vida urbano, percebeu-se que o contato próximo com Fortaleza-CE e outros centros urbanos tendem a mesclar características locais e advindas das cidades.

Durante as visitas à localidade, embora não conhecesse ninguém da comunidade, nem soubesse como era o seu cotidiano, nestes primeiros momentos, tal lugar parecia ser bastante pacato, com casas de veraneio, vila de pescadores uma pequena praça e um litoral tranquilo. Mas dialogando com seus moradores fui percebendo que apesar de calmo, era um lugar em que surgiam muitos fatos inusitados. Ao tocar na questão de como os jovens estavam vivendo no local, a maioria das pessoas questionadas ressaltaram a influência do tráfico e do consumo de drogas ilícitas como um fator relevante.

Diante destas curiosidades em saber como era a maneira de se praticar o tráfico pelos jovens da comunidade, decidi permanecer por 45 dias de trabalho de campo, observando como era o cotidiano na localidade. Durante esse período foi possível escrever diariamente cadernos de campo, realizar uma revisão bibliográfica e entrevistar

diversas pessoas. Fiquei durante este período hospedado na casa de um homem que se tornou um excelente informante, com sua esposa e um filho. Como este informante conhecia alguns traficantes na localidade e estava inteirado de vários assuntos relacionados ao tráfico, pude discutir com ele sobre vários dilemas e conflitos que surgiam em campo.

Depois de alguns dias passei a entender um pouco mais como prosseguia o cotidiano do povoado e fui percebendo que a comunidade, apesar de aparentemente pacata, acontece muitas cenas inusitadas. Conhecendo um pouco do lugar, trocando ideias com pescadores e fazendo amizades com a vizinhança, fui percebendo que muitos conflitos permeiam a localidade.

Após realizar os primeiros contatos³³ com os interlocutores, passei a freqüentar algumas residências e outros lugares que acabaram por proporcionar várias entrevistas informais. Após essa acessibilidade, pelo menos quatro vezes por semana, eu me deslocava até distritos vizinhos à região central da comunidade para estabelecer contatos e analisar a dinâmica do tráfico que permeava a região através de alianças que se fortalecem através de amizades.

Embora este período de campo tenha me trazido dados valiosíssimos, não pretendo trazer tais dados como prioritários nesta pesquisa, pois, assim como o mapeamento ressaltado, tornou-se impossível fazer uma análise com tamanha abrangência. Muitas semelhanças e diferenças foram encontradas, mas por falta de maior sistematização e detalhamento dos dados, não achei que fosse confortável trazer tais dados através de uma contextualização mais complexa, deixando para quem sabe futuros desdobramentos desse campo empírico.

Ressalto diante disso que tal período foi muito significativo no sentido de compreender com mais clareza a realidade da região da cidade que irei focalizar neste estudo. Pois, sendo assim, foi possível obter certo distanciamento da região onde pesquiso, além de ter sido possível fazer diversas comparações com realidade do tráfico observada no local. Pude utilizar o conhecimento sobre os códigos de condutas

³³ Acredito que em muitas situações a identificação com a prática do surf me possibilitou melhor acesso aos entrevistados, pois tal atividade é bastante admirada pelos jovens que participaram da pesquisa. Além de ter percebido que muitas regras de convivência que se cultivam no surf, também puderam ser encontradas nos ambientes pesquisados.

aprendidos para facilitar as aproximações nos lugares de pesquisa almejados. Conhecimento este em que boa parte foi fruto da convivência que antecederam o acesso aos locais.

Após o período na comunidade, juntei todos os materiais que tinha em mãos e aos poucos, fui percebendo que o enfoque da pesquisa estava se deslocando. Desta vez o consumo de drogas, tornou-se uma temática secundária em relação ao comércio. Ao invés do estudo sobre o consumo de *crack*, outros atores foram tornando-se destaques. Então percebi que o enfoque anterior estava sendo direcionado ao entendimento da dinâmica do tráfico de *crack*, maconha e cocaína, devido a uma série de contatos que fui estabelecendo com jovens que praticam tal atividade.

Em determinada altura da pesquisa, percebi que os contatos de campo haviam possibilitado um mapeamento de locais onde determinados grupos que implementam o tráfico se reuniam com maior frequência. Observei que alguns pequenos grupos se consolidavam, freqüentando determinados pontos e fortalecendo seus laços de amizade e lealdade em territórios específicos, mesmo sofrendo algumas oscilações repressivas. Sendo assim, permiti que fossem tomados como enfoque quatro lugares de atuação do tráfico que poderiam ser observados com mais detalhes, possibilitando uma melhor sistematização de atuação em campo.

Tais grupos eram formados por jovens que se organizavam através de relações de ajuda mútua, baseado na “consideração”, onde a complexidade das relações e imprevisibilidade das ações garantia o fortalecimento das amizades. Ao adentrar nestes grupos, passei a ser aceito, freqüentando os mesmos espaços e estabelecendo rotinas que foram percebidas após determinado tempo de pesquisa.

Algo que se tornou relevante na pesquisa foi o entendimento do que seria a “consideração”, pois o sentido de tal termo envolve aproximações, contatos, amizades lealdades. A “consideração”, oposto do que seja uma “pirangagem”, é uma atitude de reconhecimento e respeito que é fortemente cultivado no ambiente estudado. A falta de “consideração” pode resultar em atos de violência com consequências graves. Ter “consideração” é um capital simbólico possuído por aqueles que merecem respeito, pelas suas atitudes e “considerar” outra pessoa é garantir o reconhecimento que aquela pessoa merece. Leonardo Sá nos ajuda a refletir sobre tal categoria em seu artigo “A

condição de bichão da favela e a busca por consideração: Uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar. O autor ressalta que:

a condição de “bichão da favela”, termo utilizado para demarcar a reputação dos mais temidos nas relações de poder e de violência na comunidade, e discute como as ofensas morais e acusações sociais de falta de respeito entre jovens “maquinados”, aqueles que usam armas de fogo como ferramentas de luta, resultam em disputas agonísticas e letais que se precipitam em suas buscas por signos de “consideração” em meio a outras formas de expressividades simbólicas (SÁ, 2010, p. 339).

No decorrer da pesquisa, percebi que as pequenas galeras com as quais interagi estavam em constante conflito, seja com a polícia, seja com grupos rivais ou entre si. Conflitos estes que circulavam através de fofocas e que repercutiam no cenário dos bairros e que muitas vezes era de conhecimento de quase toda a comunidade.

Por estar acompanhado com estas pessoas, várias vezes passei a ser visto de maneira depreciativa e não demorou para que os comentários circulassem pelo bairro, enfatizando que eu estava envolvido com “pessoas perigosas” e em práticas condenáveis. Norbert Elias ajuda-nos a refletir sobre a fofoca, ao deixar claro que ela é um meio de comunicação que é inseparável da configuração das relações entre os membros de diferentes grupos. O autor ressalta que

Nos casos em que o sujeito e o objeto da fofoca pertencem a grupos diferentes, o quadro de referência não é apenas o grupo de mexericos, mas a situação e a estrutura dos dois grupos e a relação que eles mantêm entre si. Sem esse quadro de referência mais amplo, é impossível responder a pergunta crucial: saber por que a fofoca pode vir a ser um recurso eficaz para ferir e humilhar os membros do outro grupo e para assegurar a ascendência sobre ele (ELIAS, 1994, p.130).

Como foi ressaltado anteriormente, as relações de vizinhança, amizades e de parentescos foram sendo influenciadas pela proximidade com esse público “marginalizado” estudado. Embora tivesse optado por não me envolver nessas práticas desviantes, assim como os entrevistados, também passei a ser encarado como um sujeito de práticas indesejadas pela maioria dos moradores. Os transeuntes que passavam pelas ruas e me viam acompanhados por estes jovens, encaravam-nos com um aspecto desconfiado, expressando aversão e indignação diante das reuniões que ocorriam em locais públicos da dinâmica do tráfico.

Durante a pesquisa, meu embate pessoal em estar constantemente tentando provar para policiais, moradores e familiares que estava realizando um trabalho que exigia tal aproximação muitas vezes não foi compreendido. Sempre que podia tentava

argumentar que não estava praticando nada ilegal e que meu intuito era apenas dialogar com os interlocutores. Neste sentido, compartilho com a ideia de Goffman, quando discute sobre os dilemas enfrentados por aqueles que estão acompanhados de pessoas de identidade social depreciada ao ressaltar que

Estar “com” alguém é chegar em alguma ocasião social em sua companhia, caminhar com ele na rua, fazer parte de sua mesa em um restaurante, e assim por diante. A questão é que, em certas circunstâncias, a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação de sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são. O caso extremo, talvez, seja a situação em círculos de criminosos: uma pessoa com ordem de prisão pode contaminar legalmente qualquer um que esteja em sua companhia, expondo-o a prisão como suspeito. De qualquer forma, uma análise da manipulação que as pessoas fazem de si próprias terá de considerar a maneira através da qual elas enfrentam as contingências de serem vistas na companhia de outros em particular (GOFFMAN, 1988, p. 57-58).

Diante dos fatos de jovens presos, ameaçados, agredidos, outros moradores chegavam até mim para alertar sobre as desvantagens em estar acompanhado com “os vagabundos”. Alguns diziam que eu estaria passando uma imagem negativa para a comunidade. Alguns me convidavam para igreja, achando que eu deveria frequentar grupos religiosos ao invés de estar com sujeitos de práticas indesejáveis. Apesar de não me envolver em atividades ilegais, o princípio que norteia o ditado popular que diz: “Diga com quem tu andas que direis quem tu és” trouxe algumas consequências desagradáveis.

Nestes lugares visitados, além de praticarem o comércio de drogas, tais jovens se reuniam para conversar sobre diversos assuntos dos seus cotidianos, como esporte, religião, política, festas, família e relações de trabalho. Entretanto, devido ao intenso envolvimento em atividades clandestinas, também conversavam sobre acontecimentos de assaltos, tráfico, abordagens policiais, receptação, perseguições, homicídios. Além de planejar certos delitos e instigarem uns aos outros a praticarem alguns atos aventureiros que proporcionem uma reputação agradável no (para) grupo.

Durante as idas ao campo, fui cada vez mais tendo a sensação de que o ambiente frequentado por jovens armados, praticando o tráfico e instigados em obter vantagens em atividades ilegais, contribuía para que a percepção do que pode ser considerado “certo” ou “errado”, “permitido” e “proibido”, “legal” e “ilegal”, depende do ponto de vista cultivado em cada grupo.

Aos poucos fui percebendo que as fronteiras entre os dois pólos citados acima não são tão nítidos. As situações misturavam atributos penais legais e ilegais, fazendo com que os interlocutores tivessem oportunidade de se livrarem das punições. Notei que eles tinham a percepção de que traficar era um considerado um delito que prescreve consequências restritivas e desagradáveis, mas nem por isso deixavam de dinamizar o comércio, confiando, provavelmente na possibilidade de se livrarem das ameaças.

Por exemplo, conversar sobre o preço da conta de água ou sobre as bandas de um show não pode ser considerado uma prática ilegal que deve ser punida. Mas discutir sobre o planejamento de um assalto ou um homicídio que irá acontecer ou dialogar sobre onde comprar determinada quantidade de drogas pode ser considerado crime, passível de punição. Tanto a conversa sobre o show, como sobre assaltos e drogas eram dinamizados na mesma naturalidade, sem pudor, como se fossem assuntos corriqueiros que faziam parte de seus cotidianos.

Diante desse emaranhado de relações e atividades, fiz o esforço para conseguir entender qual meu papel como pesquisador e qual meu posicionamento enquanto participante das reuniões e observador das atividades. Busquei discernir quais práticas realizadas por mim seriam encaradas como proibidas ou permitidas, tanto dentro como fora das reuniões.

Como foi ressaltado anteriormente, minha presença era encarada de maneira ambígua pelos moradores e vizinhança que passavam pelos locais onde estudava, fazendo com que as informações circulassem de maneira imprecisa. De modo semelhante ocorria com as viaturas que passavam ou abordavam, pois os policiais não identificavam com precisão qual o papel que desempenhava naquelas situações. Durante as abordagens o clima de suspeita pairava sobre todos ali presente e os casos de acusação não eram medidos com cautela. Neste sentido, concordo com a ideia que Becker nos propõe a pensar quando ressalta que

A situação de *falsamente acusado* é aquela à qual os criminosos frequentemente se referem como “armadilha”. A pessoa é vista pelos outros como tendo cometido uma ação imprópria, embora na verdade não o tenha feito. Acusações falsas sem dúvida ocorrem, mesmo em cortes de justiça onde a pessoa está protegida por regras de processo e evidências adequadas. Elas ocorrem provavelmente com muito maior frequência em ambientes não legais, onde não existem procedimentos de salvaguardas (...). Um menino que está inocentemente nas fronteiras de um grupo de delinquentes pode ser preso junto com eles uma noite como suspeito e aparecerá nas estatísticas

oficiais como delinqüente de maneira tão certa quanto aqueles que estiveram realmente envolvidos com atos errados (BECKER, 1977, p. 69-70).

Devido a questões pessoais éticas e para fazer com que os perigos da pesquisa fossem amenizados, decidi não me envolver ativamente em ações condenadas por lei. Principal princípio que tive em mente antes e durante a pesquisa foi um aprendizado adquirido no meu âmbito familiar que coloca como prioridade a ideia de que ninguém tem o direito de roubar, saquear, retirar, subtrair o que pertence a outras pessoas. Com esta ideia evitei muitos conflitos, pois a cobiça ao que pertence a outras pessoas é causa freqüente de agressões e assassinatos.

Durante a pesquisa respeitava, mas não compartilhava com a ideia desses jovens, quando diziam “*temos que roubar de quem tem*”. Acreditava que não era uma justificativa convincente, pois sempre iríamos encontrar alguém que possui mais riqueza material que a nossa. Da mesma maneira respeitava, mas não compartilhava quando diziam que determinada pessoa tem que morrer a qualquer custo. Pois percebia que ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém. Em momentos propícios, tentava “cortar as forças”³⁴ de quem pretendia cometer um ato inconsequente sobre alguém, mas essas eram raras vezes, pois interferir em um conflito entre terceiros poderia trazer consequências negativas si. Considerava não aconselhável dar uma de herói para salvar alguém que estava sob ameaça.

Durante o período de convivência foi possível experimentar inúmeros momentos de descontração. Várias vezes presenciei batidas policiais e pude perceber o clima de tensão que envolvia a situação. Tive alguns medos diante da ameaça armada de grupos que eram inimigos daqueles que eu pesquisava. Presenciei a eliminação de alguns interlocutores. Criei relações de amizade que se estenderam além da pesquisa.

A participação neste trabalho etnográfico teve alguns dilemas que foram repensados no decorrer da pesquisa. Para que essa relação entre conhecimento, aproximação e distanciamento não fosse prejudicada tive que elaborar cautelosamente certas estratégias. Várias vezes surgiam o questionamento: Como conhecer tal realidade sem me tornar ou ser identificado como um praticante de delitos?

³⁴ Enfraquecer através de argumentos determinada ideia para evitar que ato se consolide.

Embora surgissem diversas oportunidades, optei por não traficar, pois acreditei que o caminho mais conveniente para adquirir os dados de maneira considerada a mais natural possível, seria através da aproximação, do contato visual e do diálogo em campo. Sendo assim, tornar-se um traficante, assim como Loïc Wacquant (2003) tornou-se boxeador, era uma questão que possivelmente iria prejudicar o trabalho, por isso evitei tal envolvimento. Enfim, não foi preciso me entregar de corpo e alma aos ensinamentos da pesquisa de campo.

Mesmo compartilhando algumas normas de condutas que não estava vinculada às práticas criminosas, desde os primeiros passos, tomei a decisão de limitar meu envolvimento. Não participava ativamente comércio, mas também não buscava impedir os comerciantes de traficar e nem estimulava fluidez das transações. Neste sentido, compartilho com a lição aprendida por Foote Whyte em seu estudo sobre os rapazes da esquina, quando ressalta em sua pesquisa que

Tive que aprender que, para ser aceito pelas pessoas num distrito, você não deve fazer tudo exatamente como eles fazem [...] ajustar-se aos padrões de um grupo pode trazer conseqüências muito sérias. Ele deve continuar a viver consigo mesmo. Se o observador participante se vê assumindo comportamentos que havia aprendido a considerar como imorais, então é provável que comece a pensar sobre o tipo de pessoa que ele é. A menos que se possa levar consigo uma imagem razoavelmente consistente de si mesmo, é provável que se meta em dificuldades (WHYTE, 2005, p.313).

A opção em se estudar como é traficar, sem se tornar um traficante foi algo relevante que acredito não ter prejudicado a compreensão do objeto de pesquisa. Possivelmente se começasse a traficar iria ter complicações pessoais que não eram produtivas, poderiam interromper minha trajetória acadêmica. Por isso, segui o conselho de um dos interlocutores que costumava enfatizar que aqueles que não “são do crime” e se envolvem em atividades criminais possuem chances maiores de obter conseqüências graves e drásticas, do que aqueles que já fazem parte desse estilo de vida.

Por conta disto, foi importante ser cauteloso e manter certo equilíbrio em situações delicadas. O medo esteve sempre presente, pois mesmo fazendo o papel de pesquisador, sem me envolver em práticas ilícitas, os riscos de ser surpreendido pela polícia em locais com flagrante de drogas, armas ou roubo tornou-se presente. Diante de atos ilegais praticados por policiais, como agressões e prisões forjadas, temia ser vitimado por um policial que não respeitasse meu papel junto aos interlocutores de

pesquisa. Na maioria das vezes optava por definir minha identidade de pesquisador apenas quando as situações tornavam-se mais complicadas.

Alguns casos de policiais, que não agiram conforme a lei, foram presenciados em algumas “batidas”. Mas é importante ressaltar que os casos de desvios de conduta variam de acordo com a corporação policial. Leonardo Sá nos ajuda refletir sobre a maneira como a polícia desempenha suas práticas, através de princípios militares que muitas vezes não condizem com o processo de redemocratização. Ele enfatiza que

As práticas cotidianas dos policiais militares nos confrontos com jovens de periferia nem de longe aderiram aos avanços institucionais da redemocratização do país. Os policiais militares continuam sendo liderados por oficiais que ratificam suas crenças militaristas de defesa do Estado, de defesa social e segurança institucional de autoridades e de camadas médias e altas, identificados como o universo dos cidadãos. Continuam inclusive se excluindo do universo da cidadania (SÁ, 2010, p. 271).

Durante a pesquisa, muitos interlocutores que participaram da mesma foram presos ou assassinados, causando certas tensões nas relações entre amigos, vizinhos e familiares. Como foi enfatizado anteriormente, a possibilidade de cenas de violência contra aqueles jovens que estudei era real³⁵. Algo repressivo sempre estava a ponto de acontecer e mais cedo ou mais tarde, provavelmente iria suceder-se alguma cena desagradável advindos da polícia ou de outros jovens. Estas possibilidades influenciavam de maneira significativa na maneira como se praticava o tráfico nas regiões estudadas, modelando comportamentos através de estratégias e ajustes.

2.2 Contextualizando lugares

Os lugares selecionados para realização desta pesquisa foram baseados em critérios situacionais ditados pelas circunstâncias aproximativas aos interlocutores que se estabeleceu no decorrer do trabalho de campo. Uma das questões que teve bastante significância foi o caráter de repressão e violência que os contextos cotidianos apresentavam. Percebeu-se que a possibilidade de punição influenciava a maneira como os espaços eram utilizados, fazendo com que o campo estivesse em constante dinâmica

³⁵ Durante o ano de 2012, foram assassinados nove jovens que moravam na região onde foi realizada a pesquisa. De janeiro de 2013 até os dias atuais ocorreram sete jovens com idade entre dezesseis e vinte quatro anos.

que deveria ser sucessivamente acompanhado com as estratégias metodológicas da pesquisa.

Howard Becker em sua obra “Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais” ajuda-nos a compreender esta relação metodológica, quando discute a questão da liberdade da pesquisa qualitativa, ressaltando que “não se deve seguir os manuais com respostas prontas aos questionamentos e desafios que surgirão no decorrer da pesquisa”. Ele ressalta também que no processo de construção do objeto, o pesquisador poderá sistematizar seus dados com o auxílio de ferramentas conceituais que o pesquisador achar que melhor convém para explicar os conceitos surgidos em campo (Becker, 1994, p. 72).

Becker nos sinaliza que ao estudar determinados fenômenos, temos que agir de maneira cautelosa ao não deixar que a teoria conduza o trabalho, pois, para ele o andar da pesquisa dependerá das interações que surgirão no decorrer deste processo de produção do conhecimento. E cabe ao pesquisador utilizar sua criatividade para interagir com seus pesquisados, absorvendo as evidências que ilustrem a dinâmica da realidade dos interlocutores e contornando de maneira conveniente os desafios implicados (Becker, 1994).

A metodologia utilizada para realização desta pesquisa levou em consideração o fluxo da dinâmica da venda de *crack*, maconha e cocaína. Dinâmica esta que sofre pressões, devido a uma série de fatores como a atuação da polícia e a rivalidade por disputas por territórios de venda. Por conta disto, percebeu-se a necessidade de pontuar algumas áreas que se mostraram como sendo fontes de abastecimento mais recorrentes. Locais estes que por suas características específicas mostraram serem lugares fixos de venda de drogas.

Entretanto, em todos os pontos escolhidos houvera circunstâncias que abalaram o andamento das vendas, devido às medidas repressivas e punitivas advindas de diversos atores, como a polícia e (ou) outros inimigos. Medidas estas que foram observadas em campo e que tiveram decisivas influencias na metodologia de sistematização e apresentação destes dados no presente texto.

Durante a pesquisa os fluxos dos comércios locais sofreram diversas oscilações em virtude de cenas de violências que serão discutidas. Alguns destes locais cessaram a

venda por determinado período que durou no máximo 20 dias. No lugar que denominarei como Beco do Rato tive que quebrar a rotina de pesquisa durante duas semanas e meia, pelo fato de três traficantes do mesmo ponto terem sido presos. Dentre os prisioneiros, um deles era responsável pelo abastecimento do local, mantendo os contatos necessários e organizando a distribuição. Por conta disso, embora outros interlocutores estivessem presentes no ponto de distribuição, a atividade esteve paralisada para que os contatos e a distribuição da droga fossem reestruturar.

Entendendo o trabalho etnográfico como uma “representação da realidade”, levou-se em consideração as limitações que tal maneira científica assume de retratar a realidade apresenta, reconhecendo a seletividade deixa de lado muitas faces do fenômeno estudado (Becker, 2003). Sendo assim, reconhece-se a seletividade dos lugares como uma consequência da junção entre as lógicas percepções apresentadas pelo campo e a contribuição das teorias dialogam sobre métodos científicos.

Buscando entender como se processa a flexibilidade das relações e a maleabilidade na utilização dos espaços, dois pontos que ora se entrelaçam, ora se desvinculam mostraram-se significantes durante a escolha dos desenhos da pesquisa. Um deles se refere aos mecanismos de controle do tráfico que não conseguem se consolidar sem a presença de meios extrajudiciais na resolução de seus conflitos, principalmente no que consiste ao poder da arma de fogo para traficantes, no que tange a cometerem e serem vítimas de homicídios. O outro ponto é a forte repressão popular e policial em determinados pontos de comércio e consumo que são acusados de serem caracterizados como áreas propícias para grupos desviantes. Os casos de agressão policial e realização de prisões muitas vezes fizeram com que determinadas áreas de convívio estivessem “embaçadas”.

A maleabilidade como os traficantes se desviam, resistem e assimilam determinadas técnicas repressivas, mostrou-se significativo do ponto de vista da utilização dos espaços. A polícia, instância repressora que está presente de maneira mais consolidada, muitas vezes determinava a maneira como os espaços são utilizados para o tráfico. Neste sentido, compartilho com a idéia de Foucault (1995, p. 83), quando destaca que os saberes que permeiam as instituições, investidos da capacidade de governar não elimina “o poder dos indivíduos de subvertê-los através de estratégias cotidianas de resistências ou micropoderes”.

De acordo com as observações, percebeu-se que a presença da polícia é algo que causa repulsão por parte destes traficantes que visam driblar as forças advindas de saberes que tentam impor controle. Pois o sentimento de aversão aos policiais se manifesta através de jogos de encobrimento, fuga e conflito. Enfim, a atuação policial, tanto desloca os jovens que praticam o tráfico, como influencia na dinâmica das vendas de drogas³⁶.

Além desses fatores, outro ponto significativo na configuração desses espaços de comércio é a relação estabelecida entre vendedor e cliente, pois a maneira como a clientela vai se relacionar com o traficante, muitas vezes depende da disponibilidade e qualidade da droga. Isto leva em consideração também que a empatia estabelecida entre estes dois atores e as circunstâncias repressivas do ambiente influenciam na escolha do local de compra pelo cliente e conseqüente na maneira como será a oferta do produto.

Em relação à empatia, por exemplo, para alguns usuários devedores ou inimigos de pessoas de determinada “boca”, não vale muito a pena passar perto deste território, muito menos comprar, pois estará correndo diversos riscos. Evita-se passar ou freqüentar áreas onde se tem “furos³⁷”, pois os traficantes locais geralmente estão preparados com armas ou amigos dispostos a impor respeito através da “violência reparadora do tráfico”. Para algumas pessoas a região estudada é um campo minado em que se deve desviar de vários espaços de convivência.

Embora houvesse certa transitoriedade de ocupação de espaços por parte dos traficantes estudados, foi possível mapear como enfoque principal quatro pontos fixos, utilizados para o comércio de drogas. Além destes quatro lugares, durante o texto serão trazidos de maneira complementar alguns dados obtidos na pesquisa sobre o perfil dos

³⁶ Clodomir Cordeiro nos ajuda a pensar sobre essa questão em sua dissertação “Violência, cidadania e medo: vivências urbanas em fortaleza” resalta como as estratégias de contato entre policiais e grupos são permeada por táticas de utilização de espaços públicos em um bairro de Fortaleza.

³⁷ O termo nativo “ter furos” significa dizer que determinada pessoa cometeu algum tipo de ‘deslize’ que o proporcionou um estado de ameaça latente. Tal ameaça pode se consolidar em uma vingança (ou punição) praticada pelo afetado do ‘deslize’. Por exemplo, a pessoa que mata um jovem que freqüenta determinado círculo de amizade em certa esquina, jamais poderá passar onde esses meninos se reúnem, pois sua presença causará sentimento de vingança ao ali presentes. Ou seja, tal homicida “possui um furo” na região. Mais a frente será destacado como a reunião de jovens que possuem vários furos influencia na maneira como eles são tratados e defendem-se das ameaças. A maioria dos interlocutores possuíam “furos”, advindos de atividades clandestinas em que as negociações ainda estavam pendentes.

usuários de *crack* e sobre alguns lugares da comunidade praieira onde foi possível coletar informações que nos ajudam a compreender o fenômeno estudado.

Os espaços mapeados eram utilizados por pequenos grupos de jovens que eram (ou continuam sendo) envolvidos com o tráfico de drogas e outras atividades ilegais como pichações, assaltos, sequestros, consumo de drogas. Muitos eram praticantes de uma ou mais atividades clandestinas, fazendo com que os ambientes fossem freqüentados por diversas pessoas que se uniam através de relações de companheirismos e amizade.

Ao questionar o que era “camaradagem” e quem era “camarada”, apontou-se que era um elo de união, fortalecido pelo respeito e companheirismo. O sentimento de pertença e ajuda mútua foram ressaltados de maneira recorrente nos relatos. Um dos entrevistados ressaltou que embora houvesse algumas “mancadas³⁸”, no local onde ele traficava havia somente pessoas na qual mantinha uma relação de lealdade e isso era “camaradagem”. Outro interlocutor ressaltou que “camarada” é aquele que na pior situação não abandona seu amigo. Outro afirmava que “camaradagem” se cultivava no dia a dia, quando se percebe que duas pessoas se respeitam.

Entretanto, pessoas que não costumam freqüentar determinado ponto de encontro podem enfrentar certas dificuldades ao se aproximar do local. A sua chegada pode proporcionar certa aversão por não compartilhar o mesmo sentimento de pertença que os freqüentadores experimentam. Ou seja, aqueles que não “são das áreas” (aqueles que não freqüentam o ambiente) estão expostos a receptividade ou não daqueles “das áreas” (pertencente ao grupo local).

Membros de determinados *pedaços* muitas vezes transitam entre um grupo e outro, existindo a possibilidade de conflito e alianças. Por isso, diante da imprevisibilidade da aproximação àqueles que não são tão familiares, pessoas que andam em um pedaço que não é o seu, devem ser cautelosas. Ao se referir a tais maneiras de se relacionar com os espaços Magnani nos auxilia ao ilustrar que “o conflito, a hostilidade, estão sempre latentes, pois todo lugar fora do *pedaço* é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo”. (MAGNANI, 2000, p.139).

³⁸ Termo nativo que remete a um ‘vacilo’, deslize ou quebra de regras.

Os jovens que estavam em seus locais de venda permaneciam em uma situação de proteção e defesa bastante ambígua. Possuíam a vantagem de se protegerem armados com seus amigos e conheciam os caminhos de fuga, caso tivessem que correr. Ao mesmo tempo em que possuíam a desvantagem de poderem ser surpreendidos por inimigos mais fortemente armados, sem dar tempo de reagir ou fugir. Será ressaltado mais a frente alguns casos de mortes em que a ameaça surgia de maneira imprevista, enquanto acreditavam que poderiam estar sossegados. Fatos estes que influenciaram fortemente na maneira como se pratica o tráfico no local.

O período de convivência com essas galeras mostrou ser um fator determinante para o estabelecimento de confiança e troca de conhecimento nestes espaços de sociabilidade, garantindo a afetividade e proteção entre seus membros³⁹. Sendo assim, notou-se que, independente de suas práticas, o indivíduo que frequenta determinado espaço será identificado como pertencente ao grupo local. Os diálogos e apoios cultivados durante as reuniões possibilitaram uma maior aproximação que os tornam membros.

Isso leva em consideração que ao se aliar a determinadas pessoas, isso poderá ocasionar em se comprar brigas já existentes, das quais o indivíduo não tenha contribuído para acontecer. Um dos locais da pesquisa estava em estado latente de guerra, cabendo aos amigos e familiares protegerem seus aliados e conseqüentemente carregando para si parte deste conflito. Mesmo sem estar interessado em tomar parte do conflito, os riscos de estar acompanhado de pessoas ameaçadas possibilita a identificação de si como inimigo do grupo rival.

Algumas disputas entre grupos de traficantes rivais podem durar vários anos, vitimando dezenas de jovens. No local que denominarei de Canal do Urubú, por volta das 17h30min de uma quinta-feira ocorreu a invasão de um grupo traficante rival. Cinco pessoas armadas dispararam vários tiros entre cerca de 7 jovens que estavam reunidos. em que foi até um desses espaços de comercialização, chegando a atingir quem estava no local, inclusive pessoas que não estavam diretamente envolvidos na disputa. Neste caso um adolescente de 14 que estava no local para convidar dois colegas a um jogo de

³⁹ Neste sentido, concordo com a ideia de Magnani, ao ressaltar que “É nesses espaços que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais” (MAGNANI, 2000, p. 32).

futebol faleceu com um tiro de uma arma calibre 12 no rosto. Os outros que foram atingidos, conseguiram escapar com vida. A partir daí, a família do garoto, juntamente com quem dominava a ‘bocada’⁴⁰ decidiram se aliar para vingar a morte do garoto.

A proximidade e aliança a um dos lados em disputa, deixa subentendido inimizade ao outro lado. A dificuldade em distinguir se determinado indivíduo do grupo rival está ou não disposto a entrar na guerra é desconsiderada, pois as reações de cada não podem ser premeditadas. Por isso, muitos que não estão dispostos a entrar na disputa preferem entrar na briga ou distanciar-se do grupo. Em sua ilustre pesquisa sobre o tráfico no Rio de Janeiro, Barbosa ajuda-nos nesta reflexão ao destacar a influencia que as alianças desempenham na manutenção e permanência em estado latente de conflitos. O autor ressalta que

nas ruas, a aliança é o motor da guerra, ao mesmo tempo em que impede que esta se alastre concretizando uma configuração virtual, ameaça a ser evitada a todo custo -- o modelo hobbesiano da guerra de todos contra todos. Não é anterior nem posterior à guerra, é imanente a ela: no mesmo momento em que se funda uma aliança, declara-se uma guerra ou o estado potencial de uma ‘não-guerra’ (BARBOSA, 1998, p. 156).

A imprevisibilidade frente às ameaças de invasão de grupos rivais torna tais cenários ambientes bastante hostis de desconfiança e suspeitas, onde os laços de amizades vão se configurando de acordo com a possibilidade de vingança e autoproteção. Isto influencia na maneira como os traficantes irão se comportar para dar continuidade ao comércio e seus lucros.

Para compreender os agenciamentos operacionalizados durante o funcionamento do tráfico de drogas nestes locais de Fortaleza, foi necessário o convívio direto com o público estudado. Baseando-se na experiência etnográfica, este trabalho refere-se ao período de 18 meses (Julho de 2012 – Janeiro de 2014 com alguns espaços de tempo intercalados) de pesquisa de campo que consistiu em visitas diárias aos pontos escolhidos para realização de entrevistas e observações.

Os dados referentes à pesquisa sobre o perfil dos usuários de *crack* serão ressaltados timidamente, restringindo-se a algumas considerações que foram observadas durante os momentos de conversas com os entrevistados. O pouco acompanhamento que tive com pessoas que vi de maneira passageira, impossibilitou uma análise que

⁴⁰ Ponto de venda de drogas. Em alguns locais é chamado boca, outros biqueira, bicas, dentre outras.

tivesse a capacidade de autorizar um estudo mais aprofundado sobre a realidade cotidiana dos espaços de tráfico visitados.

Durante cinco meses (no período entre Maio e Outubro de 2012) de visitas semanais, a rápida passagem de pesquisa em cada lugar não dava conta de boa parte da tessitura das vivências nos locais de tráfico, mas acredito que trazer relatos ilustrativos dessas experiências nos ajude a pensar melhor sobre a realidade dos quatro pontos de Fortaleza referenciados. Tal pesquisa que durou cerca de oito meses de visitas semanais poderá nos auxiliar.

Também será ressaltada, como já foi mencionado, parte da experiência obtida durante 45 (entre os meses de Junho e Julho de 2013) de estadia em uma comunidade praieira. O contato com jovens que praticam o tráfico na região, observando-os em suas atividades diárias, dialogando sobre suas experiências, proporcionou dados interessantes para se fazer alguns contrapontos analíticos. No decorrer dessa permanência tive a oportunidade de visitar outros pontos de comércio em regiões próximas, acompanhado de pessoas que comercializam drogas. Vários dados valiosíssimos puderam ser colhidos, mas pretendo ilustrá-los apenas de maneira passageira.

Novamente ressalto que se priorizou a análise aprofundada dos quatro pontos de Fortaleza em virtude do tempo de convivência e da quantidade de dados acumulados na pesquisa. Sendo assim, os dados referentes às outras experiências surgirão em algumas partes do texto como pano de fundo para nos ajudar a compreender a realidade do tráfico nos quatros espaços⁴¹.

Foram pontuados quatro lugares de Fortaleza, dois no mesmo bairro e outros dois em bairros distintos. Lugares estes que irei denominar com nomes fictícios com o intuito de preservar o anonimato das práticas e evitar o comprometimento da integridade dos interlocutores e da minha própria. Compartilho a ideia de Howard Becker, quando discute sobre os dilemas éticos da pesquisa, enfatizando a importância do compromisso que se deve ter com interlocutores que estão suscetíveis a penalidades. Sendo assim, ele ressalta que

⁴¹ Em alguns momentos será referenciada como “comunidade praieira” a designação de tal espaço de pesquisa.

O estudioso do desvio precisa convencer aqueles a quem estuda de que não haverá perigo para eles, de que não sofrerá consequência do que lhe revelarem. O pesquisador, portanto, deve interagir intensa e continuamente com os desviantes que quer estudar, de modo que estes possam conhecê-lo bem o suficiente para avaliar de algum modo se as atividades dele afetarão adversamente as suas (BECKER, 2008, p. 171).

Embora a caracterização dos lugares facilitasse suas localizações, evitou-se ao máximo informações precisas que possibilitasse a intensificação dos perigos em tais espaços. Da mesma maneira, teve-se o cuidado para não se divulgar informações que revelassem a identidade dos interlocutores, pois estes seriam os mais prejudicados. Durante as entrevistas, costumava estabelecer um acordo em que eu afirmava que não iria utilizar as informações para prejudicá-los. Desta maneira, evitava-se que as informações fossem utilizadas para intensificar a atuação repressiva da polícia.

Para fins ilustrativos, neste tópico serão enfatizadas algumas características que descrevem especificidades do ambiente estudado. Os pontos selecionados estavam localizados em uma região que permeia dois bairros. Os quatro estão distribuídos em uma área, cuja a distância dos que estão mais isolados geograficamente não ultrapassam mantendo no máximo oito quadras.

Canal do Urubú

Um dos espaços escolhidos está localizado no extremo entre uma favela e uma imensa área de vegetação que permeia um alagadiço. Este lugar foi considerado pelos interlocutores um espaço ideal para se praticar o tráfico, pelo fato de existirem vários esconderijos no decorrer da mata e por possuir ótimas saídas de fuga (ou como podemos chamar de saída de emergência).

As observações geralmente aconteciam no período da manhã por volta das 11:00 (horário em que os traficantes acordam e a disponibilidade é garantida) e no período da tarde, após as três até o anoitecer. A droga mais vendida é a maconha, mas também existe a comercialização de *crack* e cocaína, principalmente no período da noite. As informações sobre acontecimentos relativos aos horários entre 23:00 e 04:00 restringiram-se às observações de 6 dias acompanhamento noturno sobre dinâmica do comércio.

Neste local, cerca de 4 garotos se revezam na venda de drogas e se ajudam no momento da condução da droga e do dinheiro. O espaço é bastante freqüentado por

usuários e traficantes que se aglomeram entre 5 e 15 membros, dependendo do horário. No decorrer da pesquisa discutirei sobre os conflitos ocorridos nestes espaços que possibilitaram várias alterações na utilização deste espaço. Tal local que denominarei como sendo o Canal do Urubú, encontrei Delsin, Caçula, Miguel, Dentão e Formiga.

Beco do Rato

Outro local escolhido que chamarei Beco do Rato pertence a uma favela em que parte do beco pesquisado percorre a lateral de condomínios e de casas com muros altos. Tal beco possui apenas uma entrada e uma saída. Ele é bastante estreito, possuindo cerca de 100 metros de extensão por 8 metros de largura. Existem dois pequenos comércios com balcões e algumas casas. É possível perceber o contraste entre pequenas moradias de poucos compartimentos ao lado de grandes residências onde moram pessoas privilegiadas financeiramente.

Os moradores em suas trajetórias diárias cruzam pelos rapazes que estão no decorrer do beco ou em suas entradas conversando e esperando por clientes. Neste lugar se pratica o tráfico de *crack*, maconha e cocaína durante diversos horários do dia, pois os próprios traficantes permanecem nos becos em quase todos os horários do dia se revezando. As drogas mais vendidas são cocaína e *crack*. Foi possível coletar dados através de entrevistas principalmente durante o dia, cabendo a algumas visitas momentâneas no começo da noite e raramente nas madrugadas. Neste lugar encontrei Arcanjo, Calango, Cocão, Chileno, Pretim e Zureia.

Praça da Matina

O outro local foi uma praça que é freqüentada durante a madrugada por usuários de cocaína e, principalmente o *crack*. Alguns traficantes permanecem durante a madrugada com a intenção de vender *crack* e cocaína, tanto para aqueles que permanecem na praça, como para aqueles que chegam apenas para comprar. Nesta praça que denominarei de Praça da Matina foi estudada durante os horários entre 22:00 e 4:30, pois eram nestes horários onde o fluxo era mais intenso.

A praça possui mais ou menos 100 metros quadrados. Dentro do seu perímetro existe uma igreja, uma quadra para esporte, algumas árvores, bancos deteriorados e algumas regiões com matos. Durante a madrugada, geralmente havia um bar que oferecia cerveja, cachaça e cigarros para os traficantes e usuários de cocaína que ali se

encontrava. O acesso ao ambiente é facilitado por ruas utilizadas por moradores em seus percursos diários. Neste ambiente podemos encontrar Cenoura, Cruzeta, Flaécio, Filisteu, Frieza, Nonato e Piloura.

Tiueibes

O quarto local chamado Tiueibes é o ponto de encontro de duas ruas. Uma delas é uma rua estreita que forma um ângulo de 90 graus com uma travessa. A rua que se estende é um beco com vários quebra molas que dificulta o acesso de veículos. Já a outra, é uma travessa um pouco mais larga que conecta uma avenida movimentada ao outro extremo que se consolida na rua estreita. Neste ponto de encontro podemos visualizar um sofá e alguns bancos improvisados estendidos escorados em um muro alto, onde os jovens se reúnem. Sentado nos recintos é possível enxergar o movimento de quem vem pela frente na rua larga, vindo da avenida. Olhando para o lado direito enxergamos o que se passa pelo beco que tende a se estreitar cada vez mais. Olhando para o lado esquerdo visualizamos o movimento de quem entra na rua.

Em uma das esquinas podemos avistar uma árvore que impede a passagem de luz dos postes, fazendo com que seja um lugar escolhido para esconder a droga vendida, devido à escuridão e os matos que se alastram na calçada e nos córregos. O tráfico neste ponto é praticado com maior frequência de quarta a domingo. Durante a tarde, algumas vezes havia o movimento de jovens comercializando maconha, mas o comércio ganhava mais intensidade a partir das 19h00min onde ocorria o comércio de cocaína e *crack*. Este foi o único local onde se encontrar mulheres traficando. Lá foi possível encontrar alguns interlocutores como Bruno, Dengoso, Bicudo, Caverna, Daniel, Leonor, Mingal, Prateado, Tati e Tequim.

É importante frisar que durante os 18 meses de trabalho de campo os dias das visitas sofreram algumas alterações. Muitas vezes permanecia durante a tarde no Canal do Urubú e durante a madrugada estava acompanhado com os interlocutores no Beco do Rato. Outras vezes estava durante o fim de tarde no Beco do Rato, começo da noite em Tiueibes e depois das 23h00min na Praça da Matina. Algumas vezes tive que ir embora mais cedo de determinado local, por conta de fatores como a presença da polícia ou morte de alguém. Outras vezes, em períodos de chuva, a movimentação dos lugares reduzia, enfraquecendo o comércio e fazendo com que a permanência dos interlocutores e pesquisador fosse limitada.

Ressalto de antemão que em todos os lugares houve conflitos que alteraram a dinâmica dos espaços. Em virtude de medidas coercitivas vindas da polícia ou por conta da possibilidade ameaça de grupos rivais, o comércio sofria alterações que influenciava os comportamentos e os pontos de vista dos indivíduos. Leonardo Sá em sua pesquisa sobre relações conflituosas entre jovens moradores do Serviluz nos descreve a maneira como as disputas entre duas gangues proporciona certo desequilíbrio de poder que altera a configuração de força nos dois lados em disputa. Nesta passagem o autor descreve como o enfraquecimento de uma das gangues proporciona alterações no comércio de drogas e de armas:

Nem a prisão de Rafael, com mais cinco integrantes da gangue do Beco, arrefeceu o processo, pelo contrário, criou desequilíbrios de poder na estrutura local das gangues, pois desfalcou a força de uma delas. Permitiu que gangues rivais fizessem ataques surpresa aproveitando-se da fragilidade dos inimigos. Os policiais quando efetuavam prisões não levavam em consideração que pudessem gerar esse desequilíbrio. Mas em alguns casos parecia haver um cálculo militar e comercial nesse processo de alianças e parcerias. O tráfico de armas e a comercialização de drogas teriam uma nova configuração a partir do enfraquecimento da mais temida gangue que estava se rebelando contra os fornecedores policiais, a gangue do Beco e inclusive que tinha assassinado um policial (SÁ, 2010, p. 118).

Algumas alterações na dinâmica das relações foram mais drásticas do que outras, mas o comércio apenas ganhava novas roupagens após esses abalos. Muitas vezes o conflito não estava diretamente ligado ao mercado, mas geralmente o tráfico acabava influenciando e sendo influenciada por disputas como desavenças entre vizinhos, briga entre torcidas organizadas, briga por mulheres. A presença em si da polícia tentando solucionar estas desavenças já era um ponto preocupante para os traficantes, pois, além de sentirem medo da atuação direta dos agentes sobre o tráfico, ainda havia a questão dos clientes que sentiam temor da polícia no local, impedindo o processo de lucro dos traficantes.

Além dessas desavenças que não estão diretamente ligadas ao tráfico, o envolvimento dos próprios traficantes em outras atividades ilegais mostrou ser um fator decisivo na alteração das dinâmicas dos locais. Pois os “furos” cometidos em outras atividades, podem resultar na atração da polícia e de outros sujeitos interessados em reparar perdas.

Embora tenham sido pontuados certos pontos de comercialização, outros ambientes também proporcionaram informações essenciais para o entendimento do funcionamento do tráfico local e para realização dos contrapontos que tal pesquisa

objetiva. Algumas entrevistas que foram concedidas em outros lugares, mas que era sobre tais áreas estudadas tiveram sua importância reservada. Além disso, foi possível observar durante certo tempo outros pontos de comercialização de drogas que não foram mapeados, por motivos que já foram ressaltados anteriormente.

Foram realizadas o total de 26 entrevistas individuais, incluindo 10 interlocutores. No Canal do Urubú, Formiga participou de 4 delas, Delsin e Dentão uma de cada. Em Tiueibes, Prateado cedeu 3 e Dengoso duas. No Beco do Rato, foram realizadas 5 entrevistas com Zureia, 3 com Cocão e duas com Arcanjo. Na Praça da Matina, Frieza participou de 3 e Flaécio de duas.

Algumas duraram horas, enquanto outras não se estenderam por mais de 15 min. Mas a maior parte delas durava mais de 30 min de diálogo, onde os interlocutores tinham a oportunidade de enfatizar assuntos dos quais se sentiam empolgados para expressar. Além disso, a participação nas atividades cotidianas como pesquisador, proporcionou longas entrevistas semi-estruturadas em que os diálogos se desenvolviam de maneira espontânea, ilustrando diversos aspectos da vida destes jovens que traficam.

Além das conversas, a convivência garantiu a visualização de situações em que os operadores de tal dinâmica desenvolviam suas práticas e maneiras de realizar o comércio. Acredito que o destaque da interpretação dos diálogos, das performances e, até mesmo do silêncio teve um papel decisivo nessa decifração dos códigos de conduta que envolve o *ethos* dos indivíduos estudados (Geertz, 1989). Pois foi a partir das interpretações feitas por mim e pelos próprios interlocutores das ações no período de campo que foi possível selecionar algumas atitudes e situações que caracterizassem a conduta destes traficantes das localidades.

2.3 Uso de materiais de registros

Nestes “encontros etnográficos”, muitas vezes embalados pelo choque de culturas entre pesquisador e pesquisado, foram valorizados as capacidades sensoriais de *ouvir* e *olhar*, pois acreditou-se que o desempenho dessas capacidades cognitivas são essenciais para entender melhor as lógicas de percepção do outro. Além dessas capacidades, *escrever* sobre os acontecimentos em campo ao invés de se deter a

conteúdos restritos ao tema, se mostraram como pontos fundamentais para a análise da realidade estudada (Oliveira, 2000).

A descrição das observações registradas em cadernos de campo foi essencial para realização deste trabalho, pois com tais anotações foi possível sistematizar os dados de maneira mais crítica e elaborada. As anotações referentes aos gestos e discursos que se tornaram mais significantes puderam ser olhadas com mais nitidez. Sendo assim, com a ajuda do diário de campo, algumas situações e detalhes que poderiam passar despercebidos foram reavaliadas e posteriormente, notadas sua significância com maior clareza.

Nos momentos de transcrição destes diários foi possível fazer ligações entre das experiências registradas (incluindo os conceitos nativos) e o auxílio do aparato conceitual, tentando manter uma lógica de coerência argumentativa, o que parece ter facilitado o entendimento do fenômeno do tráfico estudado.

Após o trabalho de campo, quando chegava em casa, com o auxílio da memória, selecionava, interpretava e registrava os fatos e eventos que ilustravam a maneira como se pratica o tráfico nos quatro lugares estudados. Sendo assim, era possível sistematizar as correlações entre os dados, garantindo a reflexão sobre as problematizações e categorizações da pesquisa (Beaud; Weber, 2007).

Ao descrever determinadas situações que foram consideradas como sendo eventos importantes para a ilustração da pesquisa, analisava-as utilizando como critério seletivo sua repercussão e seu significado simbólico para aqueles que participaram ou emitiram opiniões sobre fatos observadas e narradas. Com esta ideia de captar interpretações e significados para acontecimentos em determinados lugares, buscou-se questionar, através dos referenciais teóricos, o fenômeno estudado.

Além disso, é importante ressaltar que as ações não foram analisadas de forma isolada, pois a conexão entre as situações e a contextualização do cenário no qual estes traficantes estavam inseridos teve um papel primordial. Sendo assim, entendeu-se o processo de pesquisa de maneira relacional, onde as interações em campo e os referenciais teóricos se entrecruzavam, estabelecendo conexões (Becker, 1999).

2.4 Diálogos e narrativas: análise dos discursos

No decorrer das situações observadas, além dos aspectos visuais que envolviam movimentos e interpretações, também foi dado ênfase aos relatos obtidos a partir de rodas de conversas e de diálogos individuais. A cada volta pela região, encontrava pessoas dispostas a dedicarem parte de seu tempo em conversas duradouras, em que eram relatadas experiências relacionadas aos conflitos inerentes ao tráfico no bairro. Mostrar-se interessado em ouvir foi algo importante para manter um fluido diálogo, em que o interlocutor descrevia seus pontos de vistas de maneira empolgada.

Durante as rodas de conversas geralmente havia alguém com droga para vender ou para uso próprio. Nesses tipos de encontros a presença do flagrante de arma ou droga exigia certa atenção ao que era externo ao ciclo de conversa. Tais artefatos intensificavam os riscos de ameaças externas advindas tanto da ação policial como de inimigos. Poderia haver trocas de tiros, prisões, agressões, delações, extorsões e assassinatos. Sendo assim, a possibilidade de ações coercitivas sobre os interlocutores determinavam os ritmos de descontração e tensão que as rodas de conversas proporcionavam.

Constantemente se alertava para que os que estavam reunidos ficassem de “olho no mundo”⁴² para se prevenirem de surpresas desagradáveis. Dizia-se para que os pivetes que estavam “adiantando” a droga não se descuidassem com a atenção e aproximação de pessoas. Sendo assim, tive que me acostumar com esta dupla atenção, tanto no diálogo como ao que estava ao redor, pois é sempre bom está prevenido para situações inesperadas. Em algumas entrevistas, a presença da polícia modificou o rumo e o ritmo da entrevista, influenciando os dados de maneira rápida.

Em vários lugares pesquisados, principalmente na Praça da Matina passei madrugadas em diálogos prolongados sobre como acontecimentos cotidianos. Algumas vezes o toque de recolher advindos do aviso da polícia surgia de maneira inesperada, interrompendo as entrevistas de maneira inconveniente.

⁴² Durante as reuniões estar de “olho no mundo” em constante estado de vigilância é uma exigência fortemente cultivada no grupo. Pois o estado de alerta contra a presença da polícia ajuda o grupo a se prevenir de imprevistos constrangedores. Ao visualizar a polícia, aqueles ali presentes geralmente alertavam de maneira discreta qual corporação chamar atenção com movimentos bruscos. É muito importante para o traficante que está atuando estar ciente dos movimentos de policiais ou inimigos que pretendam causar algum dano.

Neste sentido, compartilho com a ideia de Leonardo Sá, quando enfatiza como as rodas de conversas juvenis podem ser consideradas uma zona que mantém um fluxo de informações alternativo às concepções de ideias hegemônicas com sua relativa autonomia. Semelhante a sua experiência de pesquisa em uma favela, nos locais onde pesquisei, também foi possível desfrutar dessas trocas de conhecimento que as rodas proporcionam. Ao discutir sobre tal temática o autor ressaltou que

O ato da conversação é tão querido entre os jovens que alguns relutam em se recolher para dormir. Sentem um prazer imenso de se deixarem levar pelos rumos das conversas, de tal modo que sempre um núcleo de três, quatro ou cinco rapazes acaba permanecendo firme e fiel ao propósito da troca de idéias, motivados pela prática da boa conversação, o que os leva a ficar acordados até altas horas, se a violência da polícia, com seus toques de recolher, e as guerras entre as facções juvenis armadas, cujos tiroteios recomendam busca por abrigo, deixarem. Mas isso não é sempre. Há períodos de calmaria no Serviluz e períodos de guerra aberta. Nos períodos de calmaria, o Serviluz vira uma vila com várias rodas de conversação, convivendo pacificamente com o mundo circundante (SÁ, 2010, p. 260).

Baseado nas situações e relatos analisados, percebeu-se que em nenhum momento a presença da polícia foi considerada como sendo algo desejável pelos interlocutores. Geralmente, quando a polícia estava na área, era sinal que algo desagradável estava para acontecer ou que tinha acontecido. A aversão a polícia era bastante significativa, pois as adjetivações referentes “aos homens da lei” eram permeadas de por termos pejorativos. Mais a frente serão ressaltadas as estratégias desempenhadas pelos traficantes para conviver com as abordagens, como a utilização do celular para avisar ou perguntar sobre a presença de certas viaturas que estão circulando na área.

Embora optasse por analisar as conversas e discursos espontâneos, em várias situações busquei estimular certos assuntos que eu acreditava se revelaram como elucidativas para maior nitidez do fenômeno estudado. Na maioria das vezes permiti que as conversas fluíssem espontaneamente, deixando a pauta se desenrolar com o processo de diálogo. Contudo, em vários momentos participei das conversas pontuando algumas temáticas que considerava interessante e que poderiam contribuir de maneira frutífera com a reflexão sobre os dados.

Muitas vezes realizei entrevistas debaixo de árvores, sentado em tijolos; sentado nos bancos da praça; em residências; em frente a lagoas; andando de carro; nas ruas e calçadas. Buscava constantemente aproveitar de maneira conveniente e espontânea a

oportunidades que surgiam. Algumas entrevistas tinham que serem marcadas com antecedência, mas a maioria surgia de maneira inesperada.

Confesso que muitas vezes fui insistente, mas sempre buscava alertar sobre os prós e os contras da entrevista, deixando que o interlocutor ficasse a vontade para dizer sim ou não de maneira confortável e sem constrangimento. Até mesmo porque algumas experiências mostraram que entrevistas em que o interlocutor não está se sentindo seguro, tendem a ser ‘travadas’ no sentido de tornar o diálogo desagradável.

No decorrer dessas conversas, várias histórias eram narradas com o intuito de relembrar as experiências vividas durante as trajetórias de vida dos interlocutores. Durante estas conversas foi possível privilegiar as narrativas em que eram esclarecidos os pontos de vistas sobre envolvimento com a atividade do tráfico de drogas. Várias situações ocorridas no passado eram ressaltadas descrevendo os dilemas implícitos ao estilo de vida proporcionado pela atividade do tráfico. Sendo assim, ao resgatarmos histórias passadas e significantes, os “pivetes” conseguiam refletir sobre suas motivações e conflitos.

Estes períodos de diálogos, seja na Praça da Matina, no Beco do Rato, no Canal do Urubú ou em Tiueibes foram permeados por narrativas que traziam várias experiências vivenciadas. Ao mostrar-me interessado em diálogos envolvendo o contato com o crime, alguns traficantes resgataram várias histórias, principalmente aquelas que descreviam os riscos e traumas condicionados pelo estilo de vida desviante.

Durante as entrevistas, várias narrativas se iniciavam a partir da indicação de marcas corporais, expressas em tatuagens ou cicatrizes adquiridas em conflitos, ganhavam força através de histórias carregadas de adrenalina. Narrativas estas que expunham situações passadas que tiveram repercussões em suas decisões e caminhos traçados até chegar ao tráfico no bairro.

Diante do leque de histórias sobre o contato com ‘o mundo da ilegalidade’, as descrições de cenas de crime e de passagens por prisões e cadeias eram expressas, fazendo com que uma série de experiências fossem resgatadas da memória dos interlocutores. Neste sentido, a ênfase que era dada ao “currículo lattes” do crime, exposto através da descrição de fichas criminais, permitia o resgate de situações inusitadas ligadas ao tráfico.

Diante da impossibilidade metodológica em fazer uma análise aprofundada sobre a história de vida de vários interlocutores, devido à quantidade de informações adquiridas, serão trazidos apenas alguns detalhes da história de vida de dois deles. No decorrer do texto surgirão passagens em que Zureia e Formiga serão trazidos como protagonistas, por estarem mais presentes no sentido de terem contribuído com informações mais detalhadas sobre a realidade analisada. Os dois mostraram-se dispostos e solícitos, contribuindo de maneira significativa para o andamento da pesquisa.

Durante a pesquisa, tornou-se cada vez mais importante entender quais eram os pontos de vista dos interlocutores sobre suas práticas e o contexto no qual estavam inseridos. Escutar suas percepções foi importante, pois, sendo assim, seria possível refletir sobre alguns preconceitos cultivados socialmente que não levam em consideração a perspectiva de quem está traficando. Neste sentido, algumas opiniões hegemônicas que eram apresentadas de maneira simplista em jornais e televisões, puderam ser questionadas, alimentando a reflexão sobre quais os possíveis diálogos que este trabalho poderia manter.

Assim como Leonardo Sá em sua pesquisa no Serviluz, também participei de rodas de conversas onde o fluxo de ideias ocorria de maneira espontânea, apresentando diversos questionamentos que quebrava algumas ideias preconcebidas e demonstrava outras lógicas perceptivas sobre diversos assuntos. Nas localidades estudadas, o fluxo de comunicação através desses encontros, geralmente eram menosprezadas e discriminadas por muitos policiais e moradores da região. Ao questionar sobre as reuniões, um dos moradores ressaltou que “os jovens ficam no meio da rua sem fazer nada, conversando besteiras e fazendo o que não presta”. Ao refletir sobre as rodas de conversa, Leonardo Sá resalta que

As rodas são microespaços públicos de expressão e de comunicação face a face que estruturam a experiência das ações coletivas dos jovens, dão visibilidade pública ao ato de conversar e, portanto, alimentam o funcionamento da esfera pública popular juvenil como instância de produção de opinião pública alternativa e de notícia não hegemônica sobre eventos e assuntos, considerados relevantes por eles e para eles. As rodas pautam a agenda pública dos jovens do bairro. São campos de comunicação popular, agenciados pelos jovens. São zonas de autonomia relativa dos pensamentos, das organizações e das interações juvenis (SÁ, 2010, p. 256).

Por exemplo, durante as rodas de conversas foi possível observar que as relações estabelecidas entre traficantes e usuários não são tão truculentas e maliciosas como

geralmente é apresentado de maneira aceitável pela opinião pública. Os discursos e trocas de experiências mostravam outras perspectivas relativas aquela em que o traficante que seduz e mata seus clientes de maneira comum.

As aventuras vivenciadas por Zureia e Cocão, freqüentadores do Beco do Rato; a de Formiga, narrando suas passagens até chegar a traficar no Canal do Urubú; a narrativa de Prateado dizendo como aprimorou sua habilidade com números; Leonor ressaltando suas sortes e azares enquanto traficava em Tiueibes. Tais personagens com seus relatos de experiências serão essenciais para entendermos com maior clareza como se configura o jogo de motivações, traumas e expectativas no contexto da criminalidade do tráfico de drogas nos bairros.

2.5 Dilemas éticos

A alteração dos verdadeiros nomes dos interlocutores em codinomes foi uma das primeiras medidas tomadas com a intenção de preservar suas integridades físicas e psicológicas. Esta estratégia foi uma opção encontrada para evitar a consolidação de provas incriminatórias que pudessem identificar os participantes, possibilitando em agressões, prisões ou outras ações indesejadas.

Embora boa parte das entrevistas tenham se desenrolado de maneira informal e espontânea, muitas foram pautadas com temáticas precisas, informando o momento em que estava se iniciando e finalizando. Algumas vezes chegava até os interlocutores que estavam reunidos para ressaltar o interesse em discutir sobre determinado para o “livro” que estava escrevendo. Assim como tiveram diálogos espontâneos, também foi possível realizar entrevistas grupais e individuais com perguntas pré-determinadas.

Apesar de estimular determinados assuntos, durante os diálogos espontâneos preferiu-se priorizar as ideias transmitidas de acordo com a ênfase dada aos percursos temáticos ditadas pelos próprios interlocutores. Muitas vezes, permanecia sem interferir com perguntas por bastante tempo com o intuito de observar quais as temas que mais os atraíam.

Embora tenha havido a preocupação em deixar os interlocutores cientes dos objetivos desta pesquisa, enfatizando as repercussões que os registros poderiam causar,

optou-se por não prejudicar a espontaneidade da relação de pesquisa em prol da utilização de materiais que poderiam ser interpretados como supostas provas incriminatórias.

Existem vários motivos que fizeram com que eu não utilizasse materiais de pesquisa como o uso do gravador ou a aplicação de questionários. A intenção era evitar que tais objetos garantissem uma formalidade extravagante e desnecessária para a pesquisa. Formalidade esta que poderia me colocar em uma situação desigual frente aos colegas interlocutores, influenciando de maneira autoritária o andamento das respostas.

O que deveria ser uma simples conversa espontânea, com o auxílio do gravador ou de um questionário, poderia se assemelhar a uma relação de acusação e defesa entre repórter e criminoso ou entre policial e bandido, como geralmente observamos em inquéritos policiais e programas televisivos. Neste sentido, buscou-se evitar até mesmo o uso do termo “entrevista” ou “investigação”, pois no contexto estudado tais expressões estão fortemente associadas às instâncias coercitivas.

Da mesma maneira aconteceu com o uso da caderneta. Embora eu tivesse a liberdade e confiança de poder levar uma caderneta para anotações momentâneas durante a observação em campo, optou-se por não utilizar o diário de campo em mão, para evitar certos inconvenientes. Sendo assim, as transcrições das cenas observadas aconteciam somente após a estadia em campo.

A maioria dos interlocutores estava ciente de que os principais acontecimentos provavelmente seriam registrados e transformados em dados de pesquisa. Mas, mesmo assim, evitou-se o uso de materiais em mãos durante as idas a campo, para não causar surpresas desagradáveis, principalmente por parte daqueles que freqüentavam o local de maneira rápida, como a polícia e os clientes dos interlocutores.

Estar com um gravador ou caderno de campo, contendo várias entrevistas e informações incriminatórias, poderia agravar os riscos de uma batida policial proporcionar cenas desagradáveis proporcionada pela identificação dos interlocutores e de suas práticas.

Tive a preocupação em deixar claro o objetivo da pesquisa para o maior número de pessoas envolvidas. Geralmente ressaltava que estava realizando uma pesquisa para saber o que tais jovens traficantes estavam vivenciando; quais suas opiniões sobre o

tráfico; quais as dificuldades e benefícios; como praticam o tráfico. Dizia que essas informações seriam transformadas em um livro que seria apresentado a professores e interessados em entender como eles estavam vivendo e o que faziam nos lugares freqüentados.

Durante a convivência e observação, pretendeu-se divulgar a intenção da minha presença de maneira sincera. Algumas vezes, no decorrer de conversas descontraídas vários interlocutores conseguiram discernir as situações e observações que seriam enfatizadas no livro. Tendo em vista que determinados assuntos eram do meu interesse, alguns interlocutores interceptavam para dar contribuições sobre detalhes de como algo aconteceu. Interlocutores como Cocão, Arcanjo, Frieza e Zureia, instantaneamente conseguiram identificar o momento das ações que despertavam interesse e que seriam trazidas para o trabalho (“livro”) que estava desenvolvendo. Geralmente eles se prontificavam para argumentar e facilitar o entendimento sobre os fatos analisados.

Enfim, diante dos riscos de prejudicarem os interlocutores ao serem publicados os dados, buscou-se ter cuidados para evitar repercussões trágicas que pudessem proporcionar prisões e perseguições. Neste sentido, para entender como se perpetuam os riscos enfrentados por esses sujeitos, o próximo capítulo trará problematizações que nos ajudam a compreender como se comportam diante das ameaças e quais suas percepções sobre os contextos vivenciados na atividade do tráfico.

3. Desvios e estratégias: cotidiano de perigos do tráfico

3.1 Envolvimentos, interesses e percepções

Durante o período de observação em campo foi possível constatar que, embora o comércio de *crack*, maconha e cocaína se configure como uma prática criminosa no contexto da constituição brasileira, aqueles interessados em consumir tais substâncias tiveram relativa facilidade de encontrá-las nas regiões onde se realizou o presente estudo. Os quatro pontos distribuídos na região ofereceram opções diversificadas de oferta dos três tipos de drogas para os consumidores. Apesar de ter havido alguns curtíssimos períodos de escassez, observou-se que os usuários que tinham dinheiro e que conheciam os traficantes de mais de um ponto de venda, conseguiam a droga com facilidade.

Percebeu-se que, embora a polícia agisse ostensivamente no combate ao tráfico, apreendendo drogas e investigando ‘criminosos’, a vasta demanda e os lucros advindos da atividade contribuíam para que o andamento da atividade tivesse continuidade. Fatos como a prisão de Calango e de Caçula (ocorridos no Beco do Rato e Canal do Urubú) mostraram a capacidade rápida de reestruturação dos pontos comerciais. Embora os policiais buscassem combater de maneira incisiva e permanente o tráfico enfraquecendo-o, a capacidade de contratação de novos varejistas impulsionava de maneira consistente a atividade. Quando um jovem era preso ou assassinado, rapidamente se buscava recursos para soltá-lo, seja através da ajuda dos contatos ou subornando policiais. Enquanto não se conseguia soltá-lo, procuram-se novos integrantes, muitas vezes vindos de outras áreas.

Embora os lucros apresentassem-se como atraentes e o dinheiro recompensado não exigisse tanto esforços de exaustões físicas, a atividade do tráfico era permeada por riscos graves e momentâneos, como agressões, prisões ou assassinatos. Os interlocutores, quando argumentavam sobre as áreas “fios descascados”, estavam se referindo à adrenalina e ao medo que o espaço apresentava, devido à possibilidade de cenas conflituosas de combate. Esse receio da presença de inimigos alimentava o estado de ansiedade para os interlocutores, fazendo com que buscassem estratégias de proteção para a atividade e para si.

Mesmo sendo possível observar várias situações de descontrações durante a atividade, percebeu-se que o estado de ansiedade diante dos perigos, proporcionava alto estresse aos garotos traficantes. Alguns agiam de maneira intolerante e explosiva contra usuários que agiam com propostas e comportamentos ‘indecorosos’ que intensificavam os riscos da atividade. Em Tiueibes, o usuário que reclamasse da qualidade e da quantidade da droga em público poderia ser recebido de maneira desagradável. No Beco do Rato, aqueles que vinham nas madrugadas fazendo barulho poderiam ser surpreendidos por Acanjo com armas em punho ameaçando o desordeiro que estava chamando atenção. No canal do Urubú, carros desconhecidos que se aproximassem, poderiam ser almejado a balas, por despertar uma sensibilidade condicionada pela ameaça.

Durante a pesquisa, muitos interlocutores argumentaram que o dinheiro advindo do crime vem fácil⁴³, assim como possivelmente também vai fácil. Sendo assim, o autocontrole referente à acumulação de bens materiais e de dinheiro apresentava-se de maneira diversificada, variando de acordo com as motivações pessoais. As observações e diálogo trouxeram dados que retratam como cada um se relaciona com os lucros do tráfico.

Dengoso aponta que se deve ter cuidado para não gastar todo o dinheiro do lucro, pois se um dia for preso terá como pagar advogado. Nonato ressalta que sente dificuldade em acumular, pois a sua compulsão por consumo de objetos caros torna a acumulação mais difícil. Para Dengoso, o gasto com as despesas de casa dificultava o acúmulo de dinheiro. Alguns traficantes como Zureia diziam que não conseguiam acumular dinheiro por conta de seus gastos em festas com mulheres e cocaína. Enfim, uma série de mecanismos de controle surge, ao mesmo tempo em que o descontrole e o excesso aparece ao lado, para causar certa tensão na dinâmica dessas práticas.

Formiga, 22, traficante do Beco do Canal do Urubú já trabalhou durante certo tempo em shopping center como vendedor de sapatos, como garçom em restaurante, entregador em supermercado e lavador de carros em lava-jatos. Nesta passagem ele enfatiza sua percepção sobre o comércio de drogas, deixando nítida sua visão sobre o trabalho:

⁴³Para uma discussão aprofundada sobre os ganhos em atividades perigosas ver a obra: “BATISTA, Vera. Difíceis Ganhos Fáceis: Drogas e Juventude Pobre no Rio de Janeiro”.

Desde criança que me viro para conseguir sobreviver. Minha mãe com mais três filhos não tinha condição de atenção nem dinheiro. Então só em colocar um mínimo de comida em casa já ta estava valendo (...). Depois da morte do meu tio que ajudava a gente, aos treze comecei a ajudar um cara no lava-jato perto de casa, mas o patrão era foda. Pouco dinheiro pra muito trabalho. O cara só queria pagar 150 reais por mês e ainda empurrava um monte de serviço (...). Um dia disse que não ia mais e passei um ano como entregador de supermercado (...). Depois disso, comecei a ser vendedor em uma loja de sapato, mas por causa de uma raiva do patrão, explodi de vez e saí do emprego (...). Aos dezesseis fui pai e com um filho pra criar, tive que me virar e como eu sempre tive contato com a bandidagem daqui, então comecei a vender droga, a arrepiar com de cum força⁴⁴ (...) Dá pra tirar uma graninha, mas tem que ter controle, porque sou pai de família e quero chegar junto em casa (...). Trabalhar no tráfico é foda, ninguém sabe o dia de amanhã, mas foi o único jeito que encontrei de ganhar dinheiro, sem precisar cumprir horário nem ouvir besteira do patrão, nem trabalhar pegando peso (25/11/2012, FORMIGA).

De maneira simplista, tenta-se atribuir as motivações para entrada no tráfico a busca por dinheiro e (ou) alguns mais abstratamente atribuem á intenção de causar o mal à outra pessoa⁴⁵. Entretanto, a pesquisa apontou que são vários motivos que influenciam a decisão de cada jovem para a entrada e permanência no tráfico. A busca por dinheiro foi um dos motivos fortemente ressaltado, pois ele proporciona o acesso a vários bens desejados como celular moderno, roupas de grife e veículos, itens que comumente compõe status, prestígio

Prateado e Calango enfatizavam com frequência as vantagens de possuir meios para realizar diversos tipos de consumo. Prateado costumava ressaltar que gostava de vestir-se com roupas, relógios cordões, tênis que estava entre os melhores oferecidos

⁴⁴ Vender droga com muita dedicação.

⁴⁵ No artigo “Uma análise da relação entre o Estado e o tráfico de drogas: O mito do ‘Poder Paralelo’”, Marcelo Navarro discute sobre como o jovem traficante é encarado através de estereótipos ao ressaltar que “informações e discursos que demonizam o estereótipo do traficante/favelado, caracterizando-o como um mal a ser expurgado da sociedade, que tratam a atividade do tráfico de drogas como um “Poder Paralelo” e que apresentam soluções mágicas para a segurança pública sem questionar os pilares do sistema econômico e da sociedade, acabam por mascarar a responsabilidade que toda a sociedade tem perante a atividade em questão. O mal que se finge combater – a dependência química – passa ao largo do número chocante de mortes geradas na Guerra ao tráfico; a maioria delas atingindo o mesmo extrato social: jovens pobres” (NAVARRO, 2006, p. 133).

pelo mercado. Questionando o por quê desse gosto, ele ressaltou “desse jeito as pessoas já olham o cara de maneira diferente, não olham como sendo uma pessoa qualquer”. Ele se vangloriava dizendo que com isso poderia fazer sexo com várias mulheres. Para Prateado estar “bem vestido” e freqüentar os “forrós da favela” era uma das vantagens em está traficando. Ideia esta que podemos encontrar na tese de Glória Diógenes quando descreve que “Acontece que dentro do bairro de periferia, usar “roupas de marca” torna-se um modo de diferenciar-se, de ganhar destaque” (DIÓGENES, 1998, p. 38).

Para Calango, 15 anos, a liberdade de poder comprar um celular novo, vídeo game, televisão de 29 polegadas, bicicleta nova eram vantagens fortemente enfatizadas. Mas é importante frisar que além destes atrativos advindos do poder financeiro, outros fatores também devem ser considerados, como a busca por respeito, liberdade, honra, “consideração” e companheirismo.

Embora a dinamicidade do comércio tenha se mostrado permeada por diversos perigos, a lucratividade e o prestígio inerentes ao tráfico foram pontos chaves que atraíam os jovens. Neste sentido, percebeu-se que tais “pivetes” encaravam os riscos de maneira indiferente, convivendo com praticas violentas de acordo com suas possibilidades de defesa. As agressões, ameaças, cobranças, extorsões, prisões, batidas policiais faziam parte de seus cotidianos de contato com o tráfico de maneira comum. Muitos assuntos referentes a tais ações eram discutidos com naturalidade nas rodas de conversas. Geralmente havia algum assunto em pauta, como a morte de um garoto de determinada gangue, a movimentação da polícia na área, a prisão de determinada pessoa ou o espancamento de algum credor.

O jogo que envolve negociações hostis, geralmente exige destes jovens atributos de coragem e respeito para encarar as situações perigosas, onde a possibilidade de situações trágicas muitas vezes garante a adrenalina. Os perigos de serem vítimas de agressões, execuções ou prisões, faziam com que estes jovens se envolvessem em um clima de ansiedade e aventura, onde os atributos de coragem e medo se misturavam diante das ameaças.

Para a maioria, correr esses riscos e saber conviver com eles da melhor maneira, tornava-se sinônimo de orgulho e *status* em suas convivências diárias. Geralmente as entrevistas tendiam a vangloriar personagens que encaravam com coragem e astúcia as

peripécias do tráfico. Ao observar ações que assimilavam o quanto esses personagens estavam imersos em um “jogo do perde tudo ou ganha”, me fez lembrar algumas ideias desenvolvidas por José Machado Pais, quando ressalta sobre a maneira como jovens tendem a encarar o risco. Nesta passagem o autor enfatiza que

Um ‘risco’ toma-se, não surge por acaso. Implica um desafio, uma escolha ativa baseada no cálculo ou na confiança; uma avaliação que separa o sucesso e o insucesso. Por isso, o risco funciona como um “filtro hermenêutico” dos atos a que se relacionam. *Correr um risco* é também fazer correr a capacidade de correr esse risco porque o risco é portador de um poder que valoriza o jovem que se confronta com ele. A transgressão marca ainda uma vontade de escapar à conformidade, e, neste sentido, a propensão ao risco é também efeito de comportamentos socializados que reproduzem uma resistência rebelde à adversidade (PAIS, 2006, p. 14).

De acordo com as entrevistas, foi possível perceber que apesar dos diversos riscos, o tráfico não é apenas influenciado por aspectos negativos e coercitivos, pois seus praticantes conseguem encontrar nesta atividade satisfações que estão além do alcance dos benefícios convencionalmente apreciados pela sociedade em geral.

Durante a pesquisa foi possível constatar que a gerencia das práticas, através do uso da violência, atuava como elemento regulador das relações sociais e como mecanismo capaz de manter certo “equilíbrio” entre ações consideradas legais e ilegais. Neste sentido, outro ponto relevante refere-se aos meios de aquisição e às moedas de trocas situacionais que contribuía com as negociações que, na maioria das vezes, tendiam a confundir as fronteiras entre o lícito e ilícito (Misse, 2006).

Estas situações de ambigüidade entre práticas permitidas e proibidas mostraram decisivas na maneira como a polícia age com os “marginais”. As técnicas repressivas e truculentas geralmente eram intensificadas, quando policiais tinham a certeza de que estava acontecendo práticas ilícitas, mas que não conseguiam identificar através de algum flagrante.

Usuários de entorpecentes, traficantes, assaltantes, pichadores e outros que participaram da pesquisa sabiam quando estavam praticando atividades categorizadas como ilegal do ponto de vista da lei constitucional. Embora o grau de cuidados fosse diferenciado para cada *desviante*, quando determinado sujeito estava desempenhando uma atividade delituosa, geralmente tinha-se a noção de que a possibilidade de punição era existente, principalmente no momento do ato. A incerteza frente à punição e a forte probabilidade de não haver meios coercitivos diretos, faziam com que estes jovens se

envolvessem em um jogo de estratégias corporais que garantiam o desempenho da comercialização.

A passagem da droga pela mão do traficante até chegar ao cliente mostrou ser um momento bastante delicado que merece o máximo de atenção. Era neste íterim que os riscos se intensificavam, pois a possibilidade da configuração do flagrante e da suposta punição se encontravam no auge. Os cuidados são expressos através de estratégias que visam proteger tal atividade, driblando formas de controle que visam combater a prática e punir os infratores.

Adentrar o mundo do crime através da prática do tráfico de drogas, para a maioria era uma opção que envolvia consequências positivas e negativas. Pois, para tais jovens, envolver-se em uma atividade considerada como sendo “errada” envolvia valores morais cultivados socialmente que eram respeitados até certo ponto. A maioria destacou a ideia de que ser preso por um policial, enquanto está fazendo uma coisa considerada ‘errada’⁴⁶ e ser punido por conta disto é relativamente aceitável, embora seja algo desagradável.

Formiga, que “adianta” drogas no Canal do Urubú, ressalta que o tráfico é algo que a sociedade não permite, porém é algo errado. Ele diz que não quer que o seu filho de oito anos entre nesse caminho e que para isso faz o possível para alertá-lo a seguir o caminho que considera honesto. Embora tenha revelado que fuma maconha diariamente e cheira cocaína nos finais de semana, ainda assim busca não fumar nem cheirar na frente do filho para que ele não veja o lado ‘errado’ do pai. Quando indaguei sobre a possibilidade de seu filho ser um futuro traficante, assim como o pai, ele ressaltou que não tinha controle sobre o futuro, mas que se dependesse dele, jamais queria que ele fosse traficante. Formiga finalizou a entrevista ressaltando:

Aconteceu altas coisas pra mim vir aqui no canal do Urubú. Meu irmão eu era tranquilo, tinha amizade com a galera das áreas, mas não me envolvia

⁴⁶ Emprego o termo ‘errado’ para caracterizar uma situação relacional de proibição e punição entre agentes do Estado e aqueles que cometem atos tidos moralmente como inaceitável pela *sociedade convencional*. No caso deste estudo, portar *crack*, maconha e cocaína são comportamentos que, devido a uma construção histórica, foi caracterizado em lei como sendo condutas criminais passíveis de penas que se manifestam através de situações sociais. Howard Becker ressalta a dimensão moral que as regras desempenham durante as interações ao enfatizar que “Regras sociais definem situações sociais e os tipos de comportamento associados a elas, especificando algumas como “certas” e proibindo outras como “erradas” (BECKER, 1977, p. 53).

muito. Mas daí, saí do trampo, assim que meu filho nasceu (...). Daí passei por um maior perrengue de grana⁴⁷(...). Daí fui preso no mesmo ano que comecei, quando minha filha não tinha completado nem um ano direito (...). Quando saí da prisão, todo mundo do meu bairro me olhava torto e ao invés de me intimidar com o mal olhado do povo e da polícia, pirei⁴⁸ de uma hora pra outra e comecei a traficar. (...). Atualmente tenho família para sustentar, por isso quando vou fazer minhas paradas sou mais cauteloso (...). Daqui a alguns anos pretendo estar vivo para ver meus filhos adultos. Sei que traficar é 'errado' e perigoso, mas por enquanto esse foi o único jeito de garantir um dinheirinho a mais pra família. (FORMIGA, 20/05/2013)

Baseado nas situações observadas foi constatado que a percepção de legalidade que se cultiva no ambiente do tráfico de drogas é bastante relativa. No sentido de que a prática das abordagens entre policiais e jovens serem permeadas por negociações ambíguas que variam de acordo com as circunstâncias. Aqueles que eram pegues com flagrantes tinham que negociar com os agentes por meio do diálogo para evitar que penalidades mais severas fossem aplicadas.

A diferenciação prevista na lei de drogas entre usuários e traficantes torna-se bastante ambígua no momento da sua aplicação. A falta de consistência nos parâmetros de diferenciação entre a quantidade de drogas para consumo próprio da quantidade para comércio, contribuía para que as decisões penais fossem determinadas pelas circunstâncias situacionais da atuação policial⁴⁹.

A lei prescreve que se enquadra na categoria de usuário apenas aqueles que portarem quantidade de entorpecentes inferior ao equivalente de cinco dias de consumo. Mas a quantidade de drogas para ser usada durante cinco dias varia de usuário para usuário. Por exemplo, alguns usuários chegam a consumir mais de 2 mil reais de

⁴⁷ Dificuldades financeiras.

⁴⁸ Estado de uma pessoa que está em descontrole emocional.

⁴⁹Taniele Rui faz uma reflexão sobre a lei que determina a distinção entre o enquadramento como traficante ou usuário, nesta passagem: “No Brasil está vigente a Lei n.11.343/06, sancionada em 2006. Seguindo tendências internacionais, essa Lei teve como principal mudança em relação à anterior a instituição de penas mais brandas para usuários e mais duras para traficantes. A despeito do seu caráter aparentemente liberalizante (posto que extinguiu a pena de prisão para usuários), a Lei ainda considera o uso como *crime* e mantém todos os procedimentos legais para seu tratamento. Ou seja, usuários de drogas surpreendidos devem ser direcionados à delegacia mais próxima, assinar termo circunstanciado e comprometer-se a comparecer em audiências judiciais” (RUI, 2013, p.297).

cocaína e *crack* em dois dias e esse valor corresponde a uma quantidade significativa da substância. Entretanto, durante a pesquisa, algumas pessoas foram enquadradas como traficante com menos de 70 reais em droga. Por conta disso, os traficantes buscavam desenvolver táticas que reconfiguram a dinâmica das estratégias de penalização prescritas na Constituição e assim, evitavam um flagrante capaz de enquadrá-lo no artigo 33 da lei 11.343 / 06 do Código Penal Brasileiro⁵⁰.

Tendo em vista que, ser abordado pela polícia sob posse de algum ‘flagrante’ é algo indesejável, tais traficantes desenvolviam estratégias para não serem pegues de surpresa com drogas em mãos pelos agentes. Algumas vezes foi impossível eles se livrarem do flagrante, enquanto em outras os deslizes cometidos resultaram na confirmação do delito voltado para o porte de substâncias ilícitas.

Os imprevistos, não apenas das batidas policiais, mas também do ataque de inimigos enfraquecia o comércio, por isso cabiam aos traficantes discutirem entre si

⁵⁰Art. 33. Importar, exportar, remeter, preparar, produzir, fabricar, adquirir, vender, expor à venda, oferecer, ter em depósito, transportar, trazer consigo, guardar, prescrever, ministrar, entregar a consumo ou fornecer drogas, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar:

Pena - reclusão de 5 (cinco) a 15 (quinze) anos e pagamento de 500 (quinhentos) a 1.500 (mil e quinhentos) dias-multa.

§ 1º Nas mesmas penas incorre quem:

I - importa, exporta, remete, produz, fabrica, adquire, vende, expõe à venda, oferece, fornece, tem em depósito, transporta, traz consigo ou guarda, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, matéria-prima, insumo ou produto químico destinado à preparação de drogas;

II - semeia, cultiva ou faz a colheita, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, de plantas que se constituam em matéria-prima para a preparação de drogas;

III - utiliza local ou bem de qualquer natureza de que tem a propriedade, posse, administração, guarda ou vigilância, ou consente que outrem dele se utilize, ainda que gratuitamente, sem autorização ou em desacordo com determinação legal ou regulamentar, para o tráfico ilícito de drogas.

§ 2º Induzir, instigar ou auxiliar alguém ao uso indevido de droga:

Pena - detenção, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa de 100 (cem) a 300 (trezentos) dias-multa.

§ 3º Oferecer droga, eventualmente e sem objetivo de lucro, a pessoa de seu relacionamento, para juntos a consumirem:

Pena - detenção, de 6 (seis) meses a 1 (um) ano, e pagamento de 700 (setecentos) a 1.500 (mil e quinhentos) dias-multa, sem prejuízo das penas previstas no art. 28.

§ 4º Nos delitos definidos no caput e no § 1º deste artigo, as penas poderão ser reduzidas de um sexto a dois terços, desde que o agente seja primário, de bons antecedentes, não se dedique às atividades criminosas nem integre organização criminosa.

quais as possibilidades de algo desagradável vir acontecer. Neste sentido, os jovens buscavam desempenhar estratégias de defesa para evitarem serem presos, extorquidos ou assassinados.

Alguns casos mostraram que as técnicas de proteção não eram desempenhadas da maneira eficiente, tornando as consequências frutos do descuido. Ou seja, em muitos casos, o deslize é cometido pelo próprio traficante que, por conta de um ato falho, coloca em risco até mesmo quem está fora da situação.

Em Tiuibes, Bicudo que já estava sendo perseguido pela polícia por suspeitarem que ele andava praticando assaltos, teve uma surpresa. Enquanto relaxava em um banco percebeu-se que estava desatento por conduzir cinco pedras de *crack* que iria ser vendida naquela noite. Quando menos percebeu o agrupamento dos motociclistas do RAI0 (Ronda de ações Intensiva e Ostensiva) surgiu na noite, todos com faróis apagados para abordá-los. Bicudo não foi ágil o suficiente para “dispensar⁵¹” as pedras antes de serem achadas pela polícia. Verificando com suas lanternas os possíveis lugares onde poderiam achar drogas, os policiais encontraram trinta pedras de *crack* escondidas dentro de um sofá onde estavam sentados. Como Bicudo já não tinha “boa reputação”, diante da polícia e como fora encontrado com as cinco pedras no bolso, o restante do flagrante foi jogado na sua mão, sendo enquadrado como traficante pela lei 11.343/2006.

Levando-se em consideração que a imposição de uma regra tem como princípio um caráter *relacional* que varia de acordo com cada *situação*, buscou-se entender o *desvio* através dos aspectos da moralidade que leva em consideração tanto o lado de quem aplica a lei como o lado de está praticando um ato *convencionalmente condenável* (Becker, 2008).

Observou-se que tanto para os usuários como para os traficantes não existiam vantagens em serem abordados sob posse de drogas. Os contatos diretos ente policiais e os “pivetes”, eram permeadas pela tensão de encontrarem as drogas escondidas ou “dispensadas”. No caso de não ser possível se livrarem dos flagrantes, os interlocutores

⁵¹ Livrar-se

geralmente desenvolviam argumentos para que os procedimentos legais não fossem realizados⁵².

Quando determinado sujeito era flagrado portando certa quantidade de drogas, os policiais geralmente aplicavam algum tipo de penalidade, seja ela judicial, extrajudicial ou as duas opções ao mesmo tempo. Os problemas enfrentados pelo processo jurídico eram considerados mais sérios, porém mais delicados. Por conta disso, em caso de descoberta do “flagrante”, geralmente os acusados optavam por se identificar como usuário ou negar a posse da droga para evitar o enfrentamento dos procedimentos jurídicos. Muitas vezes era considerado preferível sofrer agressões ou extorsão a ter que responder perante o delegado que iria apurar os inquéritos e prever as penalidades legais.

Diante da possibilidade de serem punidos judicialmente, as abordagens mostravam que os interlocutores saíam aliviados se sofressem apenas algumas medidas de punições corporais como chutes ou murros. Por sua vez, as técnicas de humilhação praticadas pelos policiais, muitas vezes eram recebidas com menos aversão do que serem levados para a delegacia. Por estar cometendo um ato que é “errado” do ponto de vista da lei e aceitável pelo grupo de praticantes, levar alguns tapas ou pagar propina e se livrar da penas legais é um ato de alívio, até mesmo louvável. A fala de Delsin nesta passagem deixa claro como acontecem as abordagens e os casos de flagrantes:

Levar uns tapas ou levar uns gritos é melhor do que ir pra delegacia. Por isso que o lance é ficar com pouca droga na mão pra na hora do flagrante, dar pra desenrolar com os homi, sem ter que ir pra delegacia. Ir pra delegacia é maior sujeira⁵³ (DELSIN, 12/08/2012).

Diante de cada batida policial, um clima de medo se propagava, pois existiam fortes probabilidades de polícia ser a responsável pela violência. Apesar de encararem o clima de tensão e o constrangimento de serem vistos como suspeitos, quando uma batida acontecia de maneira “tranquila”, os rostos transfiguravam alívio e certa alegria, pois os casos de abusos de autoridade eram bastante comuns.

⁵² Sobre as práticas de agressão física de policiais militares contra jovens moradores da favela e usuários de entorpecente, Leonardo Sá e João Santiago fizeram uma reflexão de quais as relações de poder que estão implícitas nas ações de abordagens em ruas, praças, becos e favelas (SÁ e SANTIAGO, 2011).

⁵³ “Maior sujeira” é uma expressão que possui o mesmo sentido é “algo ruim”, que causa aversão.

Ao discutir sobre a percepção de medo que usuários de drogas sentem em relação à polícia, Matos Júnior nos apresenta dados semelhantes aos apontados nesta pesquisa. Assim como os intitulados meninos da praça, os jovens comerciantes de drogas também sentiam certo receio de tais encontros “perigosos”, pois também estavam praticando atos considerados ilegais. Nesta passagem ele enfatiza que

O medo da polícia era constante entre os garotos que já haviam vivenciado ou presenciado inúmeras situações de *vitimização*. Escapar ileso de tais experiências era algo a ser comemorado entre eles, pois destacava a astúcia daqueles que se envolveram e souberam se safar de tais encontros “perigosos” (MATOS JUNIOR, 2008, p. 58).

Observando a prática do tráfico e as ameaças nas quais os jovens estavam submetidos, percebeu-se que a sensação de medo não era vivenciada da mesma maneira por cada um. Quase todos diziam sentir medo da polícia e acreditavam que ela era uma presença desagradável, mas as reações e as percepções sobre as corporações variavam.

Os relatos sobre as experiências individuais sobre os momentos de abordagens, demonstraram que os interlocutores manejavam técnicas de controle emocional que muitas vezes mostravam-se ineficientes. “*Mesmo todo me tremendo de nervoso, eu procuro mostrar que estou tranquilo e respondo as perguntas com calma, nada a mais do que o policial perguntar, porque senão o negócio pode complicar*”. Já Filisteu dizia que sentia forte adrenalina do começo ao fim da abordagem. Ele afirma: “*Não consigo me controlar, fico com medo de levar umas tapas do começo ao fim, mas procuro sempre conversar para tirar de tempo⁵⁴, digo que sou sobrinho do Tenente X e rezo pra que eles saiam fora*”. Flaécio alegava que o nervosismo era maior nos primeiros instantes, diminuindo gradativamente até manter-se tranquilo.

Buscando refletir sobre a maneira como decorriam as situações de abordagens policiais aos traficantes, tentou-se discutir sobre quais fatores influenciavam o jogo de interação entre tais personagens. Como se procede a manipulação das expressões durante as situações analisadas pode ser compreendida a partir de Goffman (1989), que afirma que os sujeitos interactantes buscam informações sobre a identidade através de símbolos e comportamentos.

⁵⁴ Disfarçar.

Neste sentido, buscou-se indagar os interlocutores sobre seus comportamentos diante das abordagens, através da pergunta: “Como você age diante de uma abordagem policial?”. E ao analisar os relatos, percebeu-se que as ações muitas vezes não condiziam com o que diziam. Comparando as entrevistas com as observações, muitas vezes havia certa contradição proporcionada pelas imprevisibilidades das situações.

Por volta das 19h30m de uma terça-feira, Frieza estava no lugar onde costuma traficar, para conversar com seus amigos. Como tinha vendido todo seu estoque no fim de semana, estava no processo de articular os contatos para se reabastecer de *crack*. Sentado em um banco, conversando com outros garotos que freqüentam a praça, foi surpreendido por policiais. Após a busca por armas ou drogas, e mesmo sem encontrar nenhum “flagrante” com Frieza, os agentes decidiram pressioná-lo, no sentido de terem ameaçado e humilhado o garoto. Eles queriam que Frieza entregasse onde e quem escondia a droga que era vendida na praça.

Após terem chamado Frieza pela terceira vez de “filho da puta”, o rapaz deferiu um murro no supercílio do policial, fazendo com que ele sangrasse bastante. Então partiu para cima do policial com socos e chutes, mas a chegada de outros três policiais o mobilizou. Frieza foi fortemente espancado até seu rosto ficar irreconhecível por conta dos hematomas. Foram vários chutes e murro, principalmente na região da barriga e da face. Sendo assim, após ser espancado o rapaz foi detido e passou vários dias na prisão.

Em uma entrevista realizada duas semanas anteriores ao ocorrido, Frieza dizia ser uma pessoa tranquila que jamais iria disputar em uma briga com um policial. Ele costumava dizer que evitava qualquer problema com a polícia, pois reconhecia sua inferioridade e obediência aos agentes da lei. Sendo assim, percebeu-se que os relatos sobre como Frieza costumava se comportar, não correspondeu ao modo como ele se realmente agiu na situação observada.

As proporções tomaram outro rumo neste outro caso observado em campo. Dessa vez, o protagonista foi Leonor que, apesar de estar acompanhado como mais dois rapazes, foi o que mais teve um impasse durante uma “batida” policial em Tiueibe. Por volta das 19h 30m os três foram surpreendidos por uma viatura, enquanto conversavam despreocupadamente. Dois policiais desceram e um autorizou que os três garotos fizessem uma fila com as mãos para cima e o rosto de frente para parede. Ao perceber que os três não estavam alinhados na fila, o policial sacudiu a mão no pescoço de

Leonor, perguntando se ele não sabia o que era uma fila, pois era o único que não estava alinhado. Chute em uma das canelas e rosto colado contra parede, obedecendo às exigências de busca de arma. Leonor foi revistado com rigidez, sem a posse de nenhuma substância, mas o policial não se contentou, resmungando injúrias contra o garoto.

Indignados por não terem achado armas nem drogas sob sua posse ou nos arredores, um deles olha para o rapaz e pergunta se o mesmo era traficante. Apesar de está envolvido na atividade, afirmou que não traficava. Mas o policial sabia que Leonor estava ‘adiantando’ *crack* na região, por isso insistiu em perguntar novamente se o rapaz era traficante. O rapaz que não sabia que estava tão “maiado⁵⁵” nas mãos dos policiais, disse “não senhor, pelo amor de deus, jamais faço esse tipo de coisa” como resposta. Novamente o policial perguntou e quando recebeu a resposta negando o tráfico, desferiu uma coronhada na cabeça do rapaz que o fez lacrimejar de tanta dor.

Ao ver o sangue descendo pela testa de Leonor, os policiais disseram que não queria ver o rapaz naquele ponto e que esperava que a coronhada servisse como aviso, porque da próxima vez não iriam pegar leve. Por sua vez, Leonor se retirou para casa com a mão no ferimento e se sentindo aliviado, por não ter sido preso ou assassinado.

Nesta situação o rapaz demonstrou estar indignado com a ação da polícia por ter desferido a coronhada de revólver. Essa ‘raiva’, assim como a de outros jovens, fazem parte da percepção que se tem da polícia que se manifesta através de suas práticas permeadas por punições. Levar esta coronhada foi encarado pelo rapaz como um imprevisto que “já faz parte da atividade policial”. Com esta ideia Leonor disse que “*o melhor é deixar quieto mesmo, porque é isso que dá mentir pra polícia. Ainda bem que não aconteceu pior, porque os bichos são ruim mesmo*”. Sendo assim, o jovem descartou rapidamente a possibilidade de vingança contra o agressor, pois acreditava que esta era uma das consequências do envolvimento na prática do tráfico. Embora não tenha havido motivos concretos para realização daquele ato, o jovem encarou a situação como mais uma história a ser contada na sua experiência com a prática policial e a vida ‘errada’ que leva.

⁵⁵ Na linguagem nativa está “maiado” significa dizer que determinada pessoa tem uma “má reputação” em relação a outro grupo. No caso desta pesquisa os interlocutores estavam “maiados” em relação à determinada corporação policial ou grupos de inimigos rivais.

A situação narrada acima foi diferente da ocorrida com Dengoso que, após ter sido humilhado e agredido, tomou decisões diferentes. Todas as vezes que se encontrava em Tiuibes traficando ou não, recebia uma “geral⁵⁶” da viatura da área, pois já estava tornando-se um sujeito “maiado”. Durante as abordagens, um dos policiais costumava humilhá-lo e agredi-lo. Sendo assim, diante da forte possibilidade de ser preso, decidiu parar de traficar por um tempo, ou seja, decidiu “dar um tempo⁵⁷”, pois sabia que estava sob ameaça de prisão e que precisava se prevenir para que as circunstâncias não permitissem que a mesma se efetivasse.

Dengoso disse que o policial estava passando dos limites com atitudes abusivas e que pretendia se vingar. Então ele conseguiu descobrir onde o policial morava e em uma madrugada decidiu ir de moto até a residência. Com revólver em mãos, deferiu vários tiros no portão da casa do policial. Sendo assim, sabendo da possibilidade de o policial descobrir a verdade, decidiu passar algum tempo na casa de um tio em outro bairro. Ao questioná-lo o porquê de ter feito isso, ele disse que não estava conseguindo viver com tranquilidade no bairro, por isso fugiu e decidiu amedrontar o policial que estava perseguindo-o.

Enfim, mesmo sabendo que o tráfico é algo ‘errado’ que vai contra os princípios da ‘boa educação’, tais sujeitos observavam a lei e faziam uma releitura dela, readequando-a através de *táticas* de utilização dos espaços, driblando as penalidades e articulando defesas. Este jogo envolvia descobertas e sigilos, sinceridades e mentiras, obediência e submissão que permeava a vida cotidiana destes jovens inseridos no tráfico. Neste sentido, podemos entender as movimentações entorno dos limites e possibilidades que a ameaças apresentam com a ajuda do conceito *tática*. Michel De Certeau ressalta que

Tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar, senão, o do outro. E por isso, deve jogar com o terreno que lhe é imposto, tal como, o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro

⁵⁶ Outro nome dado a busca de arma e drogas em uma abordagem.

⁵⁷ No meio estudado, “dar um tempo no crime” quer dizer que determinada pessoa envolvida com práticas ilegais cessou tal envolvimento por certo período. Este ditado comumente ressaltado enfatiza que “Malandro que é malandro, não para, dá um tempo”.

do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Bülow,” e no espaço por ele controlado (CERTEAU, 2007, p. 100).

Sendo assim, percebeu-se que os traficantes reproduzem as leis convencionalmente consolidadas, mas de acordo suas maneiras de agir. As regras são readaptadas através de interpretações que levam em consideração as possibilidades e capacidades agenciadoras. Aceita-se uma regra, mas prevê-se possibilidades de fugas e mudanças.

Mais a frente será ressaltada quais as medidas utilizadas pelos agenciadores do comércio para manterem a atuação da polícia e de outras ameaças distante das transações. Geralmente a convivência e conflito entre traficantes e inimigos se revelaram através de táticas de ataque e defesa que eram repensadas de acordo com as possibilidades e circunstâncias enfrentadas por aqueles que vendiam os entorpecentes. Por isso, está em constante estado de vigilância (está de “olho no mundo”) e cuidados eram enfatizados como maneira de se prevenir das ameaças.

3.2 Aprendizados e técnicas para gerir o tráfico e manusear a droga

Durante o período de campo foi possível observar que o clima de instabilidade presente na comercialização de drogas envolvia uma série de procedimentos técnicos que levavam em consideração cuidados e interpretações de códigos de conduta. Sendo assim, percebeu-se que o conhecimento sobre tais técnicas exigia certas competências por parte dos traficantes com o intuito de evitar alguns prejuízos materiais e psicológicos.

Os riscos de terem certas privações e punições, agravadas pela possibilidade de rompimentos de alianças mostraram que a imprevisibilidade de tal mercado vive em estado latente de tragédias. Por conta disto, tais agenciadores estavam sempre buscando potencializar seus ganhos materiais e não materiais, ao mesmo tempo em que visavam proteger-se dos infortúnios inerentes ao comércio clandestino.

A tentativa de “driblar” os meios de controle envolvia o conhecimento e aprendizado de técnicas de preservação de suas atividades e integridades que eram

muitas vezes transmitidas através da socialização entre contextos geracionais, em que os mais experientes ensinavam os que estavam a menos tempo traficando. O conhecimento sobre as práticas e regras do tráfico se apresentava de acordo com o campo de possibilidades e motivações individuais que garantiam a movimentação de tais contextos operacionalizados por praticantes e suas ações. Neste sentido, Bourdieu nos ajuda a refletir sobre tal realidade ao discutir a ideia de posições e distinções na relação que permeia o *campo* social. Sendo assim, o relato que se segue ressalta um pouco uma lógica de percepção sobre a realidade a partir da compreensão que

O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvio de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos actos ou nos discursos produzem, têm sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções (BOURDIEU, 2003, p. 179).

Cocão, freqüentador do Beco do Rato, envolvido com práticas de assalto e que mantém a complementaridade de sua renda através do tráfico, descreve como deve ser o cotidiano do comércio, ao ressaltar que cada pessoa sabe o que a lei exige, mas praticá-la envolve certa ambigüidade de interpretações que deve ser considerada durante a atuação das forças reguladoras do Estado.

Ele que já passou por quatro temporadas no presídio, enfatiza que é bastante responsável por assumir as consequências de seus atos, por isso busca ser cauteloso enquanto está praticando atividades ilícitas. Durante conversas do trabalho de campo, disse que todas as vezes que saía do presídio, ganhava liberdade com a sensação de dever cumprido e já pronto para aproveitar as oportunidades que surgissem. Ressalta também que a cada estadia aprendia mais sobre como não ‘vacilar’⁵⁸ facilmente. Segundo ele, suas atividades tornavam-se cada vez mais calculadas para que seus lucros não fossem prejudicados, por conta de conflitos com a lei e com inimigos.

Alguns interlocutores diziam que o rapaz era malicioso, por utilizar de estratégias argumentativas que convenciam muitos. Um deles destacou que “*O Cocão é um tipo de cara que prova pra qualquer pessoa que não é envolvido com “parada” errada, mas é um tremendo de um “mala”*”⁵⁹. Em sua motocicleta, Cocão andava de um

⁵⁸ No decorrer do texto esse termo nativo será utilizado com certa freqüência. Cometer um “vacilo” é o mesmo que cometer um deslize.

⁵⁹ Termo utilizado para se referir a uma pessoa astuciosa, esperta. Pode também apresentar o mesmo sentido que o termo “171” que é o número do artigo penal que caracteriza o estelionatário.

bairro para outro, tentando pesquisar os preços das drogas e as oportunidades com amigos. Durante as negociações sobre os valores da venda de droga ele gesticulava bastante, tentando transparecer ser uma pessoa conciliadora que pretendia agradar as duas partes. Pretim costumava dizer: “O Cocão ‘desdobra⁶⁰’ qualquer um só na ‘palavra⁶¹’”. Quando estava traficando, intensificava as vendas divulgando e fazendo a propaganda de seu produto, descrevendo as qualidade e os efeitos da cocaína ofertada. Muitos diziam que ele era um garoto “bom de negócios”, pois conseguia fazer com que os “adiantos” de cocaína fluíssem rapidamente.

Quando estive em campo, percebi que, além de ser considerado malicioso, Cocão era uma voz que transmitia respeito e autoridade para os demais, pois o envolvimento com o crime desde quando ainda era criança possibilitava recursos suficientes para ter prestígio. Era respeitado, não apenas pelo seu tempo nas prisões⁶², mas também pelas práticas em atividades perigosas envolvendo coragem e astúcia.

Cocão não costumava dar broncas em relação às posturas dos jovens, mas costumava fazê-los repensar sobre suas atitudes de maneira eficiente, explicando as possibilidades de “vacilos”. Ele apenas os aconselhava, alertando sobre quais caminhos deveriam traçar para ter sucesso no campo da criminalidade do tráfico. A forte capacidade deste jovem em ser ouvido confirmava sua posição privilegiada no grupo. Enquanto estavam traficando, os jovens buscavam seguir seus conselhos de Cocão, ao mesmo tempo em que os questionavam sobre como deveriam agir sobre determinada situação conflituosa no desempenho da atividade. Ao buscar entender como o *poder simbólico* do discurso influencia nas práticas e na estrutura do *sistema simbólico* do *campo*, neste trecho Bourdieu nos ajuda, esclarecendo que

Nada mais falso do que acreditar que as ações simbólicas (ou o aspecto simbólico das ações) nada significam além delas mesmas, na verdade, elas exprimem a posição social segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, a lógica da distinção. Os signos enquanto tais “não são definidos positivamente por seu conteúdo, mas sim negativamente através de sua relação com os demais termos do sistema” e, por serem apenas o que os outros não são, derivam seu valor da estrutura do sistema simbólico e, por

⁶⁰ Engabelar, seduzir para enganar.

⁶¹ Muitas vezes o termo “palavra” é utilizado com o intuito designar uma conversa argumentativa.

⁶² Certa vez, ele estava em uma fuga de assalto em uma moto, quando caiu e passou vários dias no hospital, levando-o, a prisão. Depois do acontecido, disse que nunca mais iria assaltar e que, embora estivesse traficando, pretendia deixar de vez a prática.

esta razão, estão predispostos por uma espécie de harmonia preestabelecida a exprimir o “nível” à sua posição em uma estrutura social definida como sistema de posições e oposições (BOURDIEU, 1992, p. 17).

Nas rodas de conversa, quando eram discutidas as maneiras como determinadas pessoas eram apanhadas pela polícia, Cocão geralmente dava conselhos seguidos de relatos de fatos, alertando os mais jovens sobre como deveria ser suas condutas para se livrar dos inimigos que possivelmente iriam alimentar durante o percurso no contato com o crime. Em um desses momentos de educação para o tráfico tal comerciante ressaltou

O nêgo vive dando o toque para os pivetes que não adianta dar um passo maior que a perna alcança. Se está ganhando dinheiro com o tráfico, não adianta tentar ostentar com moto, cordões de prata, roupa irada. Porque os homi caem em cima e cresce os olhos em cima das coisas do cara. [...] Daí de uma hora para outra o cara roda na mão dos homi e não sabe por que é. Toda hora a gente está sendo copiado⁶³, às vezes a gente é que não percebe. (COCÃO, 22/11/2012)

O *capital social* acumulado lhe permitia instruir aqueles mais “inexperientes⁶⁴” na condução com a droga, ao mesmo tempo em que conseguia tirar vantagens através dos contatos estabelecidos nestes diálogos. Diante do respeito transmitido aos demais, Cocão facilitava as transações comerciais, negociando com fornecedores que confiavam em suas palavras, proporcionando-o drogas por um preço de mercado mais lucrativo. Ou seja, ele possivelmente poderia utilizar o capital de contatos acumulados durante os diálogos para conseguir ampliar sua capacidade de abastecimento e lucratividade aos demais. O capital simbólico, revestiu-se de uma ferramenta teórica fundamentada da análise, em que Bourdieu define como *capital social*

o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 67).

⁶³ Situação de estar sendo perseguido.

⁶⁴ A palavra inexperiente está sendo utilizada para designar os rapazes que estão traficando no varejo, mas que ainda estão aprimorando as habilidades específicas das transações. São jovens que, por não estarem acostumados a traficar, devido ao pouco tempo na atividade, estão sempre sendo acompanhados pelos mais aptos que repassam instruções e os corrigem.

Por sua vez os garotos, através das conversas cultivadas nas reuniões, aprendiam com os relatos e conselhos de todos, principalmente daqueles que tinham mais experiência, para que possam desenvolver suas atividades de acordo com as regras do jogo e com mais eficiência. Sendo assim, tal processo de *socialização* fazia com que esses indivíduos incorporassem o *habitus* do campo social, alterando as posições e causando mudança nas relações de força, assim, ampliando seu capital simbólico sobre o tráfico (Bourdieu, 1983).

Na maioria das rodas de conversas, Flaécio adolescente com 14 anos de idade que já havia cometido dois homicídios observava com atenção os detalhes da conversa. Ele geralmente mantinha-se calado, falando na maioria das vezes, apenas quando era questionado. Flaécio, um pouco franzino e com a voz aguda era ‘considerado’ por todos e tinha o respeito daqueles que eram mais experientes. Pois estes sabiam que o menino estava aprendendo a desempenhar a atividade de ‘maneira certa’. Seu papel no tráfico era revender as pedras de *crack*, mas por ser ‘considerado’ e respeitado desempenhava atividades extras em assaltos e homicídios.

As crianças que já mostram habilidade e astúcia começam realizando pequenos serviços em troca de pequenas contribuições. Eles compram comida para aqueles que estão no ponto de venda e pela sua ajuda ganham pipocas, moedas ou meia hora de acesso em uma *lanhause*. Alguns, já um pouco mais velhos, ficam encarregados de mandar recados ou chamar aquele que despacha a droga para os clientes.

A maior parte dos jovens disse que iniciou na atividade do tráfico, realizando pequenos *adiantos*, indo buscar a substância⁶⁵ para o cliente e, conseqüentemente ganhando certa quantidade de lucro que era pague de diversas maneiras. Este processo fazia parte do aprendizado que é percorrido até se conseguir conquistar a confiança de fornecedores maiores, evitando situações constrangedoras para si e para os amigos.

⁶⁵Neste sentido, o termo nativo submete a uma ação em que determinado sujeito se desloca até uma fonte de abastecimento para buscar drogas para si ou para terceiros. Este tipo de ação também é conhecido como *fly* ou *fazer um avião*. O *avião* (categorização de uma pessoa quando está realizando este tipo de *adianto*) possui conhecimento com o fornecedor e realiza este tipo de transação com o intuito de obter algum tipo benefício. A prática do *avião* é bastante ambígua, pois tal travessia tende a confundir a quantidade de droga que pode ser utilizada para o consumo com a quantidade que pode ser comercializada. Sob determinada perspectiva ele pode ser enquadrado como traficante ou como usuário.

3.3 “Nas entocas⁶⁶”: esconde o “flagrante”

Durante a condução da droga tanto na ida (“entocar”) como na retirada (“desentocar”) da droga dos esconderijos, os cuidados eram elaborados de maneira calculada e discreta. Os gestos misturavam atenção e agilidade, principalmente enquanto estavam escondendo (‘entocando’) os produtos. Evitava-se que os transeuntes, vizinhos e a polícia visualizassem os locais onde a droga era escondida para evitar que os riscos fossem intensificados. Não era vantagem para os jovens tornar suas práticas de comércio visíveis, pois os casos de denúncias e surgimento de policiais poderiam ameaçar o andamento das vendas, resultando em apreensões e prisões.

O comportamento desses traficantes era baseado no contexto das estratégias que estavam ao seu alcance. Diante da possibilidade de atuação da polícia, as práticas desses atores eram elaboradas por eles próprios conforme as ameaças que as situações apresentavam. Neste sentido, podemos refletir sobre a ideia de *táticas e estratégias* como sendo

o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.). (CERTEAU, 2007, p. 99)

No momento de “entocar” a droga, o traficante geralmente observava se “estava limpeza⁶⁷”, se não tinha nenhuma viatura ou alguém que representasse ameaça e cautelosamente escondia-se os ‘flagrantes’ em algum lugar seguro. Segundo informações dadas pelos interlocutores: Os movimentos não poderiam ser brutos para não levantar suspeita (“dar pala⁶⁸”) e chamar a atenção de outras pessoas. A substância teria que ser ‘entocada’ em um lugar que pudesse ser facilmente retirada, quando necessário.

⁶⁶ Termo nativo que remete a algo escondido.

⁶⁷ Termo nativo que indica que está tudo sob controle, tranquilo, conforme as expectativas.

⁶⁸ ‘Dar pala’ é um termo nativo que remete a um ato em que alguém chama a atenção de maneira desnecessária, levantando suspeitas de que algo errado está acontecendo. Semelhante aos que muitos chamam de “dar bandeira”.

A mando de Zureia, o jovem Delsin vai até a mata e esconde 40 balinhas de maconha enterrada entre um poste e uma árvore no Canal do Urubú. Além disso, esconde também 30 pedras de *crack* (cada uma de cinco reais) nos buracos de um muro para que seja despachado no varejo no decorrer do dia. Acabando estas, deve-se retirar mais trinta do saco que continha oitenta. Acabando o estoque, deve-se recorrer ao “homem da situação⁶⁹” para o reabastecimento. Sempre avisando antes da falta para que não deixem de lucrar.

Procedimentos estes, fazem parte da atividade do tráfico como meio para se evitar imprevistos desagradáveis. Mas é importante ressaltar que estes procedimentos, embora operacionalizados de maneira eficaz, são permeados por riscos que se manifestam através de situações conflituosas. Caso sejam descobertos os esconderijos, as chances de prisões e extorsões são bastante prováveis. A prisão de algum garoto é deveras prejudicial aos operadores, pois eles devem se rearticular para que os lucros tenham continuidade.

Quando um dos meninos que vende junto a determinado grupo é preso e não tem condições de ser solto por si só (o que geralmente acontece), aqueles abastecedores de maior amplitude buscam dar algum apoio, tanto para a família, como para o prisioneiro. Por sua vez, esses abastecedores tentam intensificar mais ainda o comércio na rua com o intuito de reparar os gastos com advogados, transporte para visitas e, algumas vezes, alimentação. Esta retribuição muitas vezes era considerada um estímulo ou bônus para aqueles que são pegue e não entregam seus fornecedores, assumindo as responsabilidades e culpa pelo comércio. Pois eles sabem que se delatarem seus fornecedores, podem perder tais ajudas e podem correr o risco de serem assassinados pela delação.

Quando acontece uma prisão, geralmente o garoto é bastante “considerado” pelo grupo, todos se compadecem e se empenham na missão de soltá-lo o mais rápido possível. Nesses momentos, outros rapazes se dedicavam para intensificar o comércio,

⁶⁹ Categoria nativa que se refere àquele que está em condições administrativas de mando e de bons contatos no topo da hierarquia de determinada localidade. Geralmente eram pessoas que colocavam a droga nas mãos dos rapazes que vendiam diretamente aos consumidores. Nada impedia que os “homens da situação”, também desempenhassem o papel de vendedor no varejo. Zureia e Cocão, algumas vezes desempenhavam o papel de ser “homens da situação”, fornecendo droga para os “vendedores menores” que estavam nas ruas, enquanto em outras desempenhava a venda no varejo através do contato direto com os clientes consumidores que compravam em pequenas quantidades.

divulgando e fazendo propaganda dos produtos com o intuito de arrecadar dinheiro para liberar o prisioneiro. Chileno, ao conversar através de uma ligação feita para Arcanjo que estava no presídio, ressalta

E aí meu irmão, como está aí? Nós já falamos com o advogado e nós tem que arranjar daqui pra sábado mais dois mil reais do restante do dinheiro que faltou. Ele já ta agilizando o processo pra vê se tu sai antes do mês que vem (...). Enquanto isso, fica de boa aí que nós estamos dando o gás pra correr atrás do papel⁷⁰ que falta. (CHILENO, 12/09/2013)

Depois de encerrada a ligação, todos observaram Chileno repassar o que Arcanjo estava enfrentando no presídio. Um dos “garotos” se pronunciou dizendo “*liberdade pra nosso irmãozinho Arcanjo. Vai dar certo pivete!*”.

É importante salientar também que em muitos casos os jovens varejistas que são presos, não possuem o apoio de seus colegas. Os abastecedores de maior envergadura simplesmente negam apoio, dizendo que não possuem dinheiro ou que não têm nada a ver com o caso. Situações como estas, foi enfrentada por Cenoura na Praça da Matina. Ele mantinha contato rápido com seus fornecedores que, por sua vez encarava a relação como um contrato restrito entre vendedor e cliente. A ausência de quesitos como “consideração” e amizade, por exemplo fez com que o mesmo passasse bastante tempo preso, dependendo da pouca ajuda de alguns familiares.

Certo dia de trabalho de campo, presenciei uma abordagem policial que resultou na prisão de Zureia e do seu irmão Calango. Os agentes chegaram numa viatura disfarçada (eram do serviço reservado da polícia civil) se passando por cliente para “dar o bote⁷¹”. O policial “com cara de pirangueiro⁷²” pediu a droga ao rapaz que estava despachando na entrada do beco. Sendo assim, o jovem chamado Calango atendeu o seu

⁷⁰ Muitas vezes o dinheiro é chamado pelo termo “papel bordado” ou apenas de “papel”.

⁷¹ Ação rápida da polícia que tem como intuito prender determinado sujeito sob flagrante na prática de algum crime. Semelhante ao bote de uma cobra, a rapidez como a ação se procede determina o sucesso ou não da operação. Deixar o inimigo sem possibilidade de reação, devido à surpresa causada, foi percebido pelos interlocutores como algo a ser evitado através da atenção exigida pela atividade.

⁷² Voz de Calango que estava despachando a droga naquele momento. Ele disse no sentido de que o policial não tinha as características de um policial. Argumentando sobre tais características de um suposto policial, ele disse que um policial era reconhecido pela sua postura e que tinham características em comum que coincidiam no reconhecimento de um agente da lei. Mas que aquele não tinha jeito de policial.

pedido inocentemente, caminhando pelo beco sem notar que estava sendo seguido. Ao chegar à porta do barraco, três policiais correram até ele e invadiram o barraco sem a permissão de ninguém. Ao adentrarem, vasculharam o espaço e encontraram certa quantidade de maconha e cocaína, resultando na condução de Frieza e de Calango para a delegacia.

Calango assumiu a responsabilidade pelo produto encontrado para evitar consequências mais graves. Caso seu irmão confirmasse a posse dos entorpecentes, passaria muitos anos preso, pois estava em regime semi-aberto, cumprindo medidas em liberdade. Como Calango havia respondido por poucos “crimes leves”, assumiu o “flagrante” e passou apenas um mês preso, sendo solto com recursos do seu irmão Frieza.

No Beco do Rato, em uma reunião posterior ao acontecido, questionei quatro rapazes, indagando sobre quais suas opiniões sobre a situação e dois “erros” foram indicados como motivos principais para ocorrência dessa prisão. O primeiro convergia para o “vacilo” cometido pelo traficante que morava na residência em que estava guardada a droga. Concordou-se com Chileno, quando este ressaltou “*O maior vacilo foi do Zureia, porque ele deveria ter cortado a droga e deixado no terreno, não no barraco. Guardar droga no barraco que mora é vacilo*”. Cocão e Pretim complementaram, afirmando que Zureia deveria ter deixado a droga nas mãos do jovem traficante atravessador com antecedência, pois, sendo assim o garoto poderia ter deixado os produtos escondidos no terreno abandonado, evitando levar os policiais até o barraco.

Já o outro “vacilo” especularam que teria sido cometido por Calango que entrou em contato com os ‘supostos clientes’, pois jamais deveria confiar em uma pessoa desconhecida em que não se tinha certeza sobre suas intenções. Deveria também ter olhado para trás para saber se estava sendo observado pelos desconhecidos. Chileno disse “*Vacilou, porque não passou os panos nos caras e no movimento*⁷³”.

Mesmo tendo os devidos cuidados através de técnicas corporais de manusear as drogas e seus efeitos, os operadores do tráfico tornavam-se alvos de ameaças. Os riscos

⁷³ O termo nativo “passar os panos”, geralmente é empregado em situações em que a pessoa observa atentamente. Ou seja, “passar os panos” possui a mesma conotação que “ficar de olho”, “observar com cautela”, “copiar”. Já “movimento” está relacionado aos gestos e atitudes das pessoas.

de terem suas mercadorias apreendidas, serem presos ou terem alguns prejuízos mostraram ser pontos significantes para o entendimento dos pontos de vistas dos próprios traficantes sobre a atividade. Sendo assim, para entender como se configura o fenômeno do tráfico com suas estratégias, foi importante compreender como esses sujeitos vêem os personagens que representam ameaças.

Como foi ressaltado anteriormente, o recurso através do uso da violência esteve presente de maneira significativa ao contribuir, inclusive, para as mediações dos conflitos. Por exemplo, no Canal do Urubú, Miguel recebeu certa quantidade de droga para revender durante o fim de semana, mas logo na sexta tomou várias ‘roxas’⁷⁴ e acabou perdendo cerca de 15 pedras de *crack* que, segundo ele, havia escondido na mata. Quando cheguei ao Canal do Urubú na segunda-feira, encontrei Miguel indignado, dizendo que haviam roubado as pedras e que já suspeitava quem era o “piranguero”⁷⁵. Ao se referir ao alvo de sua suspeita, disse que estava rezando para flagrar esse ‘rato’ que andava roendo o que não lhe pertencia, pois seu fim seria triste.

No período da tarde conversei com outro rapaz que também fazia parte da “bocada” e perguntei como teria sido o desaparecimento das pedras. Formiga disse que Miguel havia perdido a droga, porque andava “vacilando” cheio de comprimidos na cabeça e que não lembrava aonde havia escondido. Então, começamos uma conversa sobre os efeitos do consumo de ‘roxa’ em pessoas que comercializam as drogas ilícitas no local (o roxado passando droga). Ele ressalta que a ‘roxa’ é uma droga bastante perigosa no sentido de deixar a percepção afetada de uma maneira em que as situações podem se tornar confusas e inconsequentes.

A experiência com a “roxa” é fortemente cultivada, principalmente nas periferias e os casos de ‘vacilo’ narrados são vários. Enfim, Formiga disse que Miguel tinha sido inexperiente com os efeitos da “roxa” e que ele deveria ter esquecido as pedras de *crack* em algum lugar, ou deveria ter deixado cair do seu bolso ou que alguém deve ter observado seu comportamento alterado e esperado um “vacilo” (que pode ter sido um esquecimento) para furtá-la. É importante frisar também que, além do consumo desta

⁷⁴O clonazepam, conhecido como rivotril é um tranquilizante regulamentado no Brasil. Pode ser adquirido nas farmácias somente com prescrições médicas, mas também podemos encontrá-lo sendo comercializado de maneira ilegal nos ambientes em que o estudo se refere.

⁷⁵ Mais a frente será discutido sobre o “piranguero” e suas práticas.

droga, mudar os esconderijos onde se esconde as drogas é uma prática que visa driblar a atenção da polícia ou de pessoas interessadas em roubá-la.

Nas madrugadas na Praça da Matina, o *crack* e a cocaína eram escondidos na própria casa dos traficantes que moravam próximo ao local com seus familiares que, por sua vez, na maioria dos casos não tinham certeza sobre o envolvimento dos mesmos em tal atividade. A proteção da droga no interior do quarto, trancada em um guarda roupas, eram articuladas de acordo a possibilidade de preservação da privacidade do recinto, pois se considerava que havia certa dificuldade para invasão de policiais sobre o imóvel.

Durante as madrugadas Flaécio e Filisteu seguravam as ‘pulgas⁷⁶’ e pedras de *crack*, em mãos, deixando-as facilmente dispensáveis em caso de abordagem policial e facilmente despachável no momento da venda. A droga ainda aglomerada em muitas gramas ficava em casa e era dividida em papélotes. Pequenas quantidades, cerca de 15 pulgas de cocaína (equivalente a 0,13 gramas) e 20 pedras de *crack* eram escondidas nos matos. Enquanto cerca de três pulgas e cinco pedras de *crack* ficava nas mãos do traficante para serem despachadas com rapidez aos clientes.

No Canal do Urubú, lugar onde eram escondidas drogas e armas, os esconderijos estavam localizados nas matas de um terreno que possuía mais ou menos 150 metros quadrados de extensão. Este lugar era vigiado 24 horas por dia, impedindo a entrada de qualquer estranho que ousasse passar pela cerca de arame farpado. Várias vezes presenciei crianças e adolescentes que tentavam entrar no terreno para usufruírem da natureza serem surpreendidos com arma de fogo.

Com exceção da Praça da Matina, todos os pontos de tráfico estudados eram protegidos com o arsenal da arma de fogo. Alguns traficantes costumavam estar na praça com armas, mas geralmente preferiam deixá-las guardadas em casa, pois moravam nas imediações e não tinham tantos inimigos que representassem ameaças.

Assim como escondiam drogas nos locais estudados, os jovens também costumavam deixar as armas “nas entocas” para evitar um flagrante policial sob a posse destes artefatos. “Entocar o flagrante” foi uma das questões mais enfatizadas pelos

⁷⁶ Pequena quantidade de cocaína embalada em pequenos pedaços de saco plástico, lacrado com linha de costura. Cada pulga custa 10 reais e equivale a 0,13 gramas. Durante todo o período da pesquisa o preço da pulga permaneceu invariável, havendo oscilações apenas na qualidade da substância.

traficantes quando indagados sobre os mecanismos de defesa para desempenharem a atividade.

Em Tiueibes geralmente a droga era escondida no decorrer da rua nas calçadas e córregos, principalmente nos lugares escuros, como debaixo de uma árvore que impedia a luminosidade dos postes. Uma tampa de bueiro que tenta disfarçar uma entrada de esgoto. Dentro dos buracos de um muro ou entre entulhos. “Entocas” estas que eram variadas de maneira rotativa.

Durante a pesquisa, eu costumava observar onde estavam sendo ‘entocadas’ os “flagrantes”, para evitar de estar muito próximo em momentos de abordagens. Pois, quando os policiais achassem poderiam associá-las àquele que estava mais próximo da droga. ‘Estar próximo’ pode ser entendido como ‘estar com a droga’. As observações mostram que os traficantes geralmente buscavam estar longe do ‘flagrante’, quando a polícia chegava para abordá-los.

Nesta situação, Mingal em Tiueibes não teve a sorte de situar-se distante do esconderijo da droga em uma abordagem. Apesar de estar com mais duas pessoas próximas ao local onde as pedras de *crack* foram encontradas, ele foi o escolhido para assumir a responsabilidade de tráfico, pois era o que mais estava próximo e era um daqueles que não tinha boa reputação diante das impressões dos policiais⁷⁷.

Para que os esconderijos não fossem descobertos, as ações de “desentocar⁷⁸” a droga era realizada com rapidez e de maneira discreta. Antes de retirar as substâncias, os jovens traficantes observavam com cautela a movimentação de pessoas no local e rapidamente com gestos rápidos pegava a droga. Pois caso a polícia, delator, ladrão visualizasse onde eram os esconderijos, poderia haver consequências desagradáveis. Se a polícia visse, poderia acontecer extorsão, agressão ou prisão contra o comerciante. Se um delator soubesse onde estava o flagrante de droga poderia fazer a denuncia para as autoridades policiais. Se um esperto visualizasse poderia furtar a droga sem ser visto. Embora tenha havido pouquíssimas situações referentes ao ultimo caso, tais atos

⁷⁷ Ver no glossário o significado do termo. Mais a frente será discutido o que é um “sujeito maiado na mão dos homi”. E como se dá essa relação de perseguição.

⁷⁸ Ato de retirar as drogas dos esconderijos.

geralmente eram notados e os traficantes se encarregavam de agredir ou matar o corajoso ladrão.

3.4 Traficante e o seu consumo de drogas

No Canal do Urubú, pelo menos uma vez por mês os traficantes ali presentes matavam um carneiro que era criado no próprio terreno para servir de banquete em dias de comemoração. Quando alguém conseguia realizar uma atividade que possibilitasse bons lucros, geralmente havia muito churrasco, maconha, loló, mulheres e algumas vezes *haxixe*.

A convite dos organizadores, estive presente em cinco eventos desse tipo. Muitas vezes, Formiga me avisava de uma hora para outra que iria acontecer, pois sabia que eu me interessava por essas ocasiões para “fortalecer” o trabalho de pesquisa. Diante do convite, não deixava passar essas oportunidades de obtenção de informações valiosas sobre a realidade estudada. Durante esses encontros poderia conversar com os rapazes ali presentes e me informar sobre como andavam as atividades e descontrair um pouco, ouvindo música, escutando piadas e usufruindo da paisagem do terreno.

Em uma dessas festas, tive a oportunidade de questionar Dentão e ao Delsin sobre como se relacionavam com os efeitos dos entorpecentes que vendiam. A partir daí, surgiu um diálogo que teve como pauta o consumo de drogas nessas ocasiões de lazer. Delsin argumentou que cada um consome a droga que prefere, mas que tem algumas que os danos são maiores. Dentão ressaltou havia algumas que eram mais difíceis de segurar a “lombra⁷⁹”.

Percebendo que nos eventos anteriores não foi notada a presença de uma droga socialmente apreciada que é o álcool, indaguei sobre suas opiniões. Em tais eventos não era permitido o consumo de álcool, pois segundo Dentão, essa era a droga do “vacilo”. Esse argumentou que tal substância não combinava com o ambiente, porque seus efeitos

⁷⁹ Efeito causado pelo consumo de alguma droga.

causavam comportamentos indesejados. Dentão argumentou que “Vários ‘bicho doido’⁸⁰, tudo armado bebendo não dá certo, porque a birita⁸¹ é a droga do ‘vacilo’”.

Delsin disse que “O bêbado só conversa ‘miolo de pote’⁸² e aqui só se tolera ‘papo roxada’”. Indaguei sobre o consumo dos produtos que eles mais vendiam que era o *crack*, maconha e cocaína. Baseado em suas expressões, rapidamente percebi que os dois repudiavam tais o *crack* e a cocaína. Delsin alertou, rapidamente, ressaltando que maconha era sua droga predileta, mas que cocaína e *crack* eram drogas pelas quais tinha menos simpatia.

A maioria dos interlocutores consumia maconha diariamente, até mesmo enquanto estavam praticando a atividade. Na maioria das vezes os jovens costumavam fumar um baseado de maconha assim que chegavam nos espaços de venda. Já o *crack*, Nonato, Caçula e Cruzeta fumavam. No caso de Nonato, fumava cigarro mesclado com *crack* e cheirava cocaína, apenas quando não estava na atividade. Um dos motivos que levou Cruzeta a sair da localidade foi a dívida criada a partir do consumo de *crack*. Ele costumava fumar o *crack* em forma de cigarro mesclado e cheirava cocaína enquanto trabalhava. Já Caçula costumava fumar *crack* e cheirar muita cocaína apenas quando não estava desempenhando a atividade. Ele costumava passar longos intervalos de tempo (mais ou menos vinte dias ou trinta) sem consumir cocaína, mas quando se dedicava passava entre três e quatro dias de consumo intenso.

⁸⁰ Categoria nativa para autodenominar pessoas que optam por um estilo de vida voltado para o crime e que a coragem e audácia são suas características principais. Assim como as atitudes dos “bichos doido”, em artigo desenvolvido por Leonardo Sá, são discutidos um pouco das ações que caracterizam “o bichão”, personagem estereotipada de indivíduos residentes da favela que possui forte ligação com práticas criminais, especialmente com homicídios. O autor ressalta que “O bichão é a forma simbólica extremada da “vida louca”, e, portanto, do bicho louco que encarna a atitude guerreira na sua versão autodestrutiva e na versão heroica, que convergem. Há uma disputa moral que sempre envolve o risco de uma moralização do problema. Afinal, identidades que se estabelecem nas dinâmicas socioculturais da violência urbana representam duradouras fontes de estigmatização para os atores sociais sob foco. São as imputações de violência que se assimilam às práticas corporais e mentais dos atores como se deles fizessem parte de modo natural, ontológico. A principal motivação das guerras, segundo os envolvidos, é a falta de “consideração”, o modo desrespeitoso com que se realiza a relação social com a alteridade inimiga, provocando ondas de homicídios rituais e de vinganças “por nada””. (SÁ, 2010, p. 349)

⁸¹ Bebidas alcoólicas.

⁸² “Conversar miolo de pote” se refere a um diálogo onde se discute assuntos considerados supérfluos. Tal expressão nativa possui o mesmo sentido que “conversar asneira”.

De acordo com as entrevistas sobre quais drogas eram mais apreciadas, constatou-se que no topo das preferências estava classificado na classe dos canabinóides, como a maconha e o haxixi (cerca de 18 interlocutores fumavam maconha diariamente. Em seguida está os benzodiazepínicos, como o rivotril e o diazepam (cerca de 12 interlocutores ingeriam comprimidos semanalmente). Depois eram os que estão na lista dos estimulantes, como a cocaína (cerca de 7 deles consumiam cocaína semanalmente, seja em fumada, em forma de *crack* ou cheirada como cocaína). O próximo indicado na lista de preferência foram os tipificados como inalantes ou solventes, principalmente o loló (quase todos diziam gostar, mas que não era uma droga muito almejada, sendo utilizada apenas ocasionalmente).

É importante frisar que, no decorrer do trabalho de campo, foi-se tornando cada vez mais claro que havia certo controle relacionado ao comportamento de cada um, mas que a qualquer hora poderia ser abalado por cenas conflituosas ocasionadas por excessos e crises. O consumo de drogas entre os interlocutores foi um ponto importante para entender como se cuidavam, não apenas da saúde física, mas também em relação às consequências consideradas desagradáveis, como prisões ou brigas. Repensar os efeitos das substâncias que vendem, através da idéia que possuem de risco proporcionado nos faz pensar quais estratégias estão aos seus alcances.

No presente capítulo, discutiu-se como se procede as estratégias de acusação e punição e, como os “pivetes” do tráfico se desviam das perseguições, mortes e prisões que permeiam a maneira de se praticar o comércio. Sendo assim, debateu-se sobre os cálculos e os reajustes que são operacionalizados com o intuito de reduzir os danos e minimizar os perigos da atividade. Já no próximo capítulo, serão discutidos alguns aspectos que estão imbricados sobre o código de conduta cultivado pelos operadores. Alguns princípios morais, envolvendo contratos, lealdades, vinganças, cobiças serão discutidos com o intuito de entender como os conflitos se configuram em cenas de ameaças e violências.

4. Territorialidade e disputas

4.1 Contextualizando: tráfico e outros crimes

Em cada espaço estudado, além dessa relação de compra e venda de drogas, os jovens também se reuniam para desempenhar uma infinidade de interações que muitas vezes extrapolava uma definição estereotipada de qual atividade era a mais importante. Muitas vezes, os jovens traficavam, enquanto soltavam pipa, jogavam futebol, usavam drogas, faziam churrascos, negociavam objetos roubados, grafitavam muros ou ensaiavam passes de danças. Alguns tinham que deixar por um instante a conversa ou o entretenimento para despachar determinado cliente que chegava a pé, de bicicleta ou de carro.

A multiplicidade de práticas em cada lugar estudado muitas vezes camuflava a atividade do tráfico, por embaralhar as definições do que estava acontecendo no local. Principalmente durante as abordagens, negava-se a dizer a existência do tráfico e era ressaltado com convicção que estavam jogando baralho, soltando pipa, conversando, esperando a namorada ou que estariam no local apenas de passagem, indo para o trabalho.

Com o auxílio conceitual de Goffman, percebeu-se que as situações concretas que se desenrolam a partir das interações *face a face* fazem parte de um jogo de manipulação de impressões. Sendo assim, alguns atributos são levados em consideração, fazendo com que os atores interpretem as representações sobre a *identidade* dos *interactantes* (Goffman, 1988). A análise sobre as situações de abordagens policiais foi fundamental, pois a relação entre o traficante e o policial nos ajudou a refletir sobre como os *estigmas* que estes sujeitos considerados *indesejáveis* participavam da interação.

Ao questionar três interlocutores sobre como eles acreditavam que a polícia enxergava suas atitudes, Nonato argumentou que a polícia sabia da forte possibilidade de vendas de droga, mas que na maioria das vezes não tinha certeza de quando a atividade estava acontecendo. Filisteu complementou, enfatizando que os policiais não conseguiam obter provas concretas, por que na maioria das vezes não conseguia identificar. Já Cruzeta que estava mexendo nos botões do celular, levantou a cabeça e disse “*Uma coisa eu tenho certeza. Que eles ficam indignados, ficam e não é pouco.*”

Os agenciadores estudados sabiam que essa indefinição de práticas dificultava a atuação punitiva, por isso eles valorizavam tais atividades de lazer com o intuito de despistar quem pudesse impedir tal fonte de lucro. Alguns enfatizaram que estas omissões e mentiras, juntamente com a falta de provas concretas faziam com que os policiais ficassem cada vez mais indignados com eles. Tal indignação era perceptiva através das expressões faciais, dos gestos e da tonalidade da voz durante os diálogos. Esta aversão poderia se transformar em cenas de agressões e perseguições pessoais. Mais a frente será discutido como ocorre as armadilhas contra determinados sujeitos perseguidos ('sujeito maiados' nas mãos dos 'homi').

Como foi ressaltado durante o texto, priorizou-se como ponto de partida às práticas de venda de drogas e aqueles que estão na linha de frente do comércio, mantendo contato direto com seus clientes no Canal do Urubú, Praça da Matina, Tiueibes e Beco do Rato. Mas isto não significa dizer que estes jovens se dedicam exclusivamente a esta função de venda, pois os mesmos estão envolvidos em outras atividades, principalmente no que consiste em outros tipos de crimes.

Paralelamente a atividade do tráfico, muitos dos interlocutores se envolviam em outras fontes de lucros ilegais como receptação, assaltos, sequestros e furtos. Atividades estas que exigem diversas habilidades que dependiam da capacidade de cada e das oportunidades que surgissem.

Nonato dizia que se o chamarem para realizar algum 157⁸³, aceita sem problema, desde que saiba que existe a possibilidade de ganhar uma quantia "roxeda"⁸⁴, ou seja de maior vulto. Frieza dizia ser "da paz" e que havia deixado de realizar assassinatos sob contratação, mas que não havia deixado nem de pichar muros nem de traficar. Filisteu disse que era medroso, por isso estava apenas no tráfico e não queria saber de outras complicações no crime. Francileudo dizia que não tinha coragem de realizar abordagens em assaltos, mas que era profissional em dar fuga em sua moto.

Prateado com cordões de ouro e relógio caro relatava que a única atividade clandestina que se envolvia, além do tráfico era com a receptação. Já Dengoso disse que

⁸³ Nome do artigo que tipifica o assalto à mão armada.

⁸⁴ Termo nativo que submete à agradável, compensável ou admirável.

sentia prazer em descarregar uma pistola em alguém, por isso não negava a proposta de um assassinato por uma boa quantia. Dentão já não colocava tanta exigência em relação à modalidade do crime, dizia apenas que gostava de escolher os parceiros.

Durante as rodas de conversas da pesquisa, a troca de conhecimento entre pessoas que cometem ou que já cometeram diversos crimes mostrou ser um amplo espaço de debates sobre delitos. As aglomerações de jovens nos locais pesquisados proporcionaram uma série de interações, dotadas de discursos e performances, que descreviam experiências que eram repassadas para os que estavam ali presentes.

Narrava-se as possibilidades de sucessos e infortúnios de determinada atividade criminosa. Dialogava-se sobre as maneiras mais eficientes de se praticar determinado ato. Aconteciam alguns planejamentos de crimes. Determinada pessoa chegava atrás de um comparsa para praticar um assalto. Discutia-se sobre quais crimes estavam compensando mais na capital. Calculava-se as vantagens em vingar a morte de determinado amigo do bairro.

Assim como os presídios onde reúnem pessoas que cometeram diversos delitos, tais espaços também são lugares de contato entre pessoas que sofreram um processo de marginalização advindo de suas condições de “fora da lei”. Sendo assim notou-se que o compartilhamento de ideias e aprendizados fortaleciam os vínculos entre os membros dos grupos. Pois ao passarem por sensações de clandestinidade em comum, poderiam discutir sobre os meios mais eficientes para driblar as forças repressoras do Estado e, assim não serem presos. Além disso, os diálogos sobre determinado tipo de crime poderia ser um forte atrativo para aquele que tinha curiosidade sobre a atividade.

Sendo assim, é importante frisar que não eram ressaltadas apenas as desvantagens de quem comentem determinado tipo de crime. Nestes locais de troca de conhecimento, também se exaltava às vezes em que os assaltos eram realizados com sucesso, proporcionando dinheiro e objetos. Discutia-se sobre a adrenalina que sentiam ao adentrar nas varandas das casas para picharem muros. Discutiam sobre o prazer em conseguir realizar uma boa venda no comércio de drogas. Geralmente as desvantagens eram ressaltadas, enfatizando-se os erros cometidos e a repercussões deles no decorrer das atividades.

As observações sobre os quatro ambientes marginalizados estudados mostraram que existe certa conexão entre o tráfico e outros crimes. Por exemplo, o poder econômico advindo do lucro do tráfico faziam com que eles tivessem acesso a armas e, conseqüentemente a outras pessoas que também estivessem envolvidas em outros tipos de crime. Pois tais armamentos também podem ser utilizados para prática de outros delitos que podem não estar necessariamente diretamente ligada ao tráfico. Como foi ressaltado anteriormente, as armas de fogo são artefatos importantíssimos para preservação do comércio de drogas, pois sem elas não é possível garantir a segurança dos próprios agenciadores, nem de impor respeito às regras de comercialização.

No decorrer da pesquisa foi possível constatar que em momentos de escassez de drogas no mercado, muitos interlocutores optavam por alugar ou emprestar suas armas em troca de benefícios em práticas de assaltos. Em várias situações foi possível observar que a instabilidade que é ocasionada pela repressão ao tráfico fez com que seus próprios agenciadores se envolvessem em outras modalidades de crimes ou instigassem terceiros com o intuito de ganhar dinheiro. Zureia enfatiza esta circulação, quando enfatiza que

Eu tenho meus filhos para criar, comida pra fortalecer 'a casa', energia para pagar, daí o tráfico é um dos meios que me garante essas coisas. Daí quando a polícia vem e embaça⁸⁵ nosso comércio, é o jeito a gente correr atrás de ganhar dinheiro de outro jeito. Daí como eu tenho revólver em casa é o jeito tentar ganhar dinheiro com ele de alguma maneira... e o que não falta é comparsa para fazer um assalto, roubar um carro.. (ZUREIA, 17/02/2014).

Neste sentido, constatou-se que o comércio de drogas ilícitas tende a fortalecer e a ser fortalecido por outras atividades criminosas, por fornecer lucros que podem ser utilizados para a compra de bens como armas, automóveis, casas de praia e sítios. Além do prestígio da ostentação do poder, esses bens também podem ser utilizados no auxílio a práticas de outros crimes, como sequestros e assaltos.

Além destas relações entre os crimes, o dinheiro advindo do tráfico, muitas vezes era utilizado para o pagamento de advogados que defendiam as causas de diversos delitos praticados por membros de determinada “bocada”. Sendo assim, no momento de

⁸⁵ Nesta frase o sentido está voltado para a atuação repressiva da polícia sobre tal comércio.

prisão de algum traficante ou freqüentador de determinada boca, o fortalecimento e proteção prestada ao detido era acionada por boa parte do dinheiro do tráfico.

4.2 Roubar “nas áreas”

É importante frisar que, embora alguns traficantes cometessem assaltos e cedessem armas para quem estivesse a fim de praticar, não se tolerava de maneira alguma roubos nas proximidades dos pontos de distribuição de drogas. Durante as entrevistas, percebeu-se que os traficantes do local até admiravam e instigavam outras pessoas no que consistia na prática do assalto. Mas na região local, alimentava-se a aversão aos bandidos pertencentes a outras galeras que viessem roubar nas áreas. Pois os traficantes não permitiam que moradores do bairro roubassem no mesmo bairro.

Argumentando sobre o porquê de tamanha aversão e ódio contra aqueles que roubassem nas proximidades, houve certo consenso que afirmava que não era vantagem para o comércio local de drogas, pois atraía polícia e prejudicava as vendas de drogas. Além desse argumento de evitar a presença de ameaçadores forasteiro, também foi ressaltado como motivos dessa aversão, o constrangimento em ter alguém da família roubada. Em caso de ameaça de ladrões na região, os traficantes rapidamente se articulavam com suas armas e contatos para garantir proteção de seus ‘próximos’. O reforço dos companheiros é rapidamente acionado e não demora muito para que amigos e familiares se juntem para acabar combater a ameaça.

Certo dia no Canal do Urubú, um policial que mora no bairro em que está localizada esta “bocada”, chegou só até o local e comunicou que uma moça (amiga dele) tinha sido roubada e que o rapaz tinha alguma ligação com os jovens traficantes ali presentes. Ao ressaltar o apelido do rapaz, os garotos comerciantes disseram o policial não deveria se preocupar, pois a “justiça” seria feita e os objetos roubados seriam recuperados. O jovem que roubou no bairro e que também já havia trabalhado na Boca foi fortemente agredido e devolveu o fruto do roubo. Quando o rapaz foi queixar-se aos seus familiares que também são considerados perigosos, sobre as agressões sofridas, eles ressaltaram que as lesões foram merecidas e que, por conta disso preferia deixar os fatos como estavam.

Muitos sujeitos “saem espirrados das áreas” por traficantes que não toleram sua presença no local. Pois “sair espirrado das áreas” significa dizer que determinado sujeito agiu de modo desagradável, cometendo algum deslize e que, por conta dessa falha foi obrigado a deixar o bairro, deixando até mesmo de visitá-lo.

Geralmente pessoas que cometem furtos, cobiçam companheiras de terceiros, assaltam conhecidos, agridem familiares nas imediações da atuação do tráfico são expulsas da região. O roubo “nas áreas” está entre as práticas mais comuns que motivava conflitos que repercutiram em agressões, expulsões ou assassinatos.

Ao indagar quais suas opiniões sobre os roubos na região, muitos alegavam que tinham forte aversão aos ladrões nas ruas do bairro, pois tais “safados⁸⁶” representavam ameaça as suas famílias em seus percursos diários. Outro ponto comumente ressaltado era que roubar no bairro trazia como consequência a chegada da polícia, dificultando o tráfico.

Havia vários motivos pelos quais as pessoas eram “espirradas das áreas”. Por exemplo, alguns interlocutores que revendiam a droga de outras pessoas tiveram que sair da localidade por ter cometido deslizes intoleráveis para dinâmica do tráfico. Tequim teve que fugir rapidamente, após cometer um prejuízo de mais de dois mil reais em drogas de um fornecedor. O rapaz cometeu o deslize de consumir toda a droga que tinha guardada em casa para ser revendida. Cruzeta foi mandado embora após está com saldo devedor ao seu fornecedor, por não ter como pagar a droga que vendeu fiado a vários consumidores que não o pagaram.

4.3 Ligações e fugas: pessoas com “furos”

Como foi ressaltado anteriormente, alguns jovens evitavam passar por determinados pontos de venda, aonde se reúnem pessoas que queriam matá-lo. Sendo assim, muitos locais dos bairros se tornavam campos minados, onde fulano que pertence a tal local (de tal “área”) não poderia andar em certas ruas e praças que eram frequentados por determinados jovens. Embora houvesse um sentimento de segurança

⁸⁶ Termo que um dos entrevistados utilizou para se referir àqueles que roubam na própria região onde mora.

enquanto estavam próximos de suas residências e a de seus amigos, havia certo receio dos imprevistos de quem vinha “de fora”, de outros *pedaços* que não são os seus (Magnani, 2000). Podendo até serem recebidos de uma forma agressiva.

Sendo assim, esses conflitos que acontecem, alteram a dinâmica das relações, criando “zonas” de mapeamento que se manifesta através de pertencimento e repúdios em cada espaço estudado. A pesquisa de Glória Diógenes nos faz refletir sobre como a presença dos jovens em determinados espaços urbanos garante a dinamicidade das representações de tais cenários. A autora ressalta que

O urbano parece ter sido tomado por essa presença recorrente dos jovens nas ruas, imprimindo uma nova dinâmica de uso e uma forma diferenciada de nomear e “zonear” os espaços urbanos: as zonas de perigo, de agito, os points, as bocas-de-fumo, as tocas, os becos [...] apontando outras imagens possíveis de identidade coletiva e de conflito na cidade. (DiÓGENES, 1998, p. 123)

No caso estudado, cerca de sete interlocutores que participaram da pesquisa vieram de outros bairros para traficar nas localidades. Ou seja, eles não eram “nativos”⁸⁷, não eram “das áreas”⁸⁸ vieram para a localidade por diversos motivos que os fizeram permanecer por certo tempo. Muitos deles haviam migrado, por conta de conflitos em seus locais de origens. Sejam foragidos da polícia ou de inimigos, eles encontravam na localidade um ponto de apoio “seguro” para evitarem consequências desagradáveis para suas vidas.

Muitos moradores da comunidade praieira possuíam alianças com traficantes de bairros de Fortaleza, fazendo com que tais relações fossem fortalecidas em casos de necessidade de abrigo de amigos que estavam em situação de intenso risco de vida, devido à ameaças de inimigos. Geralmente essas pessoas que chegavam encontravam no tráfico uma maneira de fortalecer seus vínculos e driblar os poderes causadores de ameaças. Em troca da recepção, muitos deles fortaleciam o tráfico local, participando ativamente da venda ou mantendo contatos com distribuidores.

⁸⁷ O termo “nativo” geralmente é utilizado nas comunidades praieiras para fazer referência a pessoas que nasceram na própria localidade e tiveram origens familiares em tal território. É importante ressaltar que esta regra não se aplica a todos os casos, pois possível que um indivíduo se torne nativo sem ter origens na localidade, apenas por pelo longo tempo de moradia.

⁸⁸ No mesmo sentido da nota anterior, tal termo é uma categoria nativa que se refere ao tempo de convivência em determinado espaço e ao sentimento de pertença que as pessoas criam a partir dele. Ser “das áreas” significa pertencer ao grupo e ter sentimentos de lealdade, proporcionada pelo tempo de convivência com seus amigos. Geralmente quando os jovens se cumprimentavam, substituir o nome ou apelido por “das áreas” possui uma conotação de respeito e identificação com o outro.

Muitos jovens que estavam sob ameaça deixavam seus locais de moradia em busca de segurança na casa de primos, amigos e conhecidos para construir novas relações. Alguns ousavam ir para fora do Estado em cidades distantes, outros apenas mudavam-se de rua no mesmo bairro, enquanto outros se deslocavam para bairros distantes.

É neste sentido que Simmel nos propõe uma reflexão sobre as formas de sociabilidade que caracteriza modernidade, principalmente quando discute sobre a maneira como o dinheiro garante certas discontinuidades. Foi observado que o mercado de drogas, embora seja algo ilegal, é responsável por um estilo de vida permeado por discontinuidades que ao mesmo tempo em que aglomera símbolos, também é responsável por fragmentações. Sendo assim, Simmel nos ajuda a compreender um pouco sobre como os aspectos estruturais da modernidade levam em consideração continuidades e discontinuidades. O autor ressalta que

As relações do homem moderno com seu ambiente se desenvolvem geralmente de modo que ele se afasta de seus círculos mais próximos e se aproxima dos mais afastados. O crescente sentimento de afrouxamento das relações familiares, o sentimento de insuportável constrangimento pelo compromisso com os círculos mais próximos (...), a crescente ênfase na individualidade, que se destaca justamente do contexto mais imediato – todo esse distanciamento anda de mãos dadas com o estabelecimento de relações com a comunidade de pensamento, com círculos cujo laços substituem toda proximidade espacial (Simmel, 2002, p. 541).

Como se pôde observar durante a pesquisa, os laços aproximativos, despertados através de usos em comum do mesmo espaço, estavam em estado iminente de conflitos que repercutiam em distanciamentos simbólicos, configurado através dos fluxos migratórios entre os traficantes pesquisados. Alguns que agiam na região estudada possuíam casas em comunidades praieiras e em sítios, mantendo um fluxo constante entre litoral / capital e sertão ; sertão / cidade com a intenção de conseguir apoio que permitisse driblar os poderes coercitivos e garantir a manutenção dos seus lucros com menos riscos. Sendo assim, o ambiente dos municípios possibilitava maior segurança, ao permitir que as casas de apoio servissem como subterfúgio de abrigo.

Na cidade, foi possível encontrar pessoas que se hospedavam na casa de familiares e amigos que trocavam abrigos entre si. Tais relações recíprocas muitas vezes tinham como pano de fundo a ameaça na região de origem. A proteção aos recém-chegados era garantida através do apoio daqueles que desempenham o tráfico local. Geralmente é cedido um barraco que pode ser compartilhado com outros jovens

comerciantes. Todos do barraco da região são comunicados sobre quais motivos levaram o novato a buscar proteção na região. Em troca ele participa da dinâmica do local, realizando serviços para o comércio.

Glória Diógenes na sua pesquisa mencionada sobre grupos de jovens em Fortaleza discute sobre a territorialidade das galeras que em contextos de violência tendiam fortalecer seus laços de solidariedade. Ela ressalta que

A territorialidade das gangues é móvel, cambiante, rompendo os limites físico geográficos dos bairros de periferia. Ela segue o fluxo e as “linhas de fuga” das metrópoles modernas. A territorialidade das gangues pressupõe uma movimentação cuja finalidade é tentar transpor a noção de anonimato e, concomitantemente, evitar os choques que ritmizam o cotidiano das grandes cidades (DIÓGENES, 1998 p.148).

Na pesquisa desenvolvida, alguns jovens que vieram se esconder nas mediações dos bairros pesquisado, foram executados quando descobertos os seus verdadeiros locais de subterfúgio. A recepção de pessoas de outro bairro que vieram se esconder se estabelecia através de uma troca de proteção que garantia a manutenção do andamento do tráfico através de medidas regenerativas.

Um exemplo disso é o de Pretim, um garoto de cerca de 16 anos que veio de um bairro de Fortaleza para morar no litoral, porque as facções que dominavam o tráfico entraram em conflito no seu local de origem e, após executar um membro da gangue rival, passou a ser ameaçado e correr risco de morte. Como ele ressalta nessa passagem:

Não vou esperar por tempo ruim não, decidi fugir de lá, porque as “áreas” estava começando a ficar embaçada (...). Como eu estava envolvido no movimento, então estava jurado de morte. E os safados...você sabe como é que é... eles pegam na covardia mesmo.(PRETIM, 16/02/2013)

Não são todos os jovens envolvidos com o tráfico que estão demasiadamente preocupados com os perigos de tal atividade, pois existem muitos deles que não acreditam nos riscos sobre o qual estão expostos e acabam sofrendo consequências graves. O caso do jovem Flaécio enfatiza a falta de crença na possibilidade de ameaça. Após ter cometido um homicídio na Praça da Matina, teve que se refugiar em outro bairro por cerca de um ano para evitar a vingança inesperada dos familiares e amigos do morto que moravam no interior.

Depois de um ano no bairro vizinho, ele decidiu voltar a frequentar os mesmos locais de antes, mas sempre tomando a cautela de andar prevenido, observando com atenção a movimentação de desconhecidos e geralmente com um revólver na cintura. Após passar algum tempo, ele começou a desacreditar na possibilidade de vingança. Mas quando menos esperou, em uma roda de descontração, um sujeito chegou rapidamente sem apresentar suspeita e desferiu vários tiros, levando a óbito, como comumente se denomina nessas paisagens, o finado Flaécio.

Muitas vezes essas migrações de jovens aconteciam dentro do mesmo bairro. Em uma região pequena, os conflitos muitas vezes se concentram entre pessoas de determinada rua que possui inimigo que estão a quatro quadras de distância do lugar de abrigo. Muitos por não terem apoio de pessoas de outros bairros, permanecem na região de origem do conflito e acabam morrendo. Caso este que aconteceu com Daniel que após ter vingado a morte de seu amigo Bruno em Tiuibes não teve como sair do bairro, permanecendo na atividade com atenção às ameaças. Seus amigos o alertavam dizendo que estava correndo risco em andar pelo bairro, mas ele não ouviu os conselhos, sendo fuzilado com vários tiros no rosto. Esta continuidade de mortes causou um clima de apreensão que dividiu grupos rivais no bairro.

Nos pontos de venda observados, verificou-se que a atenção referente a atitudes suspeitas estavam sempre recorrentes. Ser sensível a ameaça externa foi uma das experiências que esteve mais presente durante a pesquisa. Estar próximo de pessoas que possuem “furos”⁸⁹ e inimigos apresenta certa tensão, principalmente quando o conflito com o qual esses indivíduos estiveram envolvidos tenha acontecido a pouco tempo e a possibilidade de vingança seja intensificada.

No decorrer do trabalho de campo, observei que algumas áreas estiveram mais fortemente armadas, pelo fato de que a ameaça de grupos rivais tornaram-se bastante intensa. Quando ocorria algum ataque a áreas rival, todos os jovens envolvidos com tráfico permaneciam em um estado de alerta, pois o revés⁹⁰ era quase uma certeza. Às

⁸⁹ Possuir furos geralmente significa que determinada pessoa se envolveu em conflitos que ainda não foram resolvidos e que a possibilidade de vingança existe. Uma pessoa pode possuir furos tanto em seu próprio território ou em áreas distantes. Geralmente os furos estão relacionados a deslizes e quebra de contratos.

⁹⁰ O contra-ataque, as conseqüências, o bate e volta.

vezes passava longo tempo, depois da morte ou tentativa de homicídio de algum jovem, mas a vingança contra determinados membros do grupo rival parecia ser uma necessidade para impulsionar o orgulho do grupo atingido.

Embora tenha havido dois assassinatos na Praça da Matina, percebeu-se que os jovens Nonato, Filisteu e Frieza não costumavam portar armas enquanto estavam vendendo drogas. Embora tivessem armas em casa ou em alguns casos tenha levado para a praça para mostrar para seus amigos, em nenhum caso percebi uma forte possibilidade de uso delas. Tais rapazes conseguiram manter o fluxo do comércio de maneira “razoavelmente pacífica”, pois eles conseguiram manter o respeito através do diálogo e não alimentaram inimizades.

No período entre 2009 e 2011 houveram alguns conflitos individuais que ocasionaram na morte de alguns traficantes com idade entre 13 e 17 anos que tinham alguns inimigos (durante este período duas pessoas morreram na praça e duas forma baleadas). Mas durante os 18 meses de pesquisas (a partir de 2012) constatou-se apenas um assassinato no ambiente pesquisado. Apesar de muitas turbulências, essa área foi a mais tranquila em relação a assassinatos e agressões.

Argumentando com os interlocutores sobre o porquê de ter sido uma área razoavelmente pacífica em relação aos outros pontos foram vários motivos ressaltados. Embora Frieza tenha cometido várias atrocidades no decorrer da sua vida, ressaltou que não tinha inimigos e que não mais andava “fazendo presepada⁹¹”, por isso, com exceção do medo das abordagens policiais, conseguia traficar tranquilo sem medo de morrer. Nonato argumentou que o local era o melhor para ganhar dinheiro com o tráfico, porque a região não vive em conflito com nenhuma ameaça de rivalidade. Segundo ele o lugar é neutro em relação à questão de mortes e vinganças, por isso não havia necessidade de andar armado. Filisteu argumentou que não anda armado, mas que de vez enquanto tem dor de cabeça por causa da dívida de algum cliente, por isso deixa um pedaço de madeira guardado caso precisa utilizá-lo.

O grupo que mais teve problemas com derramamento de sangue foi o Canal do Urubú, pois as rivalidades com outros grupos e o envolvimento de seus integrantes em outras atividades ilegais proporcionaram maiores tensões. O comércio sofreu maiores

⁹¹ “Fazer presepada” significa um verbo que quer dizer fazer contravenções, arruaças, causar desordem.

alterações nesse espaço, pois a possibilidade de ameaça inimiga e da polícia foi mais intensa. A rotatividade dos integrantes que despachava na “boca” era maior, pois os jovens tinham que ser substituídos com certa frequência, pois aqueles que passassem muito tempo traficando no local corria riscos maiores em relação à polícia e aos inimigos. Embora estivessem com armas de fogo e passassem longos períodos no local, corriam o risco de serem ‘marcados para morrer’ ou de serem presos.

Alguns interlocutores estiveram em período de ameaça intensificado. Tais sujeitos, além de estarem sob ameaça individual, também traziam seus conflitos para o grupo que frequenta. Os riscos referiam-se à forte possibilidade da chegada da polícia para realizar prisões ou de inimigos invadirem para distribuir tiros.

Zureia, rapaz que, além de coordenar o tráfico local, também despachava os clientes na entrada do no Beco do Rato ressaltou sua opinião sobre como tratavam os jovens distribuidores que estavam “maiado na mão” dos policiais e de alguns inimigos. Neste trecho, Zureia explica como agia de acordo com tais conflitos:

“Ei pivete, sabe como é né? Aqui ninguém atura pirangueiro não. Quando um pivete daqui do beco dá vacilo fora, eu busco ouvir os dois lados pra ter certeza se o pivete vacilou mesmo(...). Aí né, dependendo do acontecido, o nego vê o que faz (...). Às vezes eu mando só sair fora das áreas. As vezes eu tento resolver na paz com a outra parte e deixar o pivete sossegado (...). O que eu quero é que não tragam problema desnecessário, porque as vezes os pivetes não tem nem culpa. Daí vou mandar sair fora? Não vou. Mas se trazer muito problema o único, jeito é comer o partido⁹² do pivete e assumir as consequências ou mandar ele sair fora. Mando sair fora se eu ver que não vale a pena tá com um cara maiado aqui (ZUREIA, 20/05/2013) .

Indaguei sobre como fazia para substituir os garotos que eram expulsos, presos ou assassinados. Zureia enfatizou que buscava realizar contatos com amigos de outros bairros que conheciam pessoas capazes e dispostas a trabalharem na localidade. Ele disse que alguns que chegam são problemáticos no sentido de atraírem ameaças em virtude de atitudes presente ou conflitos passados. O traficante também afirmou que não havia tanta dificuldade em encontrar um garoto que estivesse sem nenhuma fonte renda

⁹² “Comer o partido” quer dizer que determinada pessoa se sensibilizou por uma das partes em conflito e que está disposto a interferir contribuindo com a ajuda ao aliado.

para passar a vender droga no local. Muitas vezes essa recepção era encarada como uma ajuda mútua, onde a parte que ganha “proteção” no recém-chegado lugar, também oferece serviços que fazem com que as transações ganhem impulso e resistência.

Neste sentido, é interessante ressaltar que tais conflitos costumavam condicionar as alianças e inimizades se perpetuando através de estratégias e regulamentos. Diante das situações envolvendo o comércio, observou-se que os riscos de prisões e de morte eram comumente enfatizados pelos comerciantes locais. Assim, alguns personagens surgiam nos relatos, sendo representados como potenciais ameaças que intensificavam a repressão ao comércio. No próximo capítulo será analisado como se procede essa relação entre os “pivetes” e seus inimigos, enfatizando como se desviam de seus alvos através de estratégias..

5. Estratégias e combates: O traficante e os inimigos

5.1 Ameaças e defesas

Notou-se que diante das ameaças de inimigos, da polícia, dos credores, os agenciadores tinham que mostrar-se fortes para garantir a eficiência da consolidação dos lucros e do comércio. O poder do uso da arma de fogo, como um artefato para impor “respeito” e transmitir “medo” contra as ameaças externas foi enfatizado com frequência nas entrevistas.

As estratégias de combate eram variadas de acordo com os atores envolvidos. Contra a polícia a relação era mais de negociação e fuga. Trocar tiros com policiais, somente em caso de perseguição. Já contra os inimigos de outras galeras, as relações eram de enfrentamento, repercutindo em cenas truculentas, pois sob ameaça de pessoas com poder de fogo parecido com o seu, geralmente a relação era de confronto.

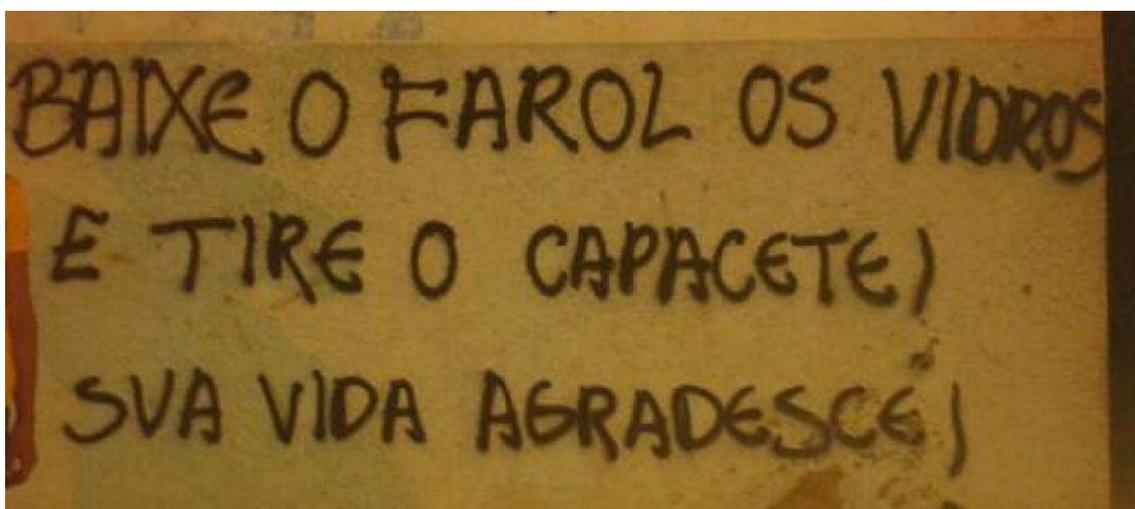
Durante a pesquisa, o Canal do Urubú estava em um período de conflito latente. Desde o dia em que morreu um garoto e quatro foram baleados no local, intensificou-se um conflito que consistiu em uma rivalidade em que morreu jovens de ambos os lados. Depois da primeira morte, os jovens do lugar se articularam para invadir o grupo inimigo e se protegerem das consequências que viriam.

Segundo relatos, existem também as ameaças representadas na figura daqueles inimigos que são mais difíceis de serem reconhecidos. Os “cabanas” ou como é chamado, os “caguetes”, denunciadores são encarados como uma ameaça pelos acionadores do comércio. Geralmente estes são donos de comércio, vizinhos e transeuntes. As medidas contra pessoas que contribuem com as ações repressivas da polícia são bastante rígidas. Como foi ressaltado anteriormente houve casos de represália contra aqueles que eram identificados como “cabana”.

É importante salientar que a maioria dos casos de morte ocorridos nas regiões de atividade do tráfico, as vítimas eram possuíam menos de 17 anos de idade e que se expunham de maneira mais efetiva aos perigos dos conflitos. Os distribuidores maiores, apesar de articular os jovens nos conflitos, garantindo armas e dando sugestões de ataque e defesa, geralmente não estavam envolvidos diretamente nos conflitos. Pois costumavam frequentar os lugares de distribuição do varejo de drogas de maneira rápida

e passageira. Geralmente as articulações e autorizações eram repassadas para as pessoas que colocavam a droga na mão dos jovens para que eles possam passar para tais rapazes.

Esta imagem de pichações no muro que está localizado a mais ou menos 30 metros de distancia de um dos pontos de comércio, alerta sobre os códigos de conduta e os perigos ao se aproximar do grupo de jovens que estão reunidos. Tal imagem foi escrita semanas depois que um grupo de pessoas a paisanas chegarem dizendo que eram policiais, apresentando distintivos. Mas na verdade eram jovens de um grupo inimigo que invadiu, disparando vários tiros, deixando vários feridos um morto. A invasão, seja da polícia ou de inimigos geralmente é remediada através de atenção redobrada, privilegiando as técnicas de identificação de suspeitos e com a retaguarda prevenida.



O pedido para que baixe o farol tem o objetivo de reduzir a intensidade da luz que ofusca a visão de quem está distante do veículo. A mensagem pede para que baixe os vidros e retire o capacete com a intenção de visualizar a presença de quem vem chegando. Durante a noite, se aproximar de grupos como estes, desobedecendo esta regra, corre-se o risco de ser surpreendido com tiros, principalmente em períodos de estado latente de “guerra”.

Esta mensagem escrito no muro na entrada da rua do Canal do Urubú era uma medida de segurança que foi disponibilizada para avisar que estava-se entrando em uma região delicada, devido aos conflitos gerados por disputas entre grupos de traficantes. Ao questionar, alguns deles alertaram que era necessário visualizar o rosto daqueles que se aproximavam para não serem surpreendidos sem direito a defesa. Um dos

interlocutores disse que diante de um caso de suspeita era preferível atirar, pois “*é melhor a mãe dele chorar do que a minha*”.

5.2 O traficante e a população: Os “cabanas” e a circulação de informações

No capítulo quatro foi enfatizado como se deu a relação entre policiais e os jovens traficantes, a partir do prisma das abordagens que tinham o intuito de combater e prevenir crimes. Este contato direto elucidou um pouco como a polícia age através de vistorias sobre documentos para verificação de pendências na Justiça; busca de armas e drogas; interrogatórios que buscavam informações sobre determinadas atividades criminais. Neste tópico do capítulo cinco, será discutido um pouco como se procede a circulação de informações, denúncias, as omissões e segredos relacionados à atividade policial sobre o tráfico, mas tendo como protagonistas o traficante e a população.

Embora, a polícia seja a instância repressora mais incisiva sobre as práticas do tráfico, os moradores e familiares também possuem papel um fundamental ao agir com seus próprios métodos de controle, influenciando a dinâmica dos locais. Os moradores contribuem através de gestos, expressões e discursos, agindo como dispositivos que, como indica Foucault (1988), produzem verdades e forjam normalidades, naturalizadas em suas implicações sociohistóricas.

A opinião daqueles que entendem a atividade do tráfico e consumo de drogas como uma prática que deve ser combatida, tem como baliza um parâmetro de normalidade que indica que tais praticantes devem ser corrigidos. Sendo assim, uma série de saberes que se entrecruzam passam a gerenciar as atitudes dos traficantes através técnicas que perpassam seus corpos, como humilhações e agressões. Ao perpassar por diferentes instâncias os saberes tendem a influenciar comportamentos como os que são aqui apresentados. Michel Foucault nos ajuda a refletir sobre como se procede esse conjunto de saberes que gerenciam as práticas. Nesta passagem o autor ressalta que,

A atenção necessária a população leva ao desenvolvimento de uma série de saberes conectados que, em conjunto, auxiliam a configuração de um contemporâneo poder de polícia, não apenas o de perseguir criminosos, mas

o de gerenciar minúcias da vida individual e coletiva, uma arte racional de governar (FOUCAULT, 1997, p. 85).

As medidas que visam aniquilar as substâncias ilícitas na guerra contra o tráfico de drogas se manifestam por diferentes meios que vão além do poder coercitivo da força policial. O olhar punitivo que tem como objetivo a manutenção do controle das regras, perpassam diferentes saberes que se estende entorno do cotidiano das famílias e das diversas instituições. Diversos *dispositivos* foram sendo acionados, tanto por meio do aparato jurídico, como por meios informais no decorrer das relações (Foucault, 1991).

Como foi ressaltado anteriormente, os moradores que contribuem com a polícia, solicitando informações sobre as relações comerciais do tráfico são repreendidos. Para isso, os traficantes velavam os assuntos relacionados ao tráfico com bastante cautela. Evita-se ressaltar publicamente informações que identificassem as práticas e os traficantes. Neste sentido, Jucileudo afirma que

Tem que ter cuidado com os “cabanas”⁹³, eles tão em todo lugar querendo prejudicar a gente. Quando o cara menos espera eles estão olhando torto pra gente. Não sei o que é que eles querem olhando pra vida dos outros. Tem é que morrer tudim (FRANCOLEUDO, 03/05/2012).

Mesmo quando não estavam colocando em prática a atividade do tráfico, os operadores de tal dinâmica, tomavam uma série de cuidados com o intuito de evitar consequências negativas. A prática cotidiana da atividade do tráfico se apresentava de maneira cambiante para muitos atores. A polícia e os moradores que repudiam o tráfico sentiam dificuldades em distinguir o momento em que estava acontecendo a transação daquele em que estavam ocorrendo outras atividades. A diversidade das interações impedia uma distinção nítida sobre as práticas em jogo.

É importante frisar também que não são todos os moradores da região que são motivados pelo desejo de reprimir estes sujeitos e suas práticas. Muitos moradores passam sem se importar com a aglomeração ou buscam criar uma relação amistosa com esses jovens. Alguns familiares e vizinhos, tornam-se cúmplices da atividade, tendo em vista não quererem repercussões negativas para a vida de seus amigos, filhos, vizinhos.

⁹³ São nomeados de “cabanas” aquelas pessoas que observam às escondidas as práticas para denunciarem para a polícia. Geralmente o termo se referencia aqueles moradores que se incomodam com a presença dos jovens e com suas práticas próximos as suas residências.

Geralmente essas pessoas buscavam impedir tal envolvimento através de conselhos e incentivos. Notou-se também que por estas pessoas, os traficantes costumavam respeitar suas opiniões e compreender suas atitudes, desde que não fosse para discriminar.

De acordo com as conversas com moradores que abominam o tráfico, percebeu-se que eles estavam cientes da ocorrência da atividade nos locais, mas que não tinham certeza de qual momento estava ocorrendo e de quem eram os traficantes. Na entrevista realizada com seu “Raimundim” que mora a mais de 40 anos a sete casas vizinhas ao Beco do Rato, entendeu-se que, apesar de suspeitar que ocorra o tráfico, não sabe quem nem quando estão vendendo droga. Ele ressalta

Eles ficam tudo ali misturado, ninguém sabe quem é quem. Passam o dia ali sem fazer nada, só fumando droga e fazendo o que não presta (...). É um chega e sai de gente o dia todinho. A gente fica até com medo, porque ninguém sabe quem é quem (...). Não adianta muito ligar pra polícia, porque a polícia chega e só faz mandar o pessoal e pra casa e depois tão tudo de volta. O negócio é complicado, tem jeito não (...). Aí fica cheio de vagabundo e quem se prejudica é nós que mora por aqui por perto (RAIMUNDIM, 27/01/2014).

Diante da dificuldade em distinguir quais atividades prevaleciam sobre as outras, tais sujeitos estavam constantemente sendo alvo de denúncias e acusações. A maneira como a circulação de informações prosseguia através de boatos, faziam com que estes jovens fossem encarados como um “bando de indivíduos que se reúnem para fazer o que presta”. Durante a pesquisa constatou-se que a ausência de informação precisa sobre o que realmente ocorre nos locais, faz com que as pessoas que não estão em contato com os jovens criem especulações e divulguem informações distorcidas. Percebeu-se que o forte desejo em “combater a droga”, alimenta o preconceito sobre a utilização desses espaços.

A pesquisa apontou que diante da possibilidade de punição, aqueles envolvidos com o tráfico estão constantemente buscando manter o anonimato de suas atividades para preservarem suas identidades e integridades. A ilegalidade de tal mercado implica em conflitos entre o que ‘pode ser dito’ e aquilo que não pode ser publicamente divulgado. O controle das informações é manuseado de acordo com a possibilidade de punição. Se um traficante mantém o controle das vendas da droga na localidade, consequentemente fica-se subentendido que não se deve propagar tal informação de

maneira aberta. O controle sobre o mercado envolve não apenas às práticas internas das transações, mas também a busca pelo cuidado e controle da circulação de informações em um contexto mais amplo.

A circulação de informações implica em riscos que tendem a colocar os traficantes em situações de ameaça física e psicológica. Por exemplo, a necessidade de ampliação dos lucros exige certa expansão da clientela através da divulgação de informações relacionadas aos produtos e fornecedores. Mas a circulação destas informações referentes a tal dinâmica comercial apresenta riscos e perigos que geram alianças e desavenças. Quando determinado traficante começa ampliar seu comércio, além da clientela, a polícia também poderá tomar conhecimento sobre tais informações e possivelmente agirá tentando prender ou negociar com os protagonistas do mercado.

É importante frisar também que, embora a polícia represente uma ameaça, existiram algumas situações em que tais agente se apresentaram como aliado. Por exemplo, os policiais de determina corporação, poderá servir como alguém que mantém a área “protegida”. Alguns traficantes matem determinado policial por perto através de troca de favores. Sendo assim, os policiais quando conseguiram informavam os rapazes sobre como as corporações estavam agindo sobre a região. Em outros tipos de situações os policiais poderiam ser acionado através de denúncias pelos próprios traficantes locais para agir contra “bocadas” de grupos rivais.

Mas estes tipos de casos onde certos policiais se apresentam como “aliado” foram exceções observadas, pois o personagem policial é representado através da imagem de ameaças, traições e inimizades. São tais agentes da lei que interferem de maneira mais incisiva sobre o tráfico, prejudicando os lucros e efetuando prisões e apreensões.

5.3 O traficante e a polícia

As abordagens policiais são bastante interessantes para se repensar como tais maneiras de se tentar controlar ações voltadas para o tráfico contribuem com o comportamento dos jovens. Por exemplo, certo dia na Praça Matina a polícia realizou uma abordagem ao grupo ali reunido e alertou que fossem embora. Ameaçou todos,

dizendo que iria voltar e que se ainda permanecesse alguém no local, seria agredido. Após a batida, dois rapazes que duvidaram das palavras do policial decidiram permanecer no local. Sendo assim, a viatura voltou e desferiu vários chutes e murros nos dois rapazes e que se continuassem no local haveria consequências piores. Durante três dias consecutivos foram realizadas abordagens no mesmo local, impedindo a permanência dos comerciantes por quase uma semana.

Repensando o papel da polícia no contexto das regiões estudadas, Foucault nos ajuda a refletir sobre como se desenrola os processos de vigilância e punição e como vários saberes alteram as relações de poder (Foucault, 1997). Como foi possível escutar entre os traficantes, “quando a casa cai” é sinal que houve falha na operacionalização do comércio e que por algum motivo, pessoas serão punidas. A casa cair significa, na maioria das vezes, que a prática ilícita foi desvendada por indivíduos encarregados de impor a ordem, resultando em agressões, mortes ou prisões.

Durante os métodos de investigação da polícia, tanto em locais públicos como dentro de residências e delegacias é permeado por uma oscilação que tende a misturar técnicas que não estão previstas em leis, mas que tem certo apoio delas quando descreve a importância da obediência na autoridade policial. A polícia civil, principalmente através da DENARC (Delegacia de Narcóticos), age de maneira inesperada e uma das maneiras de se conseguir informações importantes para realizar prisões ou descobrir fontes de lucros para si é através da tortura ou se disfarçando entre criminosos⁹⁴.

Diante da possibilidade de punição, as atividades *desviantes* geralmente têm seu caráter secreto ou de cumplicidade (Becker, 2008). Várias técnicas são desenvolvidas com o intuito de evitar que se torne público o “lado errado” do sujeito que leva uma vida clandestina. O medo de serem pegues pela polícia é um dos fatores que faz com que a manutenção de determinadas práticas permaneçam acontecendo, evitando-se de serem tornadas públicas e punidas.

Como foi possível observar no decorrer do trabalho de campo, diante do poder armado da polícia, agindo de maneira ostensiva contra o tráfico, os operadores do

⁹⁴ Ao discutir sobre o processo de redemocratização da polícia, Mingard ressalta que no Brasil a polícia civil não conseguiu se desvincular de métodos tradicionais de atuação. Ele ressalta que: “uma das justificativas para violência policial é que a tortura é o meio mais eficiente de obter resposta para determinada pergunta.” (MINGARD, 2005, p. 177).

comércio de drogas criam estratégias de proteção para garantir a permanência e fortalecimento dessa rede para que não haja nenhum rompimento. Quando existe alguma falha durante o jogo de relações e negociações, há grande possibilidade de consequências graves e irreparáveis para aqueles envolvidos. As prisões e mortes podem ser consideradas como sendo casos de insucessos para alguns traficantes que operam nesta rede.

5.4 O traficante e o cliente

Durante as observações percebeu-se que os clientes possuem certo respaldo diante dos traficantes que lucram com vendas. Mas tal relação amistosa só é possível quando o usuário age conforme as leis do mercado satisfazendo as exigências dos vendedores. Quando determinado cliente comete algum deslize, as consequências podem ser devastadoras, principalmente quando ele comete algum erro que pode colocar a liberdade do traficante em jogo. Foi possível observar várias cenas em que o usuário foi violentado fisicamente por “vacilar”, fazendo “pilantragem” com algumas pessoas. Fazer “pilantragem” é quebrar algumas normas que são exigidas nas ruas, como tentar enganar ou faltar com respeito a alguém.

As ações ocorridas durante as situações de conflitos envolvendo os usuários e outros traficante, esclarece um pouco da dinâmica das relações sociais no contexto da periferia de Fortaleza. A exposição destes dados etnográficos torna-se fundamental para a compreensão da especificidade histórica do consumo de drogas, principalmente ao que se refere ao tráfico. Sendo assim, compartilha-se a ideia de Weber, quando ressalta que a sociologia é *“ciência que pretende entender, pela interpretação, a ação social, para desta maneira explicá-la causalmente, no seu desenvolvimento e nos seus efeitos”*⁹⁵

Certa madrugada no Beco do Rato um usuário gastou todo seu dinheiro com crack, mas sua vontade de fumar ainda continuava. Embora as circunstâncias não permitissem que ele consumisse mais, este encontrou como possibilidade ir até a casa de um rapaz que vende a droga para comprar fiado. Ele tinha consciência de que estava

⁹⁵ Ver em: WEBER, Ma x. Conceitos sociológicos fundamentais- 1921. In: WEBER, Ma x. Metodologia das ciências sociais. São Paulo: Cortez / Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992. p. 400.

fazendo algo inadmissível no contexto deste comércio, pois ir até a casa de um traficante e acordá-lo para comprar fiado é considerado algo constrangedor e até mesmo desafiador. Por sua vez, o traficante ao se acordar, mandou o usuário sair imediatamente da frente da sua casa, dizendo que este estava dando “mancada⁹⁶” com tal atitude.

Dias posteriores ao acontecido, o traficante alertou seu cliente, dizendo que não deveria ter feito aquilo e que se caso o fizesse novamente iria ‘levar umas caibadas⁹⁷’ imediatamente. E foi isso o que aconteceu novamente, o usuário foi até a casa do traficante para comprar droga sem dinheiro e sem nenhum objeto para empenhar. Sendo assim, o ‘vacilão’ recebeu o que foi prometido, várias caibadas foram despejadas na região das pernas, dos braços e das costas.

Casos como estes, em que o usuário quebra normas supérfluas que não representa ameaças tão grave geralmente é solucionado com agressões físicas. Neste caso relatado acima, o traficante possuía em casa um revolver com o poder de tirar a vida do usuário, mas acabou usando apenas da agressão física, pois este foi o sinal de aviso mais eficaz para o caso.

Esta ação realizada pelo usuário também pode ser chamado no universo estudado como sendo uma “pirangagem”, pois tal sujeito agiu como um “piranguero” que não respeitou as normas da favela, apesar de ter sido avisado sobre a *mancada* que poderia dar. O piranguero é aquele que faz “pirangagem”, podendo ser qualquer pessoa, independentemente de sua classe, cor ou religião.

Nas corporações policiais geralmente existe um ou mais policiais “pirangueros⁹⁸” que são nomeados dessa maneira por praticar atrocidades indevidas sem motivos, somente pela vontade de bater. Geralmente inimigos de outras gangues

⁹⁶ *Dar mancada* é um termo nativo que se apresenta no sentido de quebrar uma regra, cometer um erro, vacilar.

⁹⁷ Ser agredido com um pedaço de madeira que é utilizado para cobertura de casas. Vez ou outra acontecem fatos de agressão, sendo utilizado caibo, pois esta madeira é pesada e simbolizada autoridade nos momentos de descarrego emocional.

⁹⁸ Dependendo de suas atitudes, um policial também pode ser considerado um “piranguero” no contexto estudado, mesmo não sendo uma pessoa que cultiva os costumes apreciados por aqueles que frequentam os locais periféricos da cidade. Pois, ao contrário desse rótulo depreciativo comumente utilizado contra os jovens estudados por sua condição de envolvimento com o crime na periferia, “piranguero” é uma adjetivação para caracterizar pessoas de comportamentos inadequados, relativos comportamentos de “condenáveis”.

são nomeados de pirangueiros, por apresentarem atitudes covardes. “Pirangueiro” também se opõe a “sujeito homem” que é aquele não age por covardia e respeita as normas da boa conduta da favela, é aquele que sabe se comportar mantendo a postura em situações complicadas, realizando as decisões ‘corretas’.

Questionando os interlocutores sobre o que seria um “pirangueiro”, as opiniões foram diversas e referências a ações repudiáveis cometidas pelo outro. Dentão disse que *“Pirangueiro é bicho safado. tem é que morrer mesmo, porque o cara quando é pirangueiro faz pirangagem até com a mãe dele.* Filisteu ressaltou *“Pirangueiro é o cara que ‘vacila’. Tem gente que morre na primeira pirangagem, enquanto outros fazem altas e não morrem.* Filisteu argumentou que *“Eu vivo de olho nos pirangueiros que é pro nêgo⁹⁹ não se atrasar¹⁰⁰. Uma vez, quando um pirangueiro aprontou uma comigo. Sabe o que eu fiz? Quer saber... deixei ele se atrasar com outra pessoa.* Leonor enfatizou que *“Só ando com a galera limpeza. Pirangueiro é bixo ótario. Eu tenho é raiva desses tipos de caras”.*

Outra situação ocorreu em Tiueibes em que um rapaz que durante alguns dias de consumo intenso, gastou seu dinheiro e empenhou vários objetos pessoais, sobrando apenas sua moto. Como ele possuía certa confiança por parte de um traficante, optou por convencê-lo a receber a moto como garantia de pagamento de duzentos reais em *crack*¹⁰¹ que deveria ser entregue na outra semana com o acréscimo de mais cinquenta reais de juros.

O traficante confiou na palavra do rapaz com a moto ficando empenhada e o usuário saindo a pé para consumir, retornando somente na outra semana com o dinheiro

⁹⁹ Maneira informal para referir a si.

¹⁰⁰ O atraso está sendo empregado no sentido de que tal conflito de reparação de perda poderia trazer consequências negativas, como agressões, mortes ou prisão. Por exemplo, passar vários anos presos por um homicídio praticado por motivos ‘supérfluo’ é sinônimo de um atraso.

¹⁰¹ O *crack* vêm ganhando significância neste mercado. Durante a pesquisa de campo, percebeu-se que a cocaína em pó e, principalmente o *crack* mostram ser substâncias mais facilmente encontradas e a que sofreu menos alterações, pois a escassez delas foi menor. A clientela fiel do *crack* garantia o funcionamento mais fluído do comércio. Como foi relatado anteriormente, a venda do *crack* e da cocaína ganham mais intensidade nas madrugadas dos fins de semana na Praça da Matina, Beco do Rato e em Tiueibes, especialmente no começo do mês, quando os clientes possuem mais dinheiro disponível. Geralmente a maconha não era vendida durante as madrugadas, pois o hábito de seus consumidores se diferenciam das drogas estimulantes que estão mais conectada ao álcool.

prometido. Mas houve algo imprevisto, ao invés do usuário chegar com dinheiro, foi sua mãe que retornou com o documento da moto e a polícia para resgatar tal objeto. O traficante teve que se explicar, dizendo que o rapaz é seu colega e que havia lhe pedido dinheiro emprestado e deixou a moto como garantia. Mesmo assim a mãe e o policial levaram a moto, mas sem o pagamento. Segundo o código de honra nativo, o usuário não agiu como sujeito homem que faz sua palavra valer, agiu como um pirangueiro que colocou em risco a integridade daquele que confiou em sua palavra.

Após o caso, o traficante foi atrás de fazer valer as normas da boa conduta da favela, indo atrás do rapaz que deveria pagar com sua vida os riscos e prejuízo enfrentados por esta situação. Ele passou alguns dias à captura do usuário, mandou um rapaz recuperar o dinheiro em sua casa com seus familiares, mas ele estava sumido das áreas. Quando ele voltar, se houver retorno, pode ter a certeza que sua vida estará em risco, pois ele cometeu “um furo de mil graus¹⁰²” que como estes não ficam impunes no submundo do crime.

Outros conflitos enfrentados na relação entre usuários e traficantes consistem na falta de responsabilidade com drogas de traficantes. Alguns usuários de *crack*, participam do comércio de drogas ilícitas, vendendo tais substâncias com o intuito de conseguir dinheiro para fazer consumo próprio. Mas se ele não for cauteloso, diferenciando a droga do comércio e a do consumo, poderá enfrentar complicações. Além disso, tais usuários que consomem o mesmo tipo de droga que vende, também devem ser espertos para não esconder a droga em um lugar inseguro, podendo ser a mesma encontrada por outros usuários e conseqüentemente ficarem em débito com o traficante que é dono das mercadorias.

Durante as observações em campo, percebeu-se que estar em débito com traficante é tolerado até certo ponto. Enquanto estiver com a confiança do traficante ao ponto de comprar fiado e pagar conforme o combinado ou até atrasar alguns dias, a relação se procede de maneira amistosa. Mas se o usuário se aproveitar da “boa fé” do traficante, devendo e extrapolando o prazo haverá certo risco, principalmente quando o comerciante souber que existe a possibilidade de pagamento e o cliente optar por não pagar. Comprar droga a vista de um traficante, estando devendo outro, também é

¹⁰² Um furo de mil grau é quando alguém comete um deslize passível de punições que não devem ser tolerada.

considerado uma “pirangagem” que, provavelmente causará complicações para o devedor, podendo haver mortes.

Foi possível acompanhar parte do processo de cobrança entre um traficante e um cliente que teve consequências graves. Caverna, cliente de Madruga, comprava cerca de 10 gramas de cocaína (custa em média 600 reais) em uma noite de sexta para cheirar no durante o fim de semana. Algumas vezes comprava à vista, em outras comprava uma parte e pegava a outra metade. Algumas vezes acumulava uma dívida de mil e quinhentos reais e após a realização de um assalto pagava 2.000.

Certa vez, o usuário acumulou uma dívida de 2.500 reais ao traficante. Mesmo com Madruga cobrando-o, Caverna passou alguns meses sem pagá-lo. Algumas cobranças ao cliente foram realizadas, mas ele respondia apenas que iria dar certo o pagamento e não o pagava. Ao tomar conhecimento que o Caverna estava se abastecendo com outro fornecedor, o traficante foi novamente cobrá-lo e ameaçá-lo, dizendo que a próxima cobrança seria diferente. Ao saber ser informado da continuidade do consumo do Caverna, Madruga ressaltou que *“Um dia as pedras se batem e ele vai pegar o que merece”*. O assunto encerrou-se com a eliminação de Caverna enquanto jogava sinuca e bebia em uma bar. Caverna disparou vários tiros em Madruga.

Existem aqueles que saem de bairro em bairro, fazendo “pirangagem” com uns e outros. Quando a situação está complicada ele foge, aprontando novamente em outro local. Sendo assim, a cidade torna-se um campo minado, onde a dívida com um traficante, o roubo de uma bicicleta, uma briga com um conhecido pode tornar seu *pescoço bem fininho*¹⁰³.

¹⁰³ Termo que é utilizado para se referir à pessoa que está sob ameaça de morte, prestes a ser assassinada.

Considerações Finais

O propósito deste trabalho foi o de apresentar uma análise sobre o fenômeno do tráfico de drogas a partir da compreensão etnográfica sobre as representações e *significados* envolvendo os *sentidos* das ações voltadas para o comércio varejista do *crack*, maconha e cocaína (Geertz, 1989). Buscando compreender os pontos de vistas dos jovens, objetivou-se as maneiras de traficar, questionando os dilemas, motivações, opiniões e conflitos que permeiam as vivências diárias desses indivíduos.

A partir das *interações* entre o grupo *desviante* estudado e os *empreendedores morais*, buscou-se enfatizar como os conflitos inerentes ao comércio proporcionam consequências “perigosas” aos envolvidos (Becker, 2008). Neste sentido, questionou-se a maneira como a violência através da força da submissão física e psicológica interfere nas negociações envolvendo as situações de venda nas ruas, praças, calçadas e terrenos, onde se perpetua o tráfico.

Diante das observações sobre os quatros pontos analisados, Beco do Rato, Praça da Matina, Canal do Urubú e Tiueibes, verificou-se que a presença de jovens reunidos nos espaços de atuação do tráfico de drogas, proporcionava ações conjuntas de parcela de moradores e da polícia movidas pela repulsa às praticas realizadas nesses encontros. Essas ações, como prisões, agressões e perseguições e outras medidas ganham o intuito de garantir “ordem” e “controle” desses sujeitos.

As experiências e sentimentos compartilhados com os traficantes, durante a realização dessa investigação apontaram que eles carregam *estigmas*, advindos de suas práticas delituosas (Goffman, 1989). Durante tais encontros, os jovens que frequentavam esses espaços de convivência eram vistos como contraventores. Pois eram nesses locais que eles vendiam drogas e conversavam sobre diversos assuntos cotidianos como, religião, política, esporte, lazer e religião. Também, onde discutiam sobre planejamento de crimes, assaltos, seqüestros, assassinatos, agressões, detenção e abordagens policiais.

Nos locais, convivendo com os interlocutores enquanto atuavam em atividades ilegais, pude observar que os seus cotidianos eram permeados por “riscos”, representados através do surgimento e atuação da polícia ou de outros inimigos. A forte possibilidade da aplicação de medidas punitivas contra os “pivetes” traficantes

contribuía para que eles estivessem atentos, ao mesmo tempo em que estavam expostos às ameaças.

Percebeu-se que havia períodos em que os riscos eram intensificados. Maior contingente de policiais garantia maior vigilância e atuação contra os traficantes. Assassinatos cometidos contra rivais alimentavam a sede por vingança e as chances de invasões inimigas sobre o espaço de venda. Estes riscos se refletiam na dinâmica do comércio, ocasionando alianças e desavenças que se manifestaram através de cenas de tiroteios, coronhadas, agressões, prisões e outros prejuízos.

Através dos relatos sobre as histórias vivenciadas pelos varejistas verificou-se que uma série de elementos contribuía para suas permanências na atividade do tráfico. A busca por “consideração”, respeito, honra, sucesso, dinheiro, mulheres, satisfações materiais e um estilo de vida aventureiro, eram ressaltados como quesitos importantes que influenciava para que eles insistissem no comércio, investindo energias e se desviando das ameaças e imprevistos.

Apesar de o lucro do tráfico garantir certos privilégios como armas, motos, roupa de grife, relógios, cordões de prata

, foi possível constatar que nenhum dos interlocutores do varejo conseguiu acumular bens superiores a cinco mil reais com o dinheiro advindos do tráfico. Embora as relações de “trabalho” do crime em questão situem muitas vezes os traficantes pobres em um patamar superior na hierarquia dos fluxos comerciais, percebeu-se que existem várias diferenças de ordem moral e técnica que diferencia aqueles que revendo drogas na rua daqueles que são fornecedores de maior vulto comercial.

Percebeu-se que, se compararmos com outros atores que desempenha a atividade em outras funções, tais interlocutores que estão na linha de frente do tráfico são os que obtêm menores lucros e os que estão mais expostos aos riscos de prisão, agressão, tortura e morte. Embora vivessem encarando e driblando os conflitos, verificou-se também que são os mais fragilizados em relação à violência física e psicológica. Quase todos possuíam passagens por instâncias judiciárias, como presídios e delegacia. Vários carregavam alguns traumas psicológicos, devido á torturas passadas. Muitos possuíam marcas corporais ou sequelas físicas adquiridas em conflitos armados.

A alta rotatividade das substituições de jovens vendedores e a maneira como ocorrem os processos de migração apontou caminhos para o entendimento dos “perigos” que permeiam a atividade. Muitos morreram ou foram presos, mas o comércio parecia continuar a fluir com suas pequenas oscilações e alterações regenerativa. As vendas de drogas nas localidades estudadas não foram cessadas por muito tempo e, por sua vez os usuários e clientes não tiveram escassez da oferta das substâncias que os impossibilitassem de adquirir e mesmo na região.

Por sua vez foi destacado durante o texto que as estratégias como “entocar o flagrante”, andar armados em caso de tentativa de assassinato, informar-se sobre as corporações que rondam, eram medidas de proteção defesa agenciadas pelos próprios traficantes com o intuito de “obter sucesso” no contexto criminal.

As armas de fogo, importantes instrumentos de defesa para os operadores do tráfico, ao mesmo tempo em que garantem uma ideia de poder sobre a vida do outro, também é uma das grandes responsáveis pelas mortes dos mesmos. Muitos deles através da confiança obtida a partir de suas armas de fogo praticavam outros tipos de crimes, ligados ao tráfico ou não.

Constatou-se que a maioria sabia que a qualquer momento poderiam ser vítimas da imprevisibilidade que o comércio de drogas proporciona, por isso desempenhavam estratégias de manutenção das suas integridades físicas e psicológicas. Tentavam camuflar suas identidades e práticas através das estratégias de acobertamentos. Ameaçavam vizinhos delatores. Alertavam seus clientes sobre as ameaças locais.

Por isso, nem sempre estavam em deixavam ser levados pela ameaça, agindo na contra ofensiva assassinando membros de gangues rivais, praticando assaltos, agredindo clientes, humilhando pessoas indefesas, principalmente quando estavam sob ameaças. Alguns deles agrediam suas esposas; instigavam desavenças para se imporem como autoridade; aproveitavam-se da fraqueza de alguns usuários para conseguir obter objetos domésticos por um preço bastante abaixo de seu valor de mercado; delatavam traficantes rivais à polícia.

A conclusão final é que os interlocutores vivenciam os riscos através de ameaças punitivas adquiridas a partir das atividades ilegais. As possibilidades de abordagens policiais, ataques de grupos rivais ou circulações de informações sobre o tráfico,

indicaram as tensões enfrentadas. As imprevisibilidades destas ações tornaram o ambiente “um pavio de pólvora” a céu aberto que pode oferecer a qualquer hora prisões, agressões ou morte.

Por fim, pode-se concluir, com base nas as observações realizadas no âmbito deste trabalho, que os principais perigos enfrentados por estes jovens referiam-se às acusações e incriminações que estavam entrelaçadas às cenas de violência nos locais estudados. Dar voz a essas práticas foi uma maneira de buscar refletir sobre as consequências concretas da aplicação de regras e de punições por diversos atores sobre os denominados “pivetes” traficantes “das áreas”.

Em relação a trabalhos futuros este estudo fornece algumas opções no que diz respeito à continuidade do desenvolvimento da pesquisa. Apesar dos resultados não poderem ser generalizados devido às limitações da representação proporcionada por um texto etnográfico, reconhece-se que muitas lacunas e hipóteses podem ser melhores discutidas em uma pesquisa aprofundada.

Bibliografia

BARBOSA, Antônio Rafael. *Um abraço para todos os amigos: Algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. EDUFF, Niterói, 1998.

BARREIRA, César. *Violência Difusa, Medo e insegurança: as marcas recentes da crueldade*. Revista brasileira de sociologia. Vol1 nº 1. 2013

BATISTA, Vera. *Difíceis Ganhos Fáceis: Drogas e Juventude Pobre no Rio de Janeiro*. 2ed Rio de Janeiro: Revan, 2009.

BEAUD, Stéphane. WEBER, Florence. *Guia para a pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis. Editora Vozes, 2007.

BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. *Falando da Sociedade: Ensaio sobre as Diferentes Maneiras de Representar o Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

_____. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Tradução de Maria X. de Borges. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. (org.) *A miséria do mundo*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. A linguagem autorizada: as condições sociais da eficácia do discurso ritual. In: *A economia das trocas lingüísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo, Edusp, 1996, pp. 85-96.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2007.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

DIOGENES, Glória. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento Hip Hop*. Fortaleza: Annablume, 1998.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo, Loyola, 2008.

_____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

1997, 95, 88, 91

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II – Ouso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 1ª ed. GEERTZ,

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos; 1989.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Nota sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2005.

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. *Criminalidade violenta e ordem Pública: nota metodológica*. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v.13, pp.115-124, novembro, 1999.

MAGNANI, J. Guilherme & TORRES, Lilian. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp., 2000.

_____ e SOUZA, Bruna (orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MATOS JUNIOR, C. C. *Violência, Cidadania e Medo: Vivências Urbanas em Fortaleza*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MINGARDI, Guaracy. *Tiras, gansos e trutas*. Scritta: São Paulo, 2005.

MISSE, Michel. *Malandros, Marginais e Vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Tese de doutorado apresentada ao IUPERJ, Rio de Janeiro, 1999.

_____. *As ligações perigosas. Mercado informal legal, narcotráfico e violência no Rio*. Revista Semestral de Ciências Sociais e Educação, IEC, Ano II, n. 1, 1997.

_____. *O Movimento: A constituição e reprodução das redes do mercado informal ilegal de drogas a varejo no Rio de Janeiro e seus efeitos de violência*. In: Drogas e pós-modernidade. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2003.

NAVARRO, Marcelo Moraes. *Uma análise da relação entre o Estado e o tráfico de drogas: O mito do "Poder Paralelo"*. Ciências Sociais em Perspectiva (5) 8 : 1º sem. 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. 2.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo : Ed. UNESP,2000.

PAIS, Jose Machado. *"Buscas de si; expressividade e identidades juvenis"*. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGENIO, Fernanda (orgs). *Culturas Jovens. Novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

RODRIGUES, Thiago. *Tráfico, Guerra, Proibição*. In: LABATE, Beatriz; GOULART, Sandra; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique (organizadores). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, p. 91 – 103, 2008.

RUI, Taniele. *Depois da 'Operação Sufoco': sobre espetáculo policial, cobertura midiática e direitos na 'cracolândia paulistana'* (Dossiê Tramas Urbanas, org. por Gabriel Feltran e Neiva Vieira). *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 3, p. 287-310, 2013

SÁ, Leonardo Damasceno de. *Guerra, mundão e consideração: uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, 2010.

_____. *A condição de bichão da favela e a busca por consideração: Uma etnografia de jovens armados em favelas à beira-mar*. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 4, p. 339-355, 2011

SANTIAGO, João Pedro de. *Fronteiras de Pedra: Controle, exclusão e sociabilidade nas madrugadas da praça*. Monografia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal do Ceará, 2011.

_____ e SÁ, L. *Entre tapas e chutes: um estudo antropológico do baculejo como exercício de poder policial no cotidiano da cidade*. *O Público e o Privado (UECE)*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 147-163, Março 2011.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*; trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SIMÕES, J. A. *Prefácio a "Drogas e cultura": novas perspectivas"*. Salvador/ São Paulo: EDUFBA, MINC, Fapesp, 2008. . Salvador, 2008. (Prefácio, Pós-fácio/Prefácio).

SIMMEL, George In: FILHO, Evaristo de Moraes (org.). *George Simmel: sociologia*. SP: Ática, 1983.

_____. *Filosofia do dinheiro*. João Pessoa: GREM, 2002.

TELLES, Vera da Silva. *A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

VELHO, Gilberto. *Nobres e anjos: Um estudo de tóxicos e hierarquia*. Editora FGV, Rio de Janeiro, 1998.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

WAGNER, R.A *invenção da cultura*. Tradução de Marcela Coelho e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de Esquina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo: Cortez / Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.